Fundador:
Edson Régis
* 27-Maio-1949

Correio das Artes

Suplemento
quinzenal
de A UNIÃO

NOVA FASE

João Pessoa, 30 de Agosto de 1981

Nº 154

ANOTAÇÕES PARA UM LIVRO DE VIAGEM

Sérgio Faraco

À Noite em Amsterdam

Lêdo Ivo dedicou a Cassiano Ricardo o poema *À Noite em Amsterdam*. Eu o li num domingo e um sopro de nostalgia veio aquecer minha tarde quieta. "Os operários descem de bicicleta trazendo a noite", escreve o poeta, "Amsterdam é bela com seus canais, suas pontes sobre o Amstel e o Dan, seus navios mais altos do que a terra". A lembrança que guardo da noite de Amsterdam se compõe de meia dúzia de fatos e pessoas, e não é tão nítida como no poema.

Imaginem que meu destino era Praga e, por causa de um problema de passagens em Paris, precisei seguir viagem até Amsterdam para o pernoite. Dez e da noite, caía uma chuva fina, o ascensorista do hotel Die Port Van Cleve, segundo depreendi, falava inglês, alemão, francês, espanhol e misturava tudo, foi um caro custo obter dele um endereço qualquer para não passar a noite só.

Minha vaga memória sugere que no tal endereço havia um estacionamento para bicicletas e que o "cheiro de água domada que envolve a cidade" aumentava à medida que a chuva ia molhando a Kalverstraat. O porteiro, ali, também era poliglota e bem informado. Para o *brasiliano* que chegava fez o elogio de Pelé e Buenos Aires, onde, aliás, tinha um parente.

Pedi cerveja, e estou pronto a reconhecer que com mais de um copo já não sei o que faço. A casa cheia, gente alegre, bem disposta e querendo divertir-se, todo mundo cantava e penso que eu também naquele idioma universal dos bêbados felizes. Numa das mesas havia um grupo de franceses, participantes de um congresso ou coisa assim, e foi um deles o inventor da brincadeira: era absolutamente necessário que o *rei* virasse um caneco goela abaixo. E o rei era cada um, na sua vez. O sujeito emborcava e as meninas aplaudiam, dando vivas ao rei, logo despiam uma peça do vestuário, com a qual o coroavam. Se o rei se acovardava, era *rei morto*, elas entornavam o caneco na cabeça dele eo imposto fúnebre era pago em dólar. Mais ou menos isso o publicável.

Me recordo de ter passado novamente pelo estacionamento de bicicletas e de que, de repente, aparece na história uma Gerda de tal. É um pequeno apartamento e a proprietária, para reanimar o pobre hóspede, serve-lhe café preto e um queijo malcheiroso. Madrugada. Chove ainda. Gerda. Rei morto. Um gosto de colubiazol na boca, meu Deus, em algum lugar perdi minha cinta e no bolso do paletó encontro uma niqueleira que não é minha. Onde é mesmo que estou? A que horas parte meu avião? É a mesma Gerda que, na apressada despedida, me devolve intatos os cheques de viagem, a passagem, a carteira, que estavam em seu poder, sem que eu soubesse, desde a coroação do primeiro rei.

Escreveu Lêdo Ivo, ainda, sobre Amsterdam: "Diques e muralhas de tulipas protegem do mar as casas dos homens, onde luzes cintilam de confiança terrestre".

Correio das Artes
(Suplemento de A UNIÃO)

EDITOR
Sérgio de Castro Pinto

SUPERVISOR
Agnaldo Almeida

CONSELHO CONSULTIVO
Gonzaga Rodrigues
Antônio Barreto Neto
Arlindo Almeida
Walter Galvão
Vilson Brunei Meller
Sérgio de Castro Pinto

* * *

Os conceitos e opiniões emitidos em matérias assinadas são de inteira responsabilidade de seus autores.

Os originais de matérias não publicadas, mesmo quando solicitadas pela Editoria, não serão devolvidos.

* * *

Toda correspondência referente à editoria (cartas, colaborações, revistas e livros para registros) deve ser enviada à Rua Desembargador José Peregrino, 321, João Pessoa/Paraíba.

A correspondência referente a vendas, assinaturas e publicidade deve ser enviada para A UNIÃO Companhia Editora, Distrito Industrial, km 3 da BR-101, João Pessoa/Paraíba.

Assinatura anual
Paraíba
Cr$ 350,00
Outros Estados
Cr$ 400,00

Quase cantiga

Quero da noite
somente o sono.
Quero do dia
o que for insone,
não quero mais nada,
não tenho fome.

Eulajose Dias de Araújo

NESTE NÚMERO

De 16 a 21 de julho, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte promoveu, conjuntamente com o Projeto Rondon, o I Seminário de Semiótica e Arte de Natal. O Seminário, que se revestiu de pleno êxito, teve a participação de nomes os mais representativos da cultura nacional, além de ensejar a criação da Associação Brasileira de Semiótica - Regional do Rio Grande do Norte -, fundada em assembléia aberta a um público que se dispôs, inclusive, a permanecer na sala de debates até que fossem firmadas as linhas mestras da ABS/RN.

No aludido Seminário, a Paraíba se fez representar por Raul Córdula Filho, Chico Pereira e Unhandeijara Lisbôa, todos os três ligados ao Núcleo de Arte Contemporânea da Universidade Federal da Paraíba.

Neste número - e graças ao artista plástico J. Medeiros, um dos organizadores do Seminário -, reunimos, alguns dos textos que foram objeto de debates em Natal, sendo que a maioria deles - a exemplo do de Paulo Sérgio Duarte - não foi revisada por seus autores.

Chico Viana, que anteriormente entrevistou Antônio Carlos Villaça para este mesmo *Correio das Artes*, entrevista, desta feita, o poeta e crítico Gilberto Mendonça Teles, no exato momento em que o autor de *Arte de Amar* completa 50 anos de vida e 26 de atividade literária. Além da entrevista, publicamos alguns poemas deste poeta goiano ora radicado no Rio de Janeiro.

A poesia paraibana se faz representar por Archidy Picado, Luiz Augusto Crispim e Violeta Formiga.

No mais, veiculamos textos de Sônia Maria Van Dijck Lima, Sérgio Faraco e Nélida Piñon.

No próximo número do *Correio das Artes* estaremos prestando uma homenagem a Glauber Rocha, recentemente falecido. Aguardamos colaborações.

O EDITOR

Correio das Artes
NOVA FASE

A capa deste número do Correio das Artes *é de Pontes da Silva que, com vários outros artistas, foi um dos responsáveis pela criação do Grupo Sanhauá. Pontes atualmente, faz Mestrado em Letras na Universidade Federal de Pernambuco.*

SEMIÓTICA DA LITERATURA

Décio Pgnatari

O signo literário é o signo verbal sensível. Para defender a sua sensibilidade, opera na interface, afivela-se dupla *persona*, máscara de uso também pelo avesso - em relação ao discurso lógico normal, entenda-se. Trata-se de uma escritura suspeita, pois paralógica, uma afasia deliberada que puxa pela fala-cauda lógica e quebra as pontas das flechas teleológicas.

Duplo disfarce: voltando um vulto para os sons e/ou outro mesmo vulto para os vazios, vazados e desenhos da própria escritura. São modos pelos quais ilude e elude o eixo da contiguidade, para poder transar com o ícones do eixo da similaridade, suas afinidades eletivas. Uma subversão onírica latente nas sinapses da linguagem, princípio e fim do prazer. Mais solerte ainda quando se finge do prosaico e conta histórias. Inútil dizer-se *short story*, pois que essa *story* já é uma abreviatura de *history*, uma síntese fônica, poética. É uma crítica ideológica, melhor, ideo-analógica, da história. À ideologia do diz-curso verbal, o signo literário opõe uma ideanalogia do recurso icônico. Quando prosa, monte histórias por parataxe, monta estórias-ideogramas. O discurso pode parecer límpido, sem paronomásias, como em Stendhal ou Borges: as estórias montam configurações paramórficas, biogramas, biografemas, interbiogramas. Quando esses biogramas se paramorfizam, ou se paramorfisicam, temos Sterne e Joyce. E o Machado mallarmaico do *Brás Cubas*, um homem e uma obra que representam mais para a liberdade de criação do que a quase totalidade das pregações do atual jornalismo sócio-cultural.

Em relação à prosa corrente, bem pouco riocorrente, que se pretende, ela sim, prosa pura, possibilidade de explicação de tudo, desvinculada dos demais signos, fundo abstrato de significado de todos eles, o signo literário é o signo verbal que gosta de encostar-se nos demais signos, para perguntar: "O que vocês acham que eu significo?"

SEMIÓTICA DA ARTE E DA ARQUITETURA

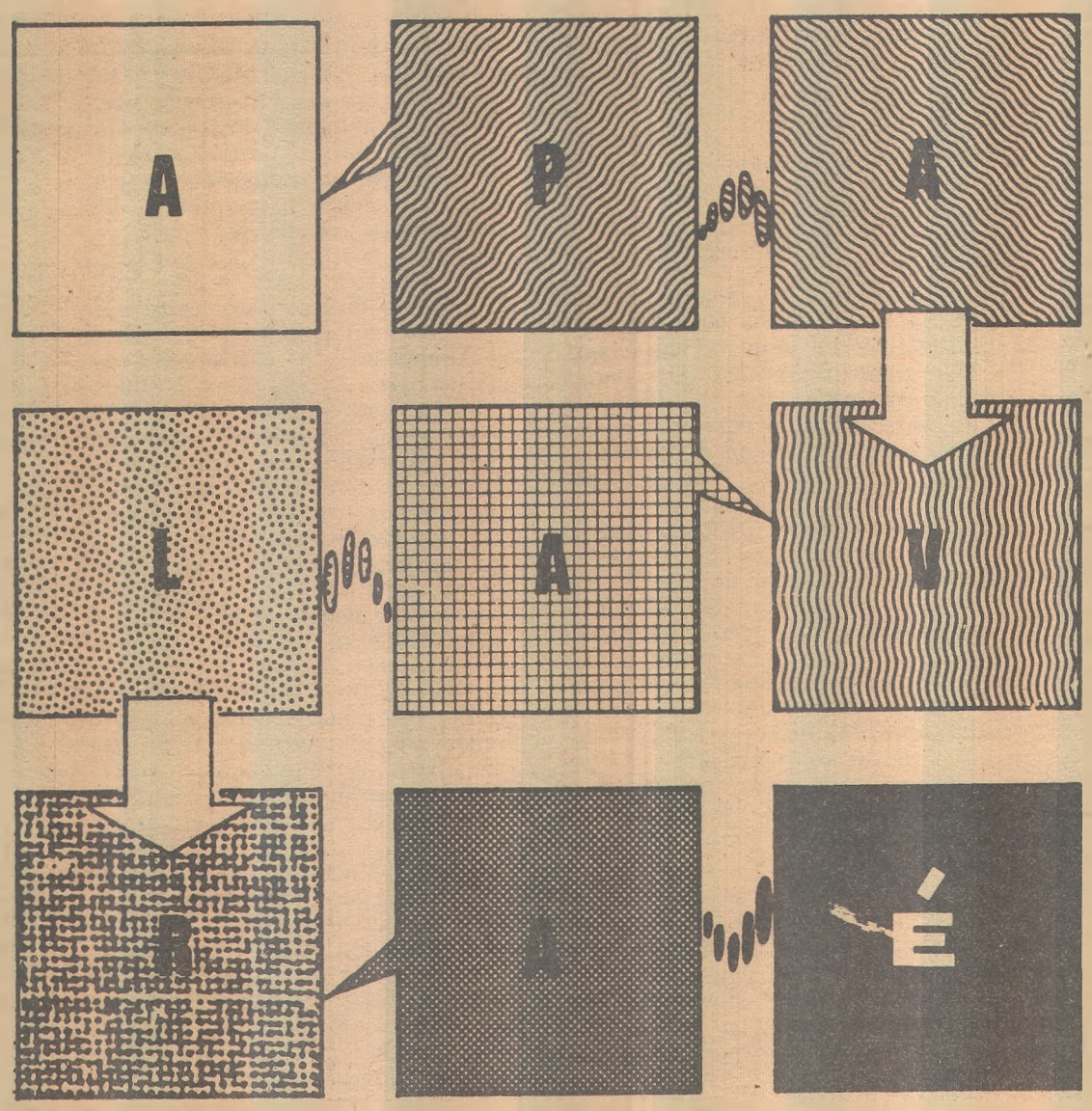
Aqui, o verbal é o signo estranho, embora não totalmente ausente. Como dizia Valéry, nem toda arquitetura é pedra. Um signo icônico útil: a arquitetura, o desenho industrial (sistema de objetos); outro, in-útil: a arte.

É de seu natural organizar-se no eixo da similaridade, paratática e paramorficamente. Afinal, paredes são planos que se trocadilham. Juntamente com pisos, tetos, portas, janelas.

Na arquitetura, se a coerência se mantém, temos as soluções clássicas da arquitetura moderna, o que se costuma chamar de boa arquitetura. Ou as límpidas, e não tão límpidas, soluções do nosso barroco colonial. Não tão límpidas, num e noutro caso, quando os signos componentes sofrem a atração, e a ela não resistem senão parcialmente, do eixo sedutor, o eixo da contiguidade. Temos então soluções dúbias, híbridas, demasiado simbólicas, *kitsch*. O Palácio da Alvorada é um caso-limite, para muita discussão: uma colunada barroca para uma estrutura de límpida etimologia mies-vander-roheana. Em lugar do paramorfismo, a metáfora. A pedra, o aço, o concreto, o alumínio, o vidro, como que se amolgam a um discurso externo.

Em arte, esse desvio metafórico em direção ao eixo da contiguidade se manifesta sempre em que se dá a prevalência do "assunto", do "conteúdo", em relação à composição. No surrealismo e todas as suas ramificações, o fenômeno é evidente. O significado prévio se pré-qualifica no quadro. Mas não é sempre assim, não foi sempre assim. No início e no fim das "crenças" (ideologias), tem-se notáveis entrosamentos forma/conteúdo (Idade Média, Formalismo Russo, etc.). O meio, em geral, é medíocre. A invenção formal de hoje será o "conteúdo" de amanhã.

No universo urbano, e sob o signo do consumo (que é também um signo de participação, não esqueçamos), uma pura montagem estrutural será traduzida para as minorias de massa (estudantes universitários, por exemplo) sob a forma de colagem, e para as massas sob a forma de bricolagem (Estação Rodoviária de S. Paulo, por exemplo).



SEMIÓTICA ENQUANTO METODOLOGIA DA ARTE

• Francisco Ivan da Silva

Deveria iniciar por interrogar-me acerca do título deste trabalho e, principalmente, acerca dos termos, "Semiótica", "Métodologia" e "Arte". Mas, aqui, não tenho outra preocupação, a não ser a de sonhar alto a pesquisa da arte através da Semiótica. Eu diria: prazerosamente pensar a arte do e no nosso tempo. Desde já, faço minhas restrinções, não à metodologia para a compreensão da obra de arte, mas aos que acreditam na eficácia do método e esquecem de fruir a obra esteticamente. Para muitos isso pode parecer privilégio. Se assim o for ficaremos com R. Barthes quando diz: privilégio enorme, quase injusto, num momento em que o ensino das letras está dilacerado até o cansaço, entre as pressões da demanda tecnocrática e o desejo revolucionário de seus estudantes.

É, com efeito, de arte que se tratará diretamente neste trabalho e indiretamente de poder, visto que, o momento presente é institucional, ou seja, trata-se do problema do ensino ou de uma discussão artística em salas de universidade. E o poder aí está, emboscado em todo e qualquer discurso, mesmo quando este parte de um lugar fora do poder.

A pesquisa dos fenômenos culturais com a aplicação de recursos da Semiótica constitui uma das tarefas mais atuais e, ao mesmo tempo, mais complexas, na esfera dos problemas contemporâneos do ciclo das Ciências da linguagem. Para a maioria dos intérpretes do pensamento de Peirce, criador da Semiótica, suas mais importantes contribuições foram o pragmatismo e a teoria dos signos.

Sem termos por objetivo uma descrição completa do conceito de Semiótica e de Signo, podemos definir funcionalmente da seguinte maneira: Semiótica é uma teoria da linguagem, é uma concepção científica da linguagem e, como tal, se funda nas origens mesmas da própria linguagem humana. Enquanto teoria, a Semiótica constitui, com efeito, um complexo estável de conhecimentos, bem como, um instrumental para uma possível metodologia. Para não ficarmos presos demais às definições, tomariamos entre muitas, a seguinte definição de Signo formulada por Peirce: signo é *algo* que equivale a *alguma coisa* para *alguém*, sob certo aspecto.

Não estamos perante uma ciência nova nem uma nova ciência. É preciso evitar os modismos e esteriótipos. A pesquisa artística exige, antes de mais nada, de seu pesquisador consciência da criação artística. O que pode ser novo aqui é tão somente os recursos da Semiótica para a abordagem do objeto poético. Se o objeto de investigação da Semiótica é a linguagem, isto é, o Signo, fica mais do que comprovado que a Semiótica é uma ciência muito antiga. Pergunta-se então: e por que só a partir dessas últimas décadas é que se faz notar a sua aplicação junto aos fenômenos culturais?

Ao que parece esta questão está basicamente ligada à questão do discurso da arte hoje, ao problema da comunicação. No passado isso não se constituia como problema, pois a comunicação já era vivenciada. O objeto de reflexões, por exemplo, do pesquisador medieval era a relação entre o significante e o significado, ou seja, sua reflexão se dava entre o material e o conteúdo desse material, o que constituia por assim dizer o signo. Assim, os objetos sagrados possuiam valor pela sua participação com a divindade, na mesma medida em que o homem era participante de qualquer corporação social. (Quanto a isto leia-se de Boris Schneiderman, Semiótica Russa, nº 162, da Coleção Debates, Perspectiva.

Curiosamente, contemporâneo de Saussure, Peirce faz a seguinte observação a respeito do Signo: "Um signo "representa" algo para a idéia que provoca ou modifica. Ou assim - é um veículo que comunica à mente algo do exterior. O "representado" é o seu objeto; o comunicado, a significação; a idéia que provoca, o seu *interpretante* (...) A significação de uma representação é outra representação. Consiste, de fato, na representação despida de roupagens irrelevantes; mas nunca se conseguirá despi-la por completo; muda-se apenas para roupa mais diáfana. Lidamos, então com uma regressão infinita. Finalmente, o interpretante é outra representação a cujas mãos passa o facho da verdade; e como representação também possui interpretante. Aí está uma nova série infinita".

Pode-se ver pelas observações acima que uma série de problemas se nos apresentam. Apontaria como um dos principais a desconstrução do próprio objeto da linguística. Essa desconstrução (da linguística), Barthes chama de Semiologia. Aponta o semiólogo francês para a seguinte questão: "Chegou um tempo em que, como atingido por uma surdez progressiva, não ouvi senão um único som, o da língua e do discurso misturador. A linguística me pareceu, então, estar trabalhando sobre um imenso engano, sobre um objeto que ela tornava abusivamente próprio e puro, enxugando os dedos na meada do discurso, como Trimalcião nos cabelos de seus escravos". E continua: "A semiologia nasceu de uma intolerância para com essa mistura de má fé e de boa consciência que caracteriza a moralidade geral, e que Brecht chamou, atacando, de Grande Uso. A língua trabalhada pelo poder: tal foi o objeto dessa primeira semiologia".

Outro problema que se desvela a partir da noção de *interpretante* diz respeito à consciência de linguagem do pesquisador semiótico ou mais precisamente da consciência da criação poética. Essa chamada consciência de linguagem implica um enorme complexo de relações estruturais para compreender o próprio sentido do signo do mesmo modo que conhecer o *Interpretante*, que é o que o signo ele próprio expressa, pode requerrer o mais alto poder de abstração.

Essa questão merece ser discutida, re-pensada, pois, trata-se do problema da arte mesma. E o problema da arte é a linguagem enquanto invenção e criação. O problema da arte é o signo em estado de Primeiridade numa permanente tensão com os símbolos, os valores sociais, os emblemas, ou seja, com a consciência dominante. Na antiguidade isso não era problema, pois tudo se explicava a partir de Deus, isto é, a partir de uma consciência do divino. Num certo momento a morte de Deus dificultou imensamente a explicação do objeto-arte. A arte hoje é muito mais um problema, ou melhor, ela é o problema, já que não pode ser mais satisfação estética do homem. Cria-se um estado de tensão. O pesquisador de arte fica assim perante um espetáculo imaginário do qual ele também participa como imaginador, como criador de signos. Saboreando a beleza do espetáculo, o semiótico sabe das suas condições de produção.

Há um princípio de erro da parte dos que pensam poder segurar o repouso-movimento da obra de arte em esquemas conceituais ou em categorias metodológicas. São as obras de artes que criam seus métodos, as suas linguagem e metalinguagens. Não é o método que cria a obra de arte. A arte possui um repouso - movimento, isto é, ela tem suas raízes e seus caminhos. E nestes condições a obra de arte é completamente irredutível. Nesta irredutibilidade ela diz o mundo. É preciso então buscar compreender melhor a arte, pois empreendendo-se melhor a arte compreender-se-à melhor os problemas do tempo, o problema de uma metodologia para a obra de arte não deve ficar ao nível da constatação da validade e cientificidade do método. A atividade artística feita desta maneira implica o condicionamento da própria obra de arte. E o condicionamento da obra de arte é uma questão que deveria ser colocada, ou pelo menos pensada. Para isto traria uma citação de R. Barthes: quando pensando a literatura em sua *Aula* de 1977, no Colégio de França: "As forças de liberdade que residem na literatura não dependem da pessoa civil, do engajamento político do escritor que, afinal, é apenas um "senhor" entre outros, nem mesmo do conteúdo doutrinal de usa obra, mas do trabalho de deslocamento que ele exerce sobre a lingua..."

O problema de uma metodologia para análise da obra de arte deve ser enfrentado artisticamente. O pesquisador deve ter a coragem de enfrentar a linguagem da arte em suas encruzilhadas. O pesquisar a arte é também um ato criador: do ponto de vista da literatura, o que se chama de consciência poética, se dá do seguinte modo: Camões cria a Eneida de Virgílio; Pessoa cria os Lusíadas de Camões; como diz Jorge Luís Borges, Kafka inventa precursores.

Trata-se, por conseguinte, de se pensar o signo artístico na sua presnetidade, na sua materialidade e fisicidade. Esta é justamente, segundo creio ter compreendido, a atitude científica da Semiótica enquanto teoria dos signos. Pensando a questão do *intellectus*, Peirce cita Aristóteles: "Nihil est in intellectus quod non prius fuerit in zensu". Segundo Peirce, o intellectus é o significado da representação em qualquer espécie de congnição, virtual, simbólica ou outra. Parece que nesse aspecto, Peirce procura diálogo com a metafísica de Hegel e, principalmente quando vai sistematizar as chamadas categorias universais de Primeiridade, Secundidade e Tercelidade.

Diz ele: "Fique entendido que o que temos a fazer enquanto estudantes de fenomenologia é simplesmente abrir os olhos do espírito e olhar bem os fenômenos e dizer quais suas características quer o fenômeno seja externo, quer pertença a um sonho, ou uma idéia geral e abstrata da ciência.

De posse de uma profunda consciência de linguagem e como um artista, Sartre em seu texto, "Imaginação", abre uma severa discussão com Descartes, Leibnitz e Humo apontando para a importância do pensamento imagético, de resto, o pensamento artístico, sem negar inclusive a necessidade da abstração para a própria compreensão da arte enquanto um processo de produção de significantes. "Eis por que não se rejeita o associacionismo: é preciso apenas integrá-lo. O associacionismo é o corpo, é a fraqueza do homem. O pensamento é sua dignidade. Mas nunca a dignidade sem fraqueza, nunca o pensamento sem imagens". E acrescenta: "Para concluir, a hipótese de um pensamento puro sem imagens e sem palavras é muito pouco provável e, em todo caso, não está provada".

Talvez, no que diz respeito à questão da Semiótica enquanto metodologia da arte, o próprio Peirce queira atentar para o fato de que é necessário um procedimento também artístico e, em assim sendo, o método não seria um complexo fixo e inalterável de regras de trabalho, mas, acima de tudo, um procedimento. São três as faculdades com que devemos minir-nos para esta tarefa. (fala Peirce) A primeira e principal é a qualidade rara de ver o que está diante dos olhos, como se apresenta, não substituído por algumas interpretações. (...) É esta a faculdade do artista que vê as cores aparentes da natureza como elas realmente são (...) O poder observacional do artista é altamente desejável na fenomenologia". Neste sentido, se poderia afirmar que, a obra de arte espera de ser receptor muito mais um procedimento estético do que sua simples adaptação a um conjunto de regras metodológicas. Procedimento estético este, que implicaria sem dúvidas, uma metalinguagem artística. Ao decifrar um certo digno o pesquisador estaria criando um outro sistema significante, estaria de uma certa maneira criando marcas e marcando a sua época através de sua linguagem artística.

Da Semiótica enquanto teoria da linguagem a Semiótica como Metodologia da Arte

• MARIA LÚCIA SANTAELLA BRAVA

RONALDO WERNECK

A Semiótica, a mais jovem filha a despontar no horizonte das ditas ciências humanas, teve um peculiar nascimento, assim como apresenta, nesta sua fase de desenvolvimento, uma aparência não menos peculiar.

A primeira peculiaridade reside no fato de ter tido, na realidade, dois nascimentos quase simultâneos no tempo, mas distintos no espaço e na paternidade. Um dos pais (o européu F. de Saussure) restringiu-se a dar-lhe um nome (Semiologia) e a prever a necessidade de sua existência futura. O outro (C. S. Peirce, norte-americano) mergulhou a tal ponto na tarefa proposta dois séculos antes por J. Locke (ou seja, a da construção de uma teoria dos signos em geral) que ergueu os fundamentos desse estudo desde seus alicerces mais profundos até suas mais instigantes implicações.

De lá para cá, os caminhos dessa ciência continuam a seguir trilhos paralelos: semelhantes no nome e nas intenções, mas diferenciais nas fundações e nas suas histórias.

Nunca foi proposta de Saussure fundar a Semiologia. Sabe-se que sua prioridade se colocava no desbravamento da Linguística como ciência da linguagem verbal. Quase 50 anos pós-saussurianos precisaram, no entanto, transcorrer para que a linguística estrutural fosse devidamente divulgada e ampliada, seu método aplicado a áreas vizinhas, seus princípios aproximados ao formalismo, russo, suas descobertas devidamente exploradas pelos novos pensadores. Assim sendo, só por volta dos anos 60 é que a proposta saussuriana de nascimento da Semiologia passou a ser resgatada diante da necessidade de uma ciência que desse conta do estatuto e das distinções entre as variadas linguagens veiculadas pelos diferentes meios de comunicação(jornal, cinema, revistas, rádio, TV, etc.) e que desse conta, antes de mais nada, de um instrumental teórico mais apto a discernir a natureza da arte e da literatura modernas.

Desse modo, a Semiologia ou o lado européu dessa ciência, passou a se desenvolver a partir do legado saussuriano, absorvendo também o referencial hjelmsleviano e emprestando conceitos de campos de estudos vizinhos: semântica, teoria da comunicação, teoria da informação estudo dos mitos, simbólica, teoria literária, etc.

No seu outro lado, porém, o norte-americano, o legado peirceano dessa ciência não menos gozou dos mesmos privilégios de divulgação, absorção e ampliação imediatas. As 70.000 páginas, deixadas por esse pensador solitário e incansável, esperaram e ainda esperam pelo seu reconhecimento. Muito vagarosamente ainda começam a ser decifradas.

Pelo que nos foi dado conhecer, por entre essas dezenas de mil páginas já nos é permitido afirmar que a Semiótica peirceana, longe de ser uma ciência a mais entre as outras "ditas" ciências humanas, é, na realidade, uma teoria filosófico-científica da linguagem que brota de dentro de um gigantesco corpo teórico. E esse corpo teórico, por sua vez, revoluciona, nos alicerces, os 25 séculos de filosofia ocidental.

Nessa medida, dentro do pensamento de Peirce e no espaço de sua arquitetura filosófica, a Semiótica não é apenas uma parte desse edifício, mas seu sustentáculo. É Peirce, ele mesmo, quem diz: "... desde o dia em que, na idade de 12 ou 13 anos, eu peguei, no quarto de meu irmão mais velho, uma cópia da Lógica de Whateley e perguntei ao meu irmão o que era lógica, ao receber uma resposta simples, joguei-me no assoalho e me enterrei no livro. Desde então, nunca esteve em meus poderes estudar qualquer coisa - matemática, ética, metafísica, anatomia comparativa, gravitação, termodinâmica, ótica, química, astronomia, psicologia, fonética, economia, a história da ciência, jogo de cartas, homens e mulheres, vinho, metrologia, exceto como um estudo de Semiótica".

O que Peirce quer dizer, com isso, e que levou até às últimas consequências no decorrer de quase 50 anos de completa dedicação, é que todas as construções humanas (no seu viver e fazer, na sua apreensão e representações, do mundo) se configuram no interior do universo da linguagem, ou seja, configuram-se no interior da mediação inalienável do signo em sentido lato, o que conduz as concepções de linguagem até suas mais radicais implicações. Com isso, aflora o que poderíamos denominar o mais cabal deslocamento no pelo e vetor da epistemologia filosófica.

Não há dúvida, que a linguagem tem sido, neste século, o objeto nuclear das indagações filosóficas. A posição de Peirce, nesse contexto, entretanto, é personalíssima, visto que, enquanto a moderna filosofia européia tem buscado questionar o logocentrismo ocidental, utilizando ainda as ferramentas exclusivas de um pensamento logocêntrico, na filosofia de Peirce essas ferramentas são dinamitadas de saída. Por outro lado, vindo de uma formação nas ciências exatas, Peirce representa a novidade de não separar a filosofia e a construção do pensamento filosófico dos avanços e descobertas nas modernas ciências exatas.

Nessa medida, sem negarmos a importância dos estudos realizados pela Semiologia, acreditamos que, cada vez mais, o debate Semiologia e Semiótica tenderá a se desfazer e esvair diante de um outro debate: o da teoria peirceana em diálogo de absorção e oposição com 25 séculos de tradição filosófica ocidental.

Não queremos com isso dizer que os estudos semiológicos tenderão a desaparecer. Ao contrário. Mas tenderão a ser convertidos em casos particulares de uma ciência mais ampla: a Teoria Geral ou quase formal e necessária doutrina dos signos.

"Nos primeiros anos da revolução russa, Maiakovski, Kamenski, Burliuk, declaram liquidada a arte oficial dos museus. Postulam e realizam a arte na rua, dizem textualmente: "As ruas são as festas da arte para todos".

• Horácio Zabala

"Nos primeiros anos da revolução russa, Maiakovski, Kamenski, Burliuk, declaram liquidada a arte oficial dos museus. Postulam e realizam a arte na rua, dizem textualmente: "As ruas são as festas da arte para todos".

• Horácio Zabala

Art Door: Antes Arte do que Tarde

• J. Medeiros

Nos primeiros anos da década de 80, no Brasil, a arte ocupa o espaço urbano, onde a sua presença causa uma série de leitu[redacted] nos mais diversificados níveis informacionais. Entre alguns dos acontecimentos artísticos ocorridos, podemos destacar três importantes. Primeiro, a interferência urbana do grupo, paulista 3NOS3 - (Hudinilson Jr. Mário Ramito, Rafael França), que encapuzaram as estátuas de São Paulo, numa noite do início do mês de abril de 1979. Tal interferência povocou uma série de leituras/distorções por parte da imprensa que apontou o fato como algo 'subversivo'. Como exemplo disto, citemos textualmente um trecho da matéria publicada pelo "Diário da Noite", de 28-04-1979:

"A cada dia a cidade amanhece diferente do dia anterior. Muros pichados com frases poéticas e algumas sem definição. Por exemplo: "Maria Stella. 12 anos, poxa!!!. "Perdi-me dentro de mim porque eu era um labirinto". "Bebéu, estou te esperando até hoje". "Márcia, eu te amo". "Kalipto" e várias outras. Ontem foi a vez dos monumentos da cidade: as estátuas amanheceram com vendas nos olhos, outras com capacetes. Há, na cidade uma nova moda. Algum romântico apolítico, preocupado apenas em mudar a paisagem das ruas? Uma resposta difícil. Enquanto nada se descobre, a noite continua escrevendo suas frases líricas e suas brincadeiras. Como um muro na Vila Mariana inteiramente pintado com margaridas. O que está acontecendo nesta cidade?"

Tudo não começou com o 3NOS3, poderíamos citar alguns outros fatos, onde o espaço urbano sofreu interferência artística. Entre fatos anteriores, mencionemos alguns significantes como o hapenning dos poetas/processo de 1968, rasga-rasga de livros de poetas discursivos, ocorrido nas escadarias do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, que se desdobrou em passeata pelo espaço da Cinelândia. Dois anos depois o Pão poema/processo de 2m foi comido por 5 mil pessoas na Feira de Arte de Recife. Em 1972, o artista visual paulista Maurício Fridman interferiu em um muro na frente de sua casa na Av. Brás Cubas, São Paulo, pintando sobre o mesmo. Outras interferências aconteceram no espaço urbano. Em fevereiro deste ano o arquiteto mineiro Geraldo de Sousa Dias Filho, introduziu nos orelhões da Telemig cotonetes de 3 metros de comprimento: "De repente", disse ele, "damo-nos conta de que as cidades tem orelhas".

De 01 à 15 de fevereiro a cidade do Recife foi palco do maior acontecimento artístico-urbano, já visto. Não só urbano, mas o maior em dimensões que todas as Bienais de Arte já acontecidas no planeta: A I Exposição Internacional de Art-Door, um projeto de Paulo Bruscky/Daniel Santiago, que em 1971, produziam suas obras em enormes placas de papel para o Concurso Formiplac de Pintura. Em 1971 pintou a idéia da ART-DOOR...

No início de 78 o convite foi encaminhado aos artistas do mundo, para participarem da I Exposição Internacional de Poemas visuais em Out Door, com previsões para sua realização em dezembro/1978. Trinta dias após chegaram os primeiros projetos, alguns em tamanho definitivo (9,00 x 3,00 m), outros para serem ampliados. Em fevereiro deste ano Recife teve seu espaço urbano interferido em sua totalidade, Mais de 140 obras, produzidas por artistas visuais de diversos países, as mais expressivas expressões artísticas dos mais diversificados contextos culturais da contemporaneidade. De Christo, artista norte-americano, autor de também OBRAS MONUMENTAIS, como a "Cortina en el Valle" - 1970/72 no Colorado, com extensão de 381 metros à Raul Córdula Filho:

A E S T E T I C
A E O D E F E I T
O D O A R T I S T
A E O D E F E I T
O E A E S T E T I
C A S O C I A L.

Do poeta/ processo Álvaro de Sá ao inventor Paulo Bruscky; da charge ao acontecimento coletivo, do sonoro (Francisco Pereira Jr.) ao performático, etc/etc...

"ANTES ARTE
DO QUE TARDE"
Bené Fonteles

O artista cria, e os ambientes-urbanos adquirem novos significados. A validade do produto criado está na interferência da linguagem técnica-convencional onde o meio não é mais um simples re-produtor do ALGO-CRIADO, mas parte integrante do processo/criação.

"As técnicas produtivas da indústria e os novos modos da vida cotidiana no meio urbano, são postulados como fatos culturais positivos e determinantes".

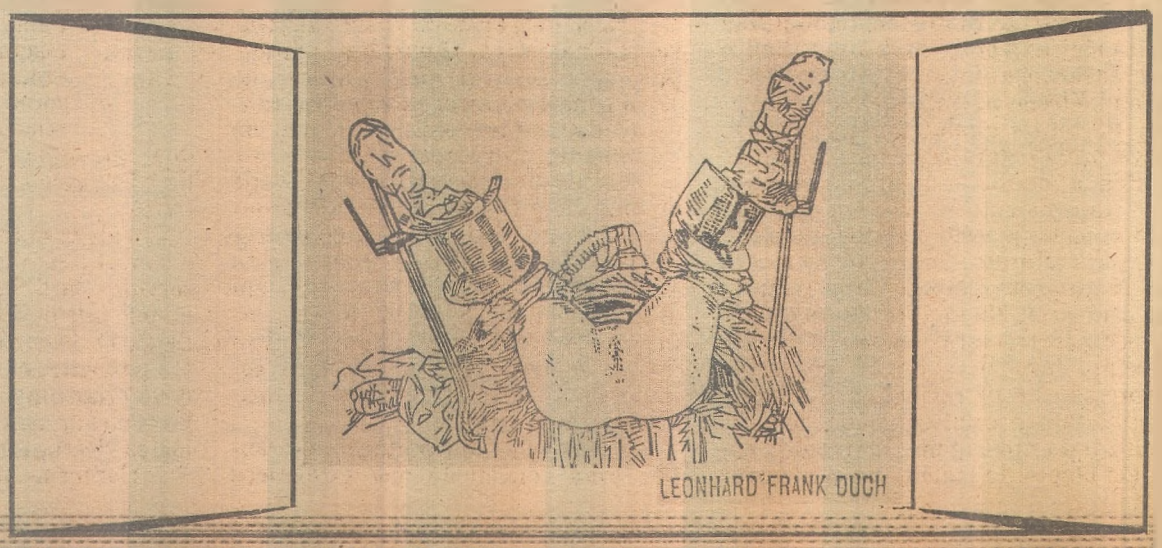
Marc le Bot

ISTO É ARTE?

Problemas complexos exigem idéias claras...

Paulo Sérgio Duarte

Os corpos não são somente mecanismos de organismos em ações, não são somente depósitos de sensações, de recepção de estímulos: são LUGAR que justifica minha palavra AQUI. A questão ISTO É ARTE?, se coloca de forma imediata no CORPO. Por que ISTO É ARTE? Por uma questão muito simples: no início do século apareceu um discurso, uma ciência, que é a relação com o corpo e com a MENTE, e ela organizou esse discursivismo em instâncias, onde apareceu uma instância do místico É quando um doente vai ao médico e diz: isto me faz mal, e o doente coloca a doença para o médico e este não tem como responder a esta doença daquele doente. No final do século XIX, alguém fala: "Este braço me dói", e o médico não tem como tratá-lo, este ISTO coloca exatamente a importância do médico. Este isto é o próprio corpo, o corpo que não está doente, da maneira como a clínica tradicional examina a doença, é um corpo que dói sem que exista doença dentro dele, e então ele dói. A febre é um sintoma e é uma gripe, tem um vírus, mas existe doenças como a angústia. Uma dor na alma, que dói, é um sintoma e não tem remédio. Este corpo ausente, é este espaço que a arte vai preencher, e isso tem uma história, nem sempre a arte foi isso: preencher um espaço do corpo, uma dor que não tem como ser preenchida por um discurso médico nem por um diagnóstico. Esta é a questão da Arte Contemporânea. O espaço da contemporaneidade é preencher um espaço de dor que não pode ser preenchido por nenhum discurso. O silêncio que o preenche é o silêncio de um olhar, de uma troca simbólica, onde aquela nossa angústia permanente vai ser provisoriamente preenchida por um outro que por acaso preencheu a lacuna daquele nosso vazio anterior. Isso nem sempre foi assim, isso é bem recente, e, para que a gente entenda como essa é a QUESTÃO CONTEMPORÂNEA, ou seja, o preenchimento de um VAZIO, a suspensão das certezas, ou seja diante daquilo que nós fizemos: tudo é arte, isso eu também faço, e se ISSO É ARTE?... O QUE É ARTE?... e esse branco que nos cria, o trabalho de Arte Contemporânea, é uma questão histórica também, ou seja, existe um momento onde a ARTE NÃO ERA isso, tudo não era ARTE, este momento é o momento de existência de uma ordem simbólica organizada, e esta ordem desapareceu num determinado momento da história do homem. Façamos um corte histórico, para permitir a colocação da interrupção simbólica em determinado momento. Poderíamos recuar à pré-história e/ou idade média, mas vamos nos situar num momento não da questão da arte, mas da história da razão. Estamos falando em um momento que não se diferencia por analogia muito do nosso final do século XVI, início do XVII. Nós viemos num universo que já aceitou o geocentrismo. ao menos do ponto de vista teórico, mas lembremos bem: Em 1637, Galileu está fazendo, nas rodas da tortura, nos DOI-CODI da época, um exercício de auto-crítica da sua teoria geocêntrica. Este DOI-CODI pertenceu à Igreja Católica Apostólica Romana. Ele tinha que fazer auto-crítica da tese dele de que a terra não era o centro do universo. Para substituir o geocentrismo pelo egocentrismo como um processo de luta ideológica, de embate cultural na formação de uma linguagem. É um universo confuso porque a ordem simbólica católica não consegue mais cristalizar um mundo novo que aparece com as novas descobertas dos novos continentes, ela não é capaz de ser depositária deste novo universo de conceitos. Basicamente se você for reduzir Galileu, a sua tese, é a descoberta da lei da inércia, e não é mais do que isto, do ponto de vista teórico, mas ele se coloca como um fato cultural eminentemente subversivo, dizer que a terra não é o CENTRO DO UNIVERSO, dizer por exemplo que saturno tinha tantas luas e que as órbitas das luas de saturno porque o universo está concebido como uma ordem cósmica engendrada por Deus e organizada de tal forma que girava em uma bola de cristal, onde as estrelas e os planetas achavam-se situados. As descobertas das luas de saturno por Galileu criaram um problema na bola de cristal, porque se as bolas de cristal tinham tal especificidade, as órbitas das luas de saturno furavam esta bola de cristal. Estas questões estão colocadas pelo campo estritamente científico, o que cria um ambiente extremamente cético, ou seja: UMA ORDEM QUE SE DESMORONA. O homem estar-se referencial para se organizar ideologicamente porque a ideologia não tem só sentido pejorativo, tem sentido positivo, é através da ideologia que os homens se falam entre si, ninguém se fala através de conceitos, ninguém pensa, ninguém faz metalinguagem quando pede ao garçon "um prato de paçoca". Existe um momento de ruptura e um momento em que se constrói uma ordem cética. A esta ordem cética, vem uma outra ordem: a razão dá um passo adiante. A dúvida cética é uma ausência de certeza, que a ausência de certeza seja substituída como ausência de certeza no momento da dúvida por um momento necessário na construção da própria certeza, ou seja, vacilar, ter certeza, não saber o que fazer, passar a ser um momento produtivo da própria construção da razão. Esse passo adiante é dado por Descartes, quando ele introduz a dúvida metólica como um momento de constituição da razão, vacular. Não ter certeza, não saber onde ir, passa a ser um momento necessário, a busca da própria certeza. Logo, o essencialmente humano, o inefável, o irredutível, o vacilar, passa a ser um momento do processo de constituição da certeza. Esse passo adiante para o triunfo da razão é um importante passo e a própria arte obedece a estes passos, ou seja, a própria arte, nesse momento, reproduz uma ORDEM SIMBÓLICA DE CERTEZA, ou seja, a renascença assiste ao triunfo da representação geométrica figurativa através da perspectiva, ou seja, esta ordem perspectiva em ângulo, cria um espaço que é capaz de captar este espaço e traduzí-lo em duas dimensões na tela. Essa ordem é uma ordem simbólica correspondente a um momento de constituição da razão humana, constituição da razão burguesa. No momento de ascensão do capitalismo, de acumulação primitiva do capital, existe uma ordem: UM OLHO QUE VÊ O MUNDO e é capaz de traduzí-lo num espaço tridimensional. Esta ordem simbólica cristalizada que a arte obedece e tenta transmitir através de espasmos esporádicos, onde a gente localiza bem os momentos críticos nestes espasmos, como por exemplo o barroco italiano, em nenhum momento esta ordem consegue ser transgredida no que ela tem de mais acessório, jamais colocado em questão de modo radical, a não ser pela presença do corpo. Mesmo a olho nu, a ordem simbólica da perspectiva predomina, pois é somente na presença do corpo que ela vai ser transgressora. Ela vai ser transgressora de uma ordem moral, ética, política, social. As pinturas que nós não conhecemos, porque simplesmente foram destruídas, ou não chegaram a se realizar, acham-se distanciadas de se trabalhar, ou seja, nós não podemos trabalhar com o que não foi feito, mas o que não foi feito, na realidade, é o que não chegou até nós. Mas dentro das autocríticas e teorias científicas por nós conhecidas, como as de Galileu Galilei, como queimar literalmente cientistas em fogueiras, podemos imaginar quantas obras de arte não nos chegaram, pelo simples fato de não terem obedecido ao código dominante. A ordem simbólica é uma ordem de PODER. Quando chegamos ao século XIX, com a Revolução Industrial, ocorreu algo inteiramente diferente. Primeiro, o princípio de liberdade do cidadão em ser enaltecido para que ele seja oferecido como força de trabalho no mercado. Segundo, outra questão colocada é a de que este indivíduo não é capaz de FAZER TUDO. Existe uma fragmentação do ser social, fragmentação literal e imediata, ou seja, existe um especialista em literatura que irá defender uma tese sobre determinado escritor, onde passará a entender este escritor para tentar entender a dos outros. Evidentemente que a arte não está acima disso nem abaixo, ela é parte deste mundo, ela sofrerá as consequências disso. Ou seja, tão



esquisito e estranho como um indivíduo que passa a vida inteira apertando chumbo é tão estranho quanto um pintor que pinta durante quinze anos telas negras como Adam Hairnt, e nenhuma tela é igual a outra, mas ela não é mais estranha, esta prática do A.H., nem mais esquisita do ponto de vista sociológico e os sociólogos não percebem isso. Uma ordem simbólica a que eu me refiro, é uma ordem religiosa por excelência, pois uma ideologia baseada em religião precisa não serve mais de referencial para o organizador da sociedade. Ela não dita mais as diferenças. Quando se fragmenta essa ordem simbólica em que se recoloca a questão arte/sociedade, e é isso que nós ainda não assistimos por parte daqueles que proclamam a questão da arte/sociedade. Aqueles que querem que uma Arte Nordestina tenha cheiro do Nordeste, sabores do Nordeste igual a um prato que nós consumimos em um restaurante típico. É esta a questão arte/-sociedade que necessita ser re-pensada. Sociedade e Arte raramente se encontram na nossa época, e quando são feitos, são pura política sem nenhum sentido artístico. Ao contrário, em todos os grandes momentos de encontro arte/sociedade, a arte se identifica com a sociedade sem se encontrar com ela. A arte se parece com a sociedade porque ela representa esta sociedade, de uma maneira realista e/ou naturalista, mas ela se identifica com a sociedade porque ela é dividida como a sociedade, pensa como ela. Mas quando a arte tenta captar a sociedade ou o real, ou a realidade é o momento em que ela transveste-se de uma máscara que pouco tem a ver com a questão artística do mundo, ou seja, o trabalho artístico contraria necessariamente uma teoria do encontro e a mediação entre esta possibilidade de identidade entre arte e sociedade não é feita através do encontro da representação, mas somente através da linguagem, e a linguagem é uma mediação que sofre outras determinações. Não são determinações sociais, a linguagem não está sujeita a chegada de PTB/PT/PP/PDS e/ou PMDB para ser mais banal, imediato, vulgar. Muda-se uma sociedade inteira, porém não se muda a sua linguagem, imediatamente. A linguagem tem, entre as estruturas sociais, uma estabilidade da qual não goza contra as estantes da vida social. Eis o ponto final de minha interrogação: a linguagem é a morada do SER?...

IMPASSES DA PSICANÁLISE E DA ANÁLISE LITERÁRIA AQUILO QUE AS UNE

MIRIAM CHNAIDERMAN

Clarice Lispector, em seu romance *A hora da estrela*, parece colocar claramente de que forma se põe o nosso trabalho, seja na análise literária, seja enquanto psicanalistas:

> O fato é que tenho nas minhas mãos um destino e no entanto não me sinto com o poder de livremente inventar: sigo uma oculta linha fatal. Sou obrigado a procurar uma verdade que me ultrapassa".
>
> "Quem se indaga é incompleto"

Eis aqui, posto por um escritor, o impasse vivido por nós, seja enquanto psicanalistas, seja enquanto analista de textos. Como buscar o vir-a-ser que constitui o rastro? Como articular a diferência?* No trabalho de crítica e análise assumimo-nos donos de uma verdade que não é nossa, e numa busca infinita de diretriz que inexiste. É preciso inventar a interpretação, criar a fala, despir o falo, assumir o descentramento necessário, ou seja, assumir o jogo. A ausência do significado transcendental amplia indefinidamente o campo e o jogo da significação. É preciso questionar o desejo do centro. O engajamento no trabalho psicanalítico, ou seja, a assunção do inconsciente, bem como o engajamento no trabalho de teoria literária, ou seja, a assunção da ficção, implica necessariamente na convivência com impasses do saber e um trabalhar sob o domínio da fantasia - é preciso desprender-se da fascinação de um certo sentido articulado numa certa lógica: a eficácia de uma análise e a segurança de uma interpretação não obedeceu a uma lógica do sentido. Portanto, qualquer interpretação deve propor uma ruptura - mas, não podemos enunciar nenhuma proposição desconstrutora, destruidora, que não se tenha já visto obrigada a escorregar para a forma, para a lógica e para as postulações daquilo que gostaria de contestar. Na medida em que o objeto da lógica está nas regras de raciocínio implícitas na linguagem, a expressão desse raciocínio deve ser implicitamente influenciada pela estrutura da linguagem. Na medida em que o objeto da lógica está nas regras de raciocínio implícitas na linguagem, a expressão desse raciocínio deve ser implicitamente influenciada pela estrutura da linguagem.

Como romper com a lógica usual, como inventar, se essa invenção é posta numa linguagem que a destrói?

É a possibilidade do trabalho científico que está em jogo. Mas, por que a preocupação com o trabalhar dentro de moldes cientificamente estabelecidos? Porque a luta pela ciência? Talvez esta preocupação, que, na prática analítica não é apriorística mas vem do exercício desta, seja algo estéril, fechada em si mesma, estanque. Metalinguagem sem linguagem. Cumpre dizer não ao mero exercício da técnica, buscando seus pressupostos.

> "A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique". (...) "Sim, mas não esquecer que para escrever não importa o quê, o meu material básico é a palavra. Assim é que esta história será feita de palavras" que se agrupam em frases e destas se evola um sentido secreto que ultrapassa a palavras e frases". (Clarice Lispector. *A hora da estrela)*

Haveria um narrar que é fundante e que determinaria qualquer intersubjetividade, qualquer possibilidade de análise.

E, eis-nos narrando o narrar através da narrativa. O narrar só é interpretável através de outro narrar. E, se ao pensar o narrar estamos narrando, como incluir nosso narrar no questionamento do narrar?

Lacan afirma a impossibilidade de uma linguagem para dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro. A verdade é falada. Mas, no falar a verdade, esta se desconstrói para ser buscada em outra fala, em uma instância que sempre remete a outra e assim infinitamente. A metalinguagem passa a ser impossível, havendo apenas narrativas do verdadeiro.

Falar em interpretação pressupõe uma concepção que estabelece uma hierarquia de linguagens ou ao menos a crença na existência de linguagens e metalinguagens e metametalinguagens. Mas, que critério levaria a estabelecer esses diferentes níveis de linguagem e o que validaria a determinação de um pelo outro?

São estes paradoxos que Derrida busca responder com os conceitos de arqui-escritura - se tudo começa pelo rastro, não há rastro originário. Sendo o rastro a origem do sentido, deixa de haver origem absoluta do sentido. A gramatologia, ciência da escritura, tem como objeto a busca da raiz da cientificidade.

É possível, portanto, falar na verdade da interpretação?

René Major, em seu livro *Le procés logique de L'interprétation*, nos fala como o olhar do psicanalista sobre o inconsciente do outro e põe na condição de sujeito falado, ele também, pelo sexual. A interpretação torna-se igualmente discurso que sonha o sujeito - é só escutando seu corpo, suas lembranças, que o analista escuta o que falta num discurso que lhe vem de outra cena. As fantasias do analista forneceriam uma representação de expressante inconsciente, um significante que ultrapassando a barreira inter-sistêmica, a do recalcamento, viria articular-se a uma representação ausente no discurso do analisando. A interpretação passa a ser a fantasia do analista sobre a fantasia do paciente. Esboroa-se a lógica aristotélica - passa a ser possível a contradição e a simultaneidade.

> "Transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa. Qualquer que seja o que quer dizer realidade". (Clarice Lispector. *A hora da estrela.*

Talvez seja necessário abandonar o conceito de realidade, pois este tem servido para instaurar um poder - aquele que analisa tem acesso à realidade. O discurso entre o psicanalista e o paciente, entre o crítico e o texto, deve criar uma outra lógica, e isso só pode se dar através da criação de uma lógica desruptora.

Conforme propõe Derrida, é preciso deixar de atribuir ao logos a origem da verdade em geral, é preciso repensar o conceito de Ciência ou de cientificidade da Ciência, pois a prática de uma ciência sempre contestou o imperialismo do logos. É preciso destruir o conceito de "signo" e toda a sua lógica. Pois, a significação "signo" foi sempre compreendida e determinada, no seu sentido, como signo-de, significante remetendo para um significado, significante diferente do significado. Para romper com a barra entre o sopro e a matéria, é o próprio logocentrismo que deve ser desconstruído, devendo então serem demolidas todas as significações que brotam de significação de logos. Em especial a significação de verdade.

> "Não sabia que meditava pois não sabia o que queria dizer a palavra. Mas parece-me que sua vida era uma longa meditação sobre o nada". (Clarice Lispector. *A hora da estrela).*

É preciso eliminar a diferença textual entre imagem e coisa, o significante vazio e o significante pleno, o imitante e o imitado. O efeito é produzido pela sintaxe que dispõe o *entre* (hímen), de tal forma que o suspenso prende-se somente ao lugar e não ao conteúdo das palavras. O jogo se joga no *entre*. A palavra "entre" significa através de seu vazio semântico. Seu vazio semântico *significa;* o espaçamento e a articulação têm como sentido a possibilidade da sintaxe, ordenando o jogo do sentido. O branco passa a ser a totalidade da série polissêmica dos brancos mais o lugar escritura onde se produz essa totalidade. Faz com que os sentidos jamais se encontrem, tornando impossível a descrição que sempre é representação. Tudo torna-se metáfora, pois não há sentido próprio. O irracional torna-se objeto de estudo, mas o irracional no sentido pitagórico: não se pode reconhecer nenhuma medida comum, na ordem dos números racionais, entre a diagonal de um quadrado e seus lados. Nossa prática defrontar-se-á sempre com a existência de um sujeito desejante, trazendo a realidade da diferença sexual e o mito do objeto perdido. A falta passa a ser o centro. Silêncio da fala no branco da textura.

GILBERTO MENDONÇA TELES AOS CINQUENTA ANOS:

"LUMINOSIDADE E O DI

A idéia inicial era recolher um depoimento do professor, poeta, crítico e teórico da literatura, a propósito dos seus cinquenta anos. Mas havia tantas indagações inquietando o repórter - ele também estudioso da matéria, mestrando em Teoria Literária -, que se tornou difícil refrear a curiosidade. E a conversa com o prof. Gilberto Mendonça Teles acabou se transformando numa indagação sobre problemas específicos, ligados sobretudo à sua militância literária.

Mas nem por isso foi menos atraente; foi até empolgante. O entrevistado, talvez por conjugar a Criação com a Crítica, a Prática com a Teoria, é dos poucos no Brasil que podem dar um depoimento sobre o ato criador poético - sóbrio e lúcido ao enfocar a linguagem, sua relevância temática na poesia moderna; humilde ao reconhecer que a tendência de poetizar a língua, dentro da qual se alinha, representa uma vertente (entre muitas) do fazer poético; mas também confiante ao afirmar que não se importa com ser considerado grande poeta agora, preferindo jogar com o tempo. (C.V.).

P. A que o senhor atribui esta ênfase ao problema da língua/linguagem na poesia moderna? Como é que se explica que o homem, suas paixões, seus temores, suas expectativas - como temas de poesia - sejam permutados por questões de filosofia e elaboração linguística?

R. Em termos de História, você está colocando que existem universais em poesia (temas do amor, da morte, angústia do homem, etc), que seriam substituídos por problemas filosóficos, científicos...

P. Problemas de filosofia da linguagem.

R. Certo. Mas veja: ao pensar em termos universais, o homem não estaria se restringindo a um tema histórico, que fosse mais ou menos canceroso, isto é, que existisse na tradição literária, tirando ao poeta o poder de ampliar o seu material de trabalho? Quando o poeta vai para a filosofia, vai para a ciência, faz isso com tanta liberdade como quando vai para o "amor". Tudo é tema. Além disso, o tema da linguagem é importante porque corresponde a uma espécie de metafísica do problema poético. A história da poesia mostra que certos motivos perdem, com o tempo, a eficácia, são obscurecidos (os chamados temas universais, a que me referi) - e só duzentos, trezentos anos depois são retomados por uma geração. Há uma espécie de ritmo temático nessa tradição. Ao mesmo tempo, esse ritmo é sempre enriquecido por um avanço novo em alguma direção; atualmente esse avanço está na direção da própria linguagem. Mas não é coisa nova.

P. Não seria mais adequado que os problemas de filosofia da linguagem, por exemplo, fossem tratados dentro do seu próprio domínio? Em que é que a tematização estética enriquece a abordagem do problema?

R. Bem, você me trouxe outra questão, que tem que se juntar para completar a primeira. Veja bem: hoje não há um poeta brasileiro que não fale sobre a palavra, a língua, a linguagem, etc. - muitas vezes sem estar devidamente preparado filosoficamente, cientificamente, para fazê-lo. A palavra é mitificada. Mas isto não é coisa de agora. Estou vendo uma antologia na minha estante, L'Art Poétique, que mostra que desde a mais remota poesia sempre houve um poeta que disse: "Senhor, colocai mais uma corda na minha lira!"; ou, no Cântico dos Cânticos, o camarada diz: "Dai-me mais uma força para dizer..."

P. Mas nos tempos de hoje essa coisa assumiu um caráter bem forte, não? Cientificista, técnico.

R. Exato, vamos chegar aí. Historicamente a coisa ficou mais quente do século passado para cá, de Baudelaire para cá. É que a lírica moderna, de uma hora para outra, se apercebeu de que podia olhar para si mesma. O poeta era um indivíduo que olhava mais para o mundo, o seu discurso era algo transparente. Ele olhava o mundo mas não via o seu discurso, apenas o enriquecia com figuras - o que estava, aliás, consentâneo com a retórica, a poética da época.

"Antigamente o poeta olhava o mundo e não via o seu discurso, apenas o enriquecia com as figuras da Retórica".

P. Professor, e o perigo de esta atitude (a reflexão e contemplação do poema) gerar uma introversão, uma imanência que excluísse os valores da realidade? O poeta se preocuparia com as articulações internas, com a estruturação; o poema se explicaria mediante elementos que estariam nele próprio...

R. Você é um camarada altamente dialético - assim fica difícil. De um tema você passa para outro. Eu agora estou com três questionamentos - com esta pergunta, vou fechar os três. Então eu estava dizendo: do século passado para cá (Baudelaire, Mallarmé, Rimbaud, Valéry), toda uma corrente de poesia (e não toda a poesia, isto precisa ficar claro), uma corrente cerebrina ganhou relevo - e eu me coloco dentro dela.

Agora veja: em aulas, em artigos, como crítico, como poeta, como estudioso de Teoria Literária, primeiro através dos outros mas, é claro, me olhando também - cheguei a uma conclusão madura, depois de vinte e cinco anos de trabalho literário, dos meus cinquenta anos; o ato criador (falo agora mais no campo de uma psicologia genética, digamos assim) é uma coisa dupla; ele é aquela fagulha, aquela centelha de inspiração - e ao mesmo tempo uma reflexão, uma tomada de consciência do ato de escrever. Parece que o poeta sente vontade de escrever e imediatamente se apossa disso. No seu íntimo, duas coisas brigam: uma ligada aos temas, é que participa da inspiração; e outra referente ao domínio - e aí está o que se chama arte, técnica. Baudelaire chegou a dizer: "Tenho dó dos poetas que não conhecem a sua arte. Eu os acho incompletos". Quer dizer: quanto mais você conhece, mais chances você tem de modificar a linguagem. Aí se entra nos dois primeiros questionamentos que você colocou: deixar os temas universais para tratar da filosofia da linguagem. Na modernidade, no século XX, o homem descobre que a linguagem é também tema.

O que significa descobrir que a linguagem é também natureza, tema? Significa que o poeta tanto podia olhar para a montanha, para o mar, e falar sobre eles; podia olhar para dentro de si mesmo e falar sobre a angústia - e podia, também, olhar para o seu instrumento criador. Após o conhecimento científico, o domínio de teorias poéticas, ele, o grande poeta, é, ou foi, ou será capaz de poetizar a própria linguagem. Agora acontece que isso virou moda (e entramos no terceiro questionamento proposto por você). Ao virar moda, todo mundo fazendo, essa atitude caiu na diluição... Vai ser necessário um crítico com uma capacidade muito boa de isenção, no futuro, para joeirar, ver o que ficou de bom ou não.

"Gente desprovida de conhecimento científico, sem qualquer domínio da teoria literária, começou a fazer poesia sobre a linguagem. Com o modismo, essa atitude caiu na diluição".

P. Até que ponto essa absorção e ênfase no tema da linguagem se relaciona com a percepção, invenção de que "o homem não fala porque é, é porque fala"? É uma espécie de inversão que coloca a linguagem como elemento prevalente, acima do homem, do humano. Algo que procura ontologicamente instaurar o humano a partir da linguagem...

R. Esta pergunta pode sintetizar, pode colimar toda a conversa até agora. No momento em que o homem foi capaz de tematizar a linguagem, de ver a linguagem também como poesia (veja que beleza: enquanto Marinetti dizia "Vamos colocar os adjetivos entre parênteses, abolir os adjetivos". Drummond fez de maneira diferente. Disse: "a bailarina... do cabaré de Montes Claros, não é?... tinha pernas "adjetivas"! Ao falar em "pernas adjetivas", ele tematizou a linguagem, universalizando-a; ele abriu a possibilidade do adjetivo, que é adjetivo e é também uma espécie de advérbio espacial, universal. Todo mundo pode colocar o adjetivo que quiser ali dentro. Ele, Drummond, criou um universal na linguagem), - mas eu estava dizendo que, no momento em que o homem pode pôde tematizar a linguagem, ele foi capaz de fazer uma metafísica da poesia. Em vez de falar coisas físicas, ele procurou ver a poesia na sua essência, como linguagem. Eu podia dizer até de uma maneira heideggeriana: ele começou a se ver morando na linguagem.

P. Esse processo especulativo, que não deixou de nascer da dúvida, não reflete uma crise do próprio homem? Ele está numa encruzilhada...

R. Excelente, excelente. Então, por que o homem procurou sua guarida na linguagem, ver-se na linguagem? É que ele chegou a um ponto em que precisa renovar, porque um poeta não pode repetir o que o outro fez. Drummond, ou Mário buscaram, ou buscarão outros temas; um desses (não é o caso de Mário, mas poderia ser o de Drummond) é a linguagem. Agora veja: como o homem se manifesta pela linguagem, e esta contém em si a ligação com as outras séries culturais (não-linguísticas: econômica, antropológica, psicanalítica, etc.), a linguagem é o parâmetro no qual, de certa maneira, se codificam estas séries. Quando o homem olha para a linguagem, está de certa maneira se situando no mundo.

Daí a besteira da crítica brasileira, da crítica boba brasileira (que só vê esquerda e direita), quando diz: o poeta só é bom quando fala na miséria do povo, na fome do povo brasileiro.

"A crítica sectária, que só sabe ver "esquerda" e "direita", é incapaz de perceber a importância da linguagem como tema de poesia".

P. Para os que criticam o formalismo, certa forma de elaborar a poesia deixa de lado o mundo em volta, os problemas exteriores.

R. Deixa de lado na opinião deles, mas não na do indivíduo que está na elaboração do processo. Ao falar da linguagem, ele está falando, com muito mais coerência, das coisas. O grande poeta é aquele que codifica simbolicamente; a linguagem, sendo um processo simbólico, produz uma inversão. Às vezes um poeta do qual se diz que é alienado está sendo mais engajado. Fala pela cesura... Na "Retórica do Silêncio" eu faço uma brincadeira com isso; digo que a cesura, isto é, o grande conhecimento do verso (peguei a palavra neste sentido) encobre também a censura. Quando o poeta é censurado, ele se volta para a cesura, ele se volta para dentro do verso.

Acontece que tudo isso é histórico. Na crônica de hoje do Jornal do Brasil, Drummond afirma que Lima Barreto precisou esperar cem anos para ser reconhecido. Às vezes uma ideologia estética domina demais numa época, e o poeta, não estando dentro dela, não gozando os favores do momento, joga com a Eternidade. Eu quero estar nisso. Não me incomodo de, por exemplo, ser colocado como grande poeta agora; eu vou fazer aquilo que posso fazer.

P. Existe uma crítica de poesia "em prosa", e existe uma crítica em "poesia", o metapoema. Para o senhor, qual a diferença entre criticar em prosa e fazer um poema que critica, um metapoema?

R. A sua pergunta é excelente pra mim. Já teorizei sobre isso na "Retórica do Silêncio". Quando eu faço crítica sobre o outro, a minha atitude é transitiva, é de mim para o livro. Muita coisa de que vou falar se inscreve naquilo de que eu gosto. Me parece que todo críticco, quando fala de uma obra, projeta nela aquilo de que ele gosta. Você me fala de crítica "em poesia", no poema. Aí eu não considero crítica - mesmo falando da linguagem, da literatura, da própria poesia. Aí eu estou trazendo o tema da crítica literária, do ato criador para a "elaboração artística" do poema. No primeiro caso, eu sou um crítico transitivo; no segundo, sou um teórico intransitivo - eu olho para mim mesmo. Digamos que na poesia eu queira me ensinar a mim mesmo; na crítica, eu jogo a informação para o outro.

"Quando o poeta é censurado, ele se volta para a cesura, fala pela cesura".

P. Lá de João Pessoa, Sérgio de Castro Pinto - o nosso Sérgio - manda uma pergunta. Vou transcrevê-la: "E o Mestrado? Por que toda e qualquer dissertação de mestrado é sempre aprovada? Questão de pruridos? De solidariedade para com o companheiro? Em contrapartida, em se aprovando teses medíocres, não se estará cultuando a mediocridade no âmbito universitário"?

R. O Sérgio, que é um grande amigo da gente; que eu considero um dos poetas mais importantes, não da Paraíba, mas do Nordeste - é um poeta que escreve pouco, mas tudo o que faz é bom - o Sérgio desloca você da crítica literária para os estudos universitários. É preciso, primeiro, ver se ele se refere à sua Universidade, dele, ou se generaliza para todo o Brasil. Diferem muito os centros produtores dessas teses - da PUC para a Federal, por exemplo. Trabalho para as duas e posso dizer isso. Há também diferenciação geográfica - de Porto Alegre para São Paulo, Recife, etc.

Concordo que há uma mediocridade na maioria das teses apresentadas; tenho participado das bancas, tenho orientado muitas delas, e posso garantir que a maioria é medíocre. Aprovando isso, eu estou concorrendo para a mediocrização do ensino? Sim, a observação é excelente, não há como sair daí. Agora, há um detalhe: na PUC, por exemplo, a tese é lida, pelo orientador e pelos examinadores, muitas vezes antes da defesa. Quando o aluno vai à defesa, já está com muitas coisas corrigidas. E há outro detalhe: a gente pode aprovar e não permitir a publicação; aprova para a vida acadêmica. Quando a tese é boa, consta na ata a sugestão para ser publicada.

P. O senhor falou em aprovação para a vida acadêmica. Levando-se em conta que essas teses, esses títulos são requisitos de admissão em instituições universitárias - até que ponto é lícito que a titulatura só, independente do valor do trabalho acadêmico, permita esse ingresso?

R. Eu não compreendo que você coloque o problema sem perspectiva histórica. Você coloca a coisa como se todo indivíduo aos vinte e cinco anos fosse gênio, e daí por diante não pudesse melhorar. Todo poeta, todo cientista, todo grande escritor começa com obras às vezes pequenas, que vai desenvolvendo. Então o indivíduo que fez, por exemplo, uma tese medíocre de Mestrado, pode depois ser um dos grandes produtores de texto na área dele.

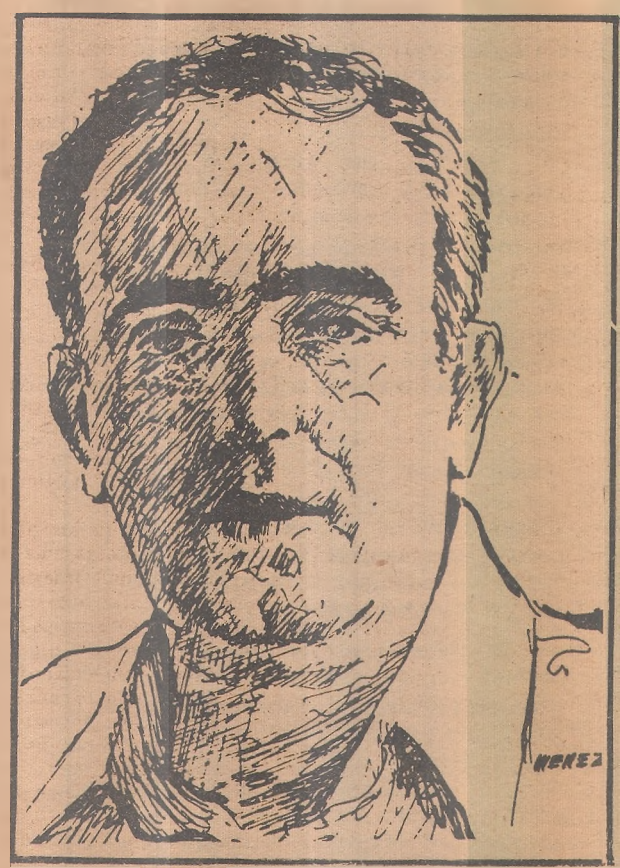
"A maioria das teses apresentadas para defesa são medíocres".

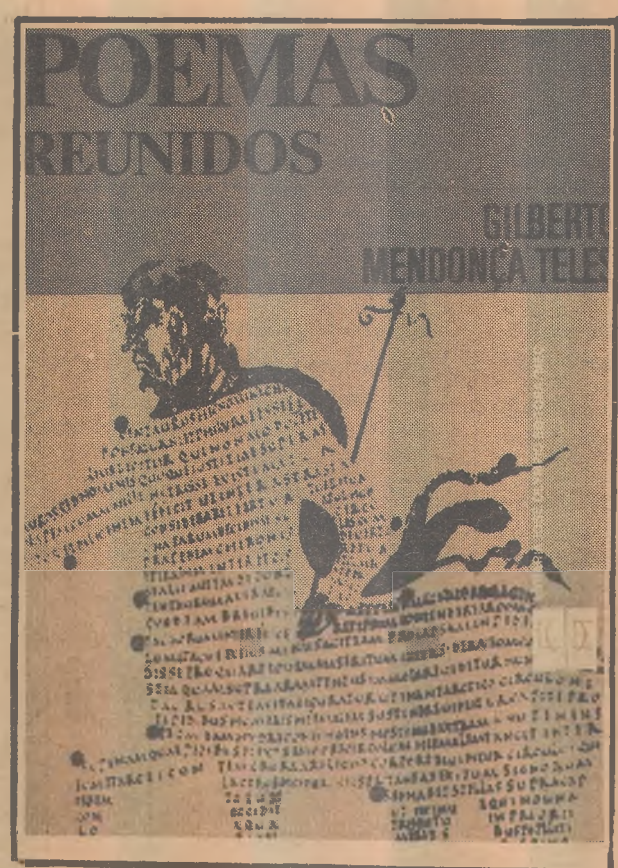
P. Mas às vezes o indivíduo não tem ambições de fazer uma grande obra; ele só quer defender a tese para, depois, ingressar no magistério universitário.

R. Você fala em tese, mas eu acho que não é bem tese o que a Universidade exige; ela exige o diploma, o diploma do curso de Mestrado, e não a tese. Esta já entra no sentido de publicação. Eu faço parte de uma equipe do México que está estudando a Universidade na América Latina para a década em que entramos. O que será a universidade latino-americana na década 80/90? Uma das coisas que eu aprendi no questionário foi a seguinte: nós vamos até o ano 2020, ainda, procurando formar a geração dos nossos professores. Veja que nós estamos no fim de uma geração de professores que fundaram a Universidade; são os atuais titulares. Vem uma segunda geração, que é aquela a que eu pert

REITO À SELEÇÃO"

● Entrevista a Chico Viana





Gilberto M. Telles: "bico-de-pena" de Amaury Menezes

ço; virá uma terceira, que já terá passado por Mestrado, Doutorado. Com isto vai havendo um aperfeiçoamento, independente até da administração brasileira... (Risos).

Olhe, eu acho que a Universidade brasileira tem que ser elitista - não no sentido burguês da palavra, no sentido econômico: elitista por "elite de inteligência". Não adianta querer fazer todo mundo entrar na Universidade. Abrindo as portas para todo mundo, ela criaria uma série de problemas sociais que viriam por aí, porque nem todos estão aptos. A Universidade tem que escolher pela inteligência, e para isto ela tem que se preparar. E como é que ela se prepara? Pelo seu corpo de professores - especialização, Bolsas, etc. Tudo isso está sendo feito. Agora a pergunta: estará sendo bem feito?

P. Como é que o senhor vê o Nordeste, quanto à possibilidade de oferecer esses cursos de pós-graduação?

R. Parece que havia uma política, uma tendência no Conselho Federal de Educação, se não me engano, de limitar o credenciamento dos cursos de pós-graduação, concentrando-os em certas zonas. O Rio Grande do Sul, por exemplo, centralizando a zona do Sul; o Rio de Janeiro centralizando outros estados; São Paulo, outros. No Nordeste - Salvador, ou Recife, ou João Pessoa. O objetivo desses zoneamentos seria estabelecer centros de pós-graduação, não deixando que toda Universidade brasileira tenha seu Mestrado, ou seu Doutorado. Eu estou falando de coisas que ouvi por aí - e se não ouvi, fica falado, porque eu acho que deveria ser assim.

E tenho simpatia por duas Universidades do Nordeste - a da Paraíba (não é pra agradar a você e ao Jornal, que são da Paraíba; posso dizer isso porque já fui várias vezes lá) e a do Ceará. São as duas que estão produzindo melhor.

"A Universidade brasileira tem que ser elitista. Não adianta querer fazer todo mundo entrar".

P. Professor, o que significa ter obegado, ter atingido a "curva perigosa dos cinquenta"?

R. Ah, a gente só chega nisso uma vez na vida, não é?

LINGUAGEM

Eu caminho seguro entre palavras
e páginas desertas. Nas retinas:
sonho de coisas claras e a lição
de outras coisas que invento
para o só testemunho
de minha construção
imaginária
de pedra sobre pedra
e cimento e silêncio.

Da sintaxe invisível a certeza
e o desdobrar tão limpo das imagens
na vereda serena que dói fundo
no olhar preciso e vago consumindo
seu faro entre palavras.
Na estrutura
da língua se desgasta o meu segredo.
se desgastam meus dedos, a mais pura
moeda que circula desprezível
no cio deste ofício de buscar-te
na usura de ti,
nudez segura.
absoluta canção e voz
inicial perene,
desservidas
do visgo da saliva,
impronunciada.
E mais que a noite múltipla
de estrelas, sabem deixar-se
entre o silêncio
e a palavra de amor, inadiável.

PESQUISA

Eis agora o limite
entre a procura e a madrugada
isenta de improviso.
Entre a rosa na jarra
e seu murmúrio repetido no vento,
como um vício.

Eis a distância exata
entre meu gesto e a ternura
frustrada no momento.
Entre o silêncio e a música
do verso pressentido
na noite, mas sem tempo.

E eis o acaso
tombando nesse reino dissolvido
nos mapas, sem fronteiras,
sem domínios de azul e tão
distante como as palavras
lindas que se agitam
acordando na aurora
o sol do grande memorial
noturno das origens.

LIÇÃO DE COISA

As coisas se transformam,
se desnudam de suas vestes
alvas. Consideram a
dimensão da página
e abrem a nossos olhos
(disfarçados) seu amplo
mostruário de problemas.
Retêm os transeuntes
consumidos no fatigante
espelho sem diálogo.
Sabem como dispor-se
à confidência das sílabas
mais simples.

SUPERFÍCIE

Se um deus engendra a forma e cada gosto
propõe a intimidade de outro gesto
mais largo para a vida e para o mundo;
se é distante o destino e o mar se estende
azuleverde: o mar, seu sal, seu corpo
despojado de lendas e de sol;

se o olhar persiste e no seu mar secreto
verde jato de luz banha os objetos,
talvez o gato cante como triste,
e o teor de seu canto dilacere
a noite quando a sombra
da pomba se deslumbra e proclama
a evidência, não dos olhos
nem dos dedos na face ou superfície.

"Paisagem N. 3"

idealização livre, subjetiva e musical (1)

Sônia Maria van Dijk Lima

*"De la musique avant toute chose" (**Verlaine**)*

A Veruska, Vladimir, Pedro, vozes da alegria

Nossa abordagem de "Paisagem nº 3"(2) procura apreender o sentido desse poema de Mário de Andrade a partir da análise dos elementos que constituem sua estrutura, tendo em vista a dinâmica existente entre forma/conteúdo, construção/expressão, sendo que, para essa terefa, recorreremos tanto à teorização de Mário de Andrade no "Prefácio interessantíssimo"(3) e em *A Escrava que não é Isaura*(4), como também procuraremos compreender os recursos alimentadores dessa tensão dinâmica à luz dos postulados vanguardistas.

1. Uma estrutura musical

Conforme afirma no "Prefácio interessantíssimo" o poeta renovador Mário de Andrade vê-se como o homem primitivo que cantava sozinho, todavia, como

"... canto é agente simpático: faz renascer na alma dum outro predisposto ou apenas sinceramente curioso e livre, o mesmo estado lírico provocado em nós por alegrias, sofrimentos, ideais"(5),

sente-se

"novo Anfião moreno e caixa-d'óculos,"(6)

capaz de criar uma corrente poética, pois sabe também que

"*Entre o artista plástico e o músico está o poeta* que se avisinha do artista plástico com a sua produção consciente, enquanto atinge as possibilidades do músico no fundo obscuro do inconsciente."(7)

(grifo nosso)

Em "Paisagem Nº 3", há uma impressão musical resultante da utilização de elementos vários que agem o mais frequentemente de forma simultânea e veiculam o efeito provocado sobre o mundo subjetivo na tentativa de captação do objeto poético.

Em primeiro lugar, devemos observar que o poema se organiza estruturalmente como uma peça musical, a partir do título "Paisagem" seguido de uma indicação de ordem "Nº 3", que remete a uma composição musical. É curioso notar que em outros títulos que aparecem em *Paulicea desvariada* essa observação encontra confirmação:

"Inspiração" (p. 32) - título frequente em composições musicais;
"O trovador" (p. 32) - lembra "Il trovatore", de Verdi;
"Ode ao burguês (p. 37) - ode é peça musical;
"Tristura" (p. 39) - lembra "Tristesse", de Chopin;
"Nocturno" (p. 44) - nome genérico de obra musical;
"Oratório profano", subtítulo de "As enfibraturas do Ipiranga" (p. 52) - oratório é peça musical;
"Cantiga de adormentar", última parte de "As enfibraturas do Ipiranga" (p. 62) - cantiga é peça musical;
"Paisagem", seguido da indicação de ordem "Nº 1" (p. 37), "Nº 2" (p. 45), "Nº 3" (p. 48) e "Nº 4" (p. 51) - é titulação comum de peças musicais (8).

Os versos de "Paisagem Nº 3" não são distribuídos de maneira seguida, mas sim em grupos separados por intervalos indicados pelos pontos de suspensão, como preferimos denominar, que correspondem a um silêncio de duração significante, marcando, principalmente, a passagem de uma para outra das três estrofes do poema.

A primeira estrofe é introduzida por um verso monossilábico

"Chove?"

que funciona como uma nota musical de abertura da peça poética; a nota-verso vibra seguida de um silêncio imposto pela sua construção interrogativa (nesse caso, a interrogação desempenha a mesma função dos pontos de suspensão). A retomada que constitui o verso seguinte, se não responde exatamente a pergunta levantada no anterior, explicita melhor o instante observado, ou talvez corrija a impressão causada: não chove propriamente, e sim

'Sorri uma garôa cor de cinza,".

Por sua vez, o verso seguinte amplia a predicação da "garôa":

'muito triste, como um tristemente longo..."

Como vemos, o verso monossilábico inicial dá lugar a versos de metro mais longo, decassílabo e hendecassílabo, segundo e terceiro versos, respectivamente, sendo que essa mudança de metro corresponde a uma mudança do plano objetivo inicial - 'Chove"?

para o plano das sensações, surgindo, então, uma forte tonalidade emocional, evidenciada no recurso anímico

'Sorri uma garôa"...

e no recurso sinestésico

"muito triste, como um tristemente longo..."

Por sua vez, o terceiro verso, hendecassílabo, indica que a sensação vai como num crescendo e que se intensifica. A intensificação da sensação, entrevista metricamente, denuncia-se até mesmo ao nível verbal, graças ao exacerbamento de "muito triste" conotado na expressão comparativa e sinestésica

"como um tristemente longo..."

O aproveitamento da passagem do adjetivo a advérbio, mudando a qualidade em modo, ao tempo em que, concomitantemente, é transformado o modo em substância, através da substantivação do advérbio, enfatiza a tonalidade emocional do discurso poético, num processo de aprofundamento interior.

O quarto verso

'A casa Kosmos não tem impermeá-/ veis em liquidação...".

estabelece uma solução de continuidade no tom emocional que impregna os versos anteriores. Retoma a objetividade numa referência a um fato, digamos até trivial, do cotidiano. É um verso longo (dezessete sílabas) que fornece uma tonalidade coloquial ao discurso poético, aproximando-o repentinamente da prosa, até mesmo ao nível sintático, e marca a brusca mudança de planos:

subjetivo - objetivo

No quinto verso da primeira estrofe, surge uma nova referência objetiva: de localização -

"Mas nêste largo do Arouche"

- que se deixa impregnar pela subjetividade e o eu lírico, numa visão interior do objeto poético, distorce a paisagem, confunde-a com suas impressões subjetivas nos versos seguintes:

"posso abrir o meu guarda-chuva paradoxal, êste lírico plátano de rendas mar...",

e asssim a corrige ou a complementa.

O primeiro dos três últimos versos da primeira estrofe, que em verdade constituem uma sequência, sendo iniciado pela adversativa, "Mas", estabelece uma oposição entre a sugestão da visão exterior (quarto verso) e a visão interior, permitindo a utilização do "plátano" como proteção, ou seja, a constatação feita no quarto verso é superada na apropriação do elemento da paisagem ("plátano"), atribuindo-lhe um valor subjetivo. Transformando o elemento que integra a paisagem do largo do Arouche em proteção - e do qual toma posse ("meu") - o eu lírico confunde-se com a paisagem mesma, utilizando-a, pois, ao "plátano" atribui a qualidade do seu próprio estado de contemplação poética: "lírico".

A instabilidade do eu lírico, denunciada na mudança de planos (objetivo - subjetivo -objetivo), e o mergulho no mundo interior evidenciam-se nessa integração na paisagem e enfatizam-se na construção.

"... plátano de rendas mar...",

onde o elemento fluido evocado nesse último verso remete às camadas profundas da personslidade, cujo sentido se amplia em teia, emaranhado, conotados em "rendas".

A segunda estrofe é marcada, principalmente, pelo predomínio do subconsciente que emerge e interrompe o pensamento lógico traduzido na frase elíptica

"Ali em frente...".

É importante salientar que o primeiro verso dessa estrofe tem forma desarticulada lógica e gramaticalmente. A frase elíptica inicial, não tendo ligação com a seguinte, fica inconclusa, porém vibra em conjunto com essa, como num movimento de superposição, resultando, então, um verso polifônico que amplia a polifania poética(9). As formas substantivas presentes nessa segunda estrofe remetem ao subconsciente, marcam o distanciamento da lógica objetiva. A "Loucura", símbolo dos impulsos mais íntimos, como que emerge repentinamente, traduzindo o predomínio das camadas profundas da subjetividade, predomínio esse que tem reforço na referência à Taça do rei do Tule(10): receptáculo dos impulsos íntimos de liberação da libido, de toda uma vivência interior. A Loucura é encarada como forma de conhecimento da repressão desses impulsos. Salientamos que a valorização do subconsciente, presente nessa estrofe, abre lugar para a prevalência do subjetivismo (impulsos íntimos), evidente até o final do discurso poético.

Na terceira estrofe, ressurge a visão objetiva dos vários elementos que fazem a paisagem. Contudo, essa objetividade vai aos poucos sendo contaminada pelos reflexos da subjetividade, e, não havendo mais distância entre o objetivo e o subjetivo, surge a expressão metafórica, no quarto e quinto versos dessa estrofe:

"As rôlas da Normal
esvoaçam entre os dedos da garôa..."

O parêntese que constitui os dois versos seguintes,

"(E si pusesse um verso de Crisfal
No De Profundis?...)",

revela os impulsos subjetivos que mais uma vez predominam e determinam a postura lírica. Entendemos o "De Profundis" numa relação de similaridade com a paisagem encoberta por uma "garôa cor de cinza, muito triste, como um tristemente longo"; ocorre , então, uma modificação interposta pelas sensações, capazes de introduzir uma nota de bucolismo, de luz, presente na alusão à composição bucólica de Cristovão Falcão. O discurso poético, por meio do contraste estabelecido entre o bucolismo de *Crisfal* e o tom grave do "De Profundis", da conta da visão interior na deformação do que lhe é sugerido. O processo de liberação interior gera a transformação da paisagem, nos três últimos versos do poema:

"De repente
um rádio de Sol arisco
risca o chuvisco ao meio".

A flexão temporal dos verbos no presente deixa que compreendamos que é um instante liricamente apreendido que constitui "Paisagem Nº 3". A mudança das condições atmosféricas ocorrida nesse instante resulta de um processo de sinestesia, indicador da instabilidade do eu lírico, introdutor da nota bucólica modificadora.

Podemos verificar que a distribuição geral dos versos, em "Paisagem Nº 3", faz-se em três movimentos, que correspondem às três estrofes. O primeiro movimento apresenta um recorte da cidade de São Paulo, o largo de Arouche, enquanto garôa, oscilando o discurso poético entre o pensamento lógico e o predomínio da subjetividade, terminando por prevalecer a sensação que irrompe e altera a logicidade objetiva. No segundo movimento, correspondente à segunda estrofe, estabelece-se uma interrupção no discurso lógico e o subconsciente passa a ser predominante: o eu lírico volta-se sobre si mesmo. O terceiro movimento retoma o discurso interrompido pela segunda estrofe e reassume o tom de objetividade, que, todavia, será comprometida, no desenvolvimento da composição, por novo predomínio da subjetividade. É possível percebermos que o eu lírico na contemplação do objeto poético, evolui de uma postura passiva, expressa na primeira estrofe, ou primeiro movimento, para uma atitude ativa e, portanto, modificadora, presente na última estrofe, ou terceiro movimento; em outras palavras, na medida em que avança o predomínio do mundo interior, o objeto contemplado é interiorizado e o discurso exprime uma visão nova do mesmo objeto, agora integrante de uma paisagem interior. Vemos, então, que, estruturalmente, o poema se compõe de partes de caráter diferente, à semelhança de uma sonata ou um concerto: *allegro* (primeira estrofe), *adagio* (segunda estrofe), *allegro* (terceira estrofe)(11).

A leitura atenta do poema revela a variedade dos sinais de pontuação usados: pontos de suspensão, interrogação, admiração, ponto, predominando os pontos de suspensão que se combinam no décimo sétimo verso do poema com a interrogação. Ora, os pontos de suspensão são colocados de forma a separar as várias sugestões da "paisagem" e a estabelecer intervalos entre o pensamento lógico e o predomínio da subjetividade. A impressão musical é reforçada ao longo de toda a peça, graças à utilização dos pontos de suspensão que estabelecem intervalos de tempo entre os versos, entre o pensamento lógico e o irromper do subconsciente. Os pontos de suspensão, em lugar do ponto final prolongam os versos, e correspondem, em música, aos silêncios: uma pausa, uma meia pausa; permitem isolar versos (ou palavras, como no primeiro verso, onde a interrogação tem a função de estabelecer uma ligeira pausa, correspondendo, então, ao papel dos pontos de suspensão), atribuindo-lhes vibrações, estabelecendo compassos que marcam uma ressonância interior.

2. Sons privilegiados para um efeito musical

No "Prefácio interessantíssimo", Mário de Andrade ressalta a riqueza e a sonoridade da língua portuguesa falada no Brasil:

"A língua brasileira é das mais ricas e sonoras."(12).

E é do aproveitamento das fontes sonoras da língua portuguesa, numa combinação de vários elementos que agem **simultaneamente**, que resulta um forte acento musical existente em "Paisagem Nº 3".

Entre esses elementos está a assonância, que consiste na identificação das vogais em duas ou mais palavras, a partir da tônica. Mário de Andrade atribui um valor especial à exploração desse recurso natural:

"Virgílio, Homero, não usaram rima. Virgílio, Homero, têm assonâncias admiráveis."(13).

No poema analisado, encontramos assonâncias nos seguintes versos:

"*O*s reflexos dos v*u*ltos c*u*rtos"
"*A*s r*ô*las d*a* Norm*a*l"
(grifos nossos)

No primeiro verso citado, a exploração funcional das vogais contribui para fornecer a sugestão de peso, de proximidade do solo, graças ao emprego da vogal /u/ (posterior, arredondada), enquanto no segundo verso citado a sonância sugere a leveza, a agilidade das "rolas da Normal", em consequência do emprego da vogal /a/ (de máxima abertura) na segunda posição da assonância. Vale observar que a exploração da funcionalidade dos fonemas para sugerir certas impressões remonta à experiência simbolista.

A musicalidade resulta também da utilização de palavras de sons semelhantes, provenientes de um mesmo radical (homofonia), como na construção do verso.

"muito *triste*, como um *triste*mente longo..."
(grifos nossos)

Outras vezes, a impressão musical decorre de um eco, como em

"um rádio de Sol ar*isco*
risca o chuv*isco* ao meio."
(grifos nossos)

Nesses versos, os fonemas empregados, tanto a vogal /i/ como as consoantes, sugerem a finura do chuvisco aludido e contribuem para mostrar a brusca transformação do tempo.

O ditongo *ão*, ressaltado no "Prefácio Interessantíssimo" e qualificado de "admirabilíssimo"(14), aparece em "Paisagem Nº 3" em posição de rima interna em

" - Tens raz*ão*, minha Loucura, tens raz*ão*."
(grifos nossos)

A exploração da riqueza e sonoridade da língua portuguesa na busca da musicalidade conduz ao emprego da terminação *al*. Em "Paisagem Nº 3", essa terminação aparece em posição de rima

"posso abrir o meu guarda-chuva paradox*al*",
"As rôlas da Norm*al*
esvoaçam entre os dedos da garôa...
(E si pusesse um verso de Cris*fal*"
(grifos nossos)

As sugestões emanadas do objeto poético causam impressões que, por vezes, se traduzem através de alterações que assim expressam musicalmente as sensações do eu lírico, como em

"A casa *K*osmos"...
(grifos nossos)

e em

"mancham o *p*etit-*p*avé..."
(grifos nossos)

onde a expressão em língua estrangeira, ao tempo em que empresta uma sonoridade particular ao verso, a fim de traduzir a sensação provinda do ruído de passos, serve como índice de um certo cosmopolitismo presente na "paisagem" (a esse propósito, veja-se a grafia de "Kosmos").

3. Uma visão simultânea da realidade

Como vemos, em "Paisagem Nº 3", o objeto poético (instante de vida citadina) é-nos mostrado em planos diferentes e em aspecto diversos. O poema constrói-se em dois planos: objetivo e subjetivo. O plano objetivo, por vezes, é transposto para o plano subjetivo sem que haja uma alternância de fato, mas antes uma interpretação de planos com a predominância do segundo.

Na utilização de elementos musicais e nessa alternância de planos, os diversos aspectos da realidade são trazidos de forma fragmentada, terminando por constituir-se uma espécie de cristalização do objeto poético, encarado de vários ângulos, conduzindo a uma síntese alcançada em um nível de abstração. A realidade fracionada expressa-se através de planos superpostos e simultâneos, e, por sua vez, a combinação dos elementos musicais dá conta da apreensão simultânea dessa mesma realidade, ou seja, do "EFEITO TOTAL FINAL" (15).

A percepção simultânea da realidade tem um fundamento psicológico. Frente ao instante que constitui "Paisagem Nº 3", o olhar não percebe isoladamente os diversos elementos: a garoa, os homens, as normalistas, etc., mas percebe simultaneamente tudo isso, tal como explica Mário de Andrade em *A Escrava que não é Isaura*, retomando a teorização do processo artístico de apreensão da realidade:

"A simultaneidade originar-se-ia tanto da vida actual como da observação do nosso ser interior. (Falo de simultaneidade como processo artístico.) Por êsses dois lados foi descoberta." (16).

E mais adiante diz o Autor:

"A sensação complexa que nos dá por exemplo uma sala de baile nada mais é que uma simultaneidade de sensações (0)

"Olhar aberto de repente ante uma paisagem, não percebe

primeiro uma árvore,
depois outra árvore,
depois outra árvore,
depois um cavalo
depois um homem,
depois uma nuvem,
depois um regato, etc.,

mas percebe simultaneamente tudo isso.

"Ora o poeta modernista observando esse fenômeno das sensações simultâneas interiores (sensação complexa) pretende às vezes realizá-las transportando-as naturalmente para a ordem artística."(17).

E ainda na mesma obra diz Mário de Andrade:

"Simultaneidade é a coexistência de coisas e factos num momento dado.

"Polifonia é a união artística simultânea de duas ou mais melodias cujos efeitos passageiros de embates de sons concorrem para um EFEITO TOTAL FINAL"(18).

Não podemos deixar de notar, nas considerações quanto ao processo de apreensão simultânea do objeto poético, o admirador (Mário de Andrade) da experiência cubista.

Diz Mário de Andrade, no "Prefácio interessantíssimo":

"Arte não consegue reproduzir natureza, nem este é seu fim. Todos os grandes artistas, ora consciente (Rafael das Madonas, Rodin do Balzac, Beethoven da Pastoral, Machado de Assis do Braz Cubas), ora inconscientemente (a grande maioria) foram deformadores da natureza. Donde infiro que o belo artístico será tanto mais artístico, tanto mais subjetivo quanto mais se afastar do belo natural".(19).

A teorização de Mário de Andrade, que se refere à sua "desconfiança para com o puro racional e certo 'antinaturalismo' bem do século XX", como diz Alfredo Bosi (20), é, na prática do discurso poético, confirmada quando abala os alicerces do academismo, desprezando o "bom senso" do pensamento lógico objetivo e a imitação da natureza, deixando aflorar as matrizes pré-conscientes na expressão de toda a sua subjetividade. O fenômeno estético depura-se, então, de elementos que lhe são estranhos e alcança a produção do belo artístico que difere do belo natural, pois o belo artístico tanto melhor será realizado quanto mais se afastar do belo natural, quanto mais subjetivo for, constituindo-se de euritmias, de equilíbrios, da sensação de formas, cores, movimentos. A impulsão lírica inicial irrompe do subconsciente e a inteligência põe-se então depois do ato poético e apenas o monda - embora não de exageros coloridos, pois

"Exagêro: símbolo sempre novo da vida como do sonho. Por êle vida e sonho se irmanam. E consciente, não é defeito, mas meio legítimo de expressão. (21)

A reprodução exata do subconsciente só daria lirismo que não chega a ser poesia.

"Essa posição a que aspirava Mário de Andrade, ao fundar o desvairismo"(22) está presente em "Paisagem Nº 3", onde o impulso provindo do subconsciente que brota diante da paisagem vista de sob a garoa é o moto lírico do discurso poético e é res-

ponsável pela interiorização do objeto, sendo que a expressão inteligível surge de forma fragmentada, distanciada da lógica objetiva. Por outro lado, a expressão liberada das cadeias do discurso lógico permite que o eu lírico obedeça ao impulso do subconsciente que aflora, numa entrega ao próprio pensamento, deixando-se por conseguinte, transpor a visão objetiva para o encadeamento subjetivo. O elemento climático (garôa-sol) configura-se um processo de sinestesia trabalhado numa expressão nova. Vemos, assim, a dinâmica existente entre forma/conteúdo, construção/expressão no poema marioandradiano.

4. Outros traços vanguardistas para uma expressão nova

4.1. Métrica

A vida citadina moderna que aparece em "Paisagem Nº 3", com sua rapidez, com sua multiplicidade de sugestões, exige uma expressão nova; o poeta da vida moderna compõe uma poesia de ação, de simultaneidade. Há, porém, uma condição necessária para a realização dessa poesia: a liberdade total de versificação. Assim é que, em "Paisagem Nº 3", o verso continua, todavia liberto da obrigatoriedade do metro, pois como afirma Mário de Andrade:

"Não acho mais graça nenhuma nisso da gente submeter comoções a um leito de Procusto para que obtenham, em ritmo convencional, número convencional de sílabas.

****

"Mas não desdenho baloiços dançarinos de redondilhas e decassílabos. Acontece a comoção caber nêles. Entram pois às vezes no cabaré rítmico dos meus versos". ([23])

Portanto, segundo sua concepção, o verso corresponde a dinamismo interior, razão porque não é possível a aceitação de medidas que o freiem, pois o verso, antes de mais nada, traduz a completude emocional. Contudo, o poeta não se priva do emprego da métrica do passado, porque assim estaria impondo limitações à liberdade absoluta de sua poesia. O verso livre, portanto, é exigência fundamental da nova poesia, sendo que procede do "Manifesto técnico da literatura futurista" a sua defesa como postulado ([24]).

Em "Paisagem Nº 3", encontramos uma acentuada variedade métrica; entre outros, aí temos:

- versos hendecassílabos, como:

"muito triste, como um tristemente longo..."

- versos decassílabos, como:

"Sorri uma garôa cor de cinza", "Ali em frente... - Mário, põe a máscara!"

- versos hexassílabos, como:

"As rôlas da Normal"

ao lado do verso monossilábico inicial, do verso trissilábico

"De repente"

que marca a mudança súbita expressa nos heptassílabos finais:

"um rádio de Sol arisco/risca o chuvisco ao meio".

A métrica ganha, em "Paisagem Nº 3", flexibilidade e funcionalidade emocional, além de contribuir para acentuar a musicalidade dos versos.

4.2. Rima

No que diz respeito à rima, tal como ocorre com a métrica, o poeta foge à subordinação, porém sem se privar das possibilidades tradicionais, explorando, por vezes, esse elemento essencialmente musical, apesar de considerar no "Prefácio interessantíssimo":

"Virgílio, Homero, não usaram rima. Virgílio, Homero, tem assonâncias admiráveis." ([25])

Em "Paisagem Nº 3", o décimo quarto verso ("As rôlas da Normal") rima com o décimo sexto ("E si pusesse um verso de Crisfal"). São utilizadas rimas internas no novo verso (" - Tens razão, minha Loucura, tens razão") e nos dois últimos versos ("um rádio de Sol arisco/risca o chuvisco ao meio."), além do fato, já antes observado, de a terminação *al* aparecer em posição de rima no sexto verso ("posso abrir o meu guarda-chuva paradoxal").

4.3. Palavras em liberdade

A liberdade de expressão exigida para uma percepção simultânea da realidade conduz à fragmentação linguística atualizada na palavra em liberdade, que aproxima temporal e espacialmente vários elementos, compondo simultaneamente uma única imagem. Temos como influência próxima desse processo de estilo a teoria das palavras em liberdade, defendida pelo futurismo italiano([26]). Mário de Andrade aproveita-se, criticamente, do postulado futurista, como "auxiliar poderosíssimo":

"Marinetti foi grande quando redescobriu o poder sugestivo, associativo, simbólico, universal, musical da palavra em liberdade. Aliás: velha como Adão. Marinetti errou: fez dela sistema. É apenas auxiliar poderosíssimo. Uso palavras em liberdade".([27])

Assim, Mário de Andrade, livrando a palavra da ronda sintática, realiza a frase elíptica na composição do verso polifônico.

"Ali em frente... - Mário, põe a máscara!"

e opera transformação nas classes de palavras, como ocorre no verso.

"muito triste, como um tristemente longo..."

na expressão da paisagem do "eu profundo".

4.4 Estrofação.

Não podemos deixar de observar que a organização estrófica de "Paisagem N. 3" foge a todos os esquemas tradicionais previstos. Os versos distribuem-se em três estrofes, em obediência ao impulso lírico e ao predomínio do subconsciente.

5. Conclusão

O verso livre, a rima livre, a desarticulação da sintaxe, a substituição da ordem intelectual pela ordem do subconsciente, a rapidez, a síntese, como princípios de uma nova poética, constituem, em verdade, patrimônio comum das vanguardas estéticas do início do século. Lançando mão desses recursos de ordem técnica e de ordem estética, Mário de Andrade busca uma expressão poética que veicule o efeito das condições específicas da modernidade presente na Paulicea, eleita seu objeto poético, e com a qual o poema "Paisagem N. 3" está relacionado metonimicamente.

Por outro lado, como afirma Benedito Nunes, "em plena convergência mental com as vanguardas, é na estética da música que Mário de Andrade abona a sua teoria da simultaneidade ou do polifonismo, chamada de harmonismo no Prefácio" ([28]), e realiza seus poemas numa exploração de variados recursos e efeitos musicais, como vimos em "Paisagem N. 3", imprimindo ao discurso poético os caracteres de rapidez e síntese que se aproximam das condições da vida moderna.

No poema estudado, a cidade e as sensações do poeta são apresentadas em suas múltiplas sugestões e variações, tentando fixar, através do simultaneísmo a essência do objeto poético sob a ótica de suas próprias impressões, realizando "a mimese rudimentar, que se legitima por uma relação de máxima proximidade com o movimento do subconsciente, das flutuações da vida anímica. De pouco ou nada" valendo "na poesia, que é idealização livre, subjetiva e musical, a interferência do belo da Natureza". ([29]).

NOTAS

1. Os textos de Mário de Andrade que aparecem transcritos neste trabalho obedecem à forma de sua publicação em Mário de ANDRADE, *Paulicea desvairada*, In: *Poesias completas*. São Paulo, Martins, 1966. Id., *A Escrava que não é Isaura*. In: *Obra imatura*. São Paulo, Martins, 1960. Devemos ainda esclarecer que esse trabalho foi, originalmente, a monografia apresentada no final de um curso de Literatura Brasileira ministrado pelo Prof. Neroaldo Pontes de Azevêdo no Curso de Mestrado em Letras, da UFPb, 1978.

2. Mário de ANDRADE, Paisagem N. 3, *Paulicea desvairada*. In Poesias *completas, p. 48.*

3. Ibid., *p. 13-32.*

4. Id., *A Escrava que não é Isaura*. In: *Obra imatura*, p. 195-300.

5. Id., Prefácio interessantíssimo. In: *Poesias completas*, p. 30.

6. Ibid., p. 30.

7. Ibid., p. 27.

8. Adrien ROIG, Essai d'interprétation de *Paulicéia desvairada*. In: *Publications du Centre de Recherches Latino-Américaines de Poitiers*, p. 110-111.

9. Mário de ANDRADE, Prefácio interessantíssimo. In: *Poesias completas*, p. 22-24.

10. Fialho d'ALMEIDA, A taça do rei de Tule. In: *O País das uvas*. p. 80-84.

11. Adágio - "lentamente, sem pressa; trecho de música que tem andamento vagaroso. Formação: italiano - *adagio*". Alegro - "em andamento vivo, alegre, brilhante, rápido. Formação: italiano - *allegro*". In: CALDAS AULETE, *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, v. 1, p. 82 e 162.

12. Mário de ANDRADE, Prefácio interessantíssimo. In: *Poesias completas*, p. 22.

13. Ibid., p. 22.

14. Ibid., p. 22.

15. Id., *Obra imatura*, p. 268.

16. Ibid., p. 265.

17. Ibid., p. 267-268.

18. Ibid., p. 268.

19. Id. - Prefácio interessantíssimo. In: *Poesias completas*, p. 19.

20. Alfredo BOSI, *História concisa da literatura brasileira*, p. 392.

21. Mário de ANDRADE, Prefácio interessantíssimo. In: *Poesias completas*, p. 18.

22. João PACHECO, *Poesia e prosa de Mário de Andrade*, p. 112.

23. Mário de ANDRADE, Prefácio interessantíssimo. In: *Poesias completas*, p. 20.

24. MARINETTI, Manifesto técnico da literatura futurista. In: Gilberto Mendonça TELES, *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p 93.

25. Mário de ANDRADE, Prefácio interessantíssimo. In: *Poesias completas*, p. 22.

26. MARINETTI, Manifesto técnico da literatura futurista. In: Gilberto Mendonça TELES, *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, p., 89.

27. Mário de ANDRADE, Prefácio interessantíssimo, In: *Poesias completas*, p. 22.

28. Benedito NUNES, Estética e correntes do modernismo. In: Affonso ÁVILA, *O modernismo*, p. 49.

30. Ibid., p. 46.

BIBLIOGRAFIA

1. ALMEIDA, Fialho d'. A taça do rei de Tule. In: *O País das uvas*. Rio de Janeiro, Três, 1973, p. 80-84.

2. ANDRADE, Mário de. *Paulicea desvairada*. In: *Poesias completas*. São Paulo, Martins, 1966.

3. ———. *A Escrava que não é Isaura*. In: *Obra imatura*. São Paulo, Martins, 1960.

4. CALDAS AULETE. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, v. 1, 2ª ed. bras. Rio de Janeiro, Delta, 1964.

5. BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1978.

6. COSTA, Lígia Militz da. O legado futurista em Mário de Andrade. *Littera*, Rio de Janeiro, Grifo, 3:8, 45-50, maio-ago, 1973.

7. LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminhos*. São Paulo, Duas Cidades, 1972.

8. NUNES, Benedito. Estética e correntes do modernismo. In: ÁVILA, Affonso. *O modernismo*. São Paulo, Perspectiva, 1975, p. 39-53.

9. PACHECO, João. *Poesia e prosa de Mário de Andrade*. São Paulo, Martins, 1970.

10. ROIG, Adrien, Essai d'interprétation de *Paulicéia desvairada*. In: *Publications du Centre de Recherches Latino-Américaines de Poitiers*, 1975, p. 7-124.

11. SCHUTEL, Luísa Enoé Cabral. *Mário de Andrade*. Rio de Janeiro, Educom, 1976.

12. TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, 4ª ed. Petrópolis. Vozes, 1977.

Três poemas de Luis Augusto Crispim

DOIS TEMPOS DE VÔO

para Elba Ramalho

1. Decolagem

Rufla as asas o avião
sobre o medo de todos nós
e parte célebre na pista,
caminho de toda volta.
Sigo as instruções da voz
de timbre sintético
e sinistra sintaxe
- Não te parece inútil?
Ligados os reatores,
pergunto-me aflito
o que será das reatrizes.

2. Vôo Maduro

Dedos crispados na poltrona,
alço o meu pobre vôo
pelos íntimos espaços
da alma despressurizada.
Dedos hirtos, vou sorvendo
em goles mais que nervosos
o meu refresco de coragem.
Dedos em garras, asas abertas,
ganho os ares de volta,
pterodáctilo em minha terra.

A LOUCA DE IGARASSU

Brinca um sorriso
de pura graça
nos lábios serenos
da louca de Igarassu.
Traz em festa o regaço
e a zênite toda a desgraça,
tão venturosa e demente
a louca de Igarassu,
Deus a projeta dos meninos,
dos lobisomens e dos zumbis,
dos capetas e dos sacis.
Tome conta do seu canto,
canto louco de juriti.
Deus lhe dê paz e sossego
de ensandecer bem de mansinho
nas terras de Igarassu.

DESTINO DE BRINQUEDO

para Mirian Paglia Costa

Não me cansa o lugar comum
dos colegiais que passam
aos bandos em passaredo
a esvoaçar em contos comuns.
Afinal, o destino dos meninos
e das aves em seus folguedos
é destino de brinquedo
vadiagem da primavera
que não leva a destino algum.

Poemas de Violeta Formiga

DEDICATÓRIA

Acasalada
feito pássaro
deixa-me voar
desfeita.

GAVETAS

Violeta Formiga

Ficou detido
no armário
um beijo.
Era cedo. Igual
ao frio
que da madrugada,
chega.

Até então
eu pouco sabia
de confissões
e medo:

AFIRMAÇÃO

Violeta Formiga

A poesia
nasce do dia.
Não deixe que eu morra,
me sinta.
É assim que eu sou
alegre e triste,
eterna e não efêmera,
amante do belo
e da miséria, companheira.
Não me evite,
me tenha
mesmo guardada em segredos
ou exposta ao sol
e ao vento.
Não tenho tempo fixo,
nem infância, nem velhice
e me faço sempre presente
onde a vida insiste
e resiste
persistente.

(RE)APROXIMANDO

Violeta Formiga

Tentar esconder
o óbvio,
como pode?
- Não há jeito.

Na noite,
alguns homens
dormem
enquanto aviões cortam
o céu
entre fumaças
e gelos.

REGISTRO

LANÇAMENTOS DA NÓRDICA

A ÁRVORE QUE FUGIU DO QUINTAL, de Álvaro Menezes - Dando continuidade à sua coleção dedicada aos jovens leitores, a Nórdica lança agora *A Árvore Que Fugiu do Quintal*, de Álvaro Menezes. O livro aborda um assunto atualíssimo e crucial para o futuro não só de nosso país, mas do próprio planeta: a ecologia, a relação do ser humano com a Mãe Natureza. Seu autor sabe que é fundamental que as novas gerações tomem contacto, desde já, com o problema. Ao mesmo tempo, ele tem uma profunda consciência de que não se trata de massacrar os mais novos com um discurso maçante e "didático". Partindo dessas premissas, Álvaro Menezes escreveu uma história de amor, amor à natureza, numa linguagem simples e poética.

Soma-se a isso o trabalho de ilustração de texto e programação visual realizado por Patrícia Gwinner, que dá ao livro a beleza e a atualidade que os jovens encontram, hoje em dia, nas várias formas de lazer, incluindo os meios de comunicação de massa.

A GREVE DAS BOLAS, de Orígenes Lessa - E se domingo, no estádio, a bola não rola? Vocês já imaginaram *A Greve das Bolas?*

Pois este é o mais recente livro do mais novo acadêmico, Orígenes Lessa, que a Nórdica tem o prazer de oferecer ao jovem leitor brasileiro. Orígenes Lessa, mais do que se "tornar imortal", confirma a imortalidade que sua obra já lhe conferira, além de mostrar-se jovem, escrevendo para a nossa juventude.

Sinto muito, de Hélio de Abreu - Os gêneros literários podem ser misturados, mas é preciso muita sabedoria para termos um bom "menu". Este é o caso de *Sinto Muito*. Seu autor, Hélio de Abreu, nos apresenta vários contos, retratando o cotidiano de um ascensorista ou de um "classe média", ou mesmo o drama de um índio "aculturado". O leitor também encontrará poesias. Desde as mais românticas, incluindo acrósticos (aquelas onde as primeiras letras de cada linha formam o nome da amada, lembram-se?), até arrojadas aventuras concretistas. Em meio a isso, estão vários "picles" deliciosos: frases com um humor de primeira linha, que funcionam como um verdadeiro "tira-gosto" neste cardápio literário. Esta variedade torna o livro dinâmico e sua leitura, um prazer.

Hélio de Abreu nasceu em Barra Mansa, no Rio de Janeiro, e já há 20 anos vem enfrentando a barra pesada que é ser escritor, saindo-se muito bem. Em 1961, publicou seu primeiro livro, de crônicas, *Este de Samoa*. Seguiram-se vários livros de bolso, abordando temas eróticos. Em 1976, publicou a novela *Sem Rumo na Noite*. Trabalhou também no rádio e na TV, redigindo, produzindo e apresentando programas. Teve duas peças infantis encenadas no vídeo: *A Cadeira Encantada* e *O Rei Que Sentia Cócegas* Como humorista, escreveu o texto da revista musical *Premiére* e colaborou no *Pasquim*. É também poeta, tendo sido publicado em vários suplementos literários em todo o país.

CHUVA BRANCA, de Paulo Jacob - Paulo Jacob obteve, com seu romance CHUVA BRANCA, o 4º lugar no Prêmio Walmap de 1967. Esta não foi a única vez em que a obra deste amazonense foi premiada no Walmap, um dos mais importantes concursos literários do país. Em 1968, ele alcançou o 2º lugar, com DOIS DITOS PASSADOS NOS ACERCADOS DO CASSIANÃ, e, em 1973, recebeu Menção Honrosa com CHÃOS DE MAIOCONÃ A Nórdica que já editou, do autor, ESTIRÃO DE MUNDO, reedita agora CHUVA BRANCA, por sua atualidade tanto no aspecto social quanto no literário.

A Amazônia, sem dúvida, está na "ordem do dia", das manchetes dos jornais aos palcos teatrais, passando pelas reuniões empresariais. E ela é cenário e até mesmo personagem de CHUVA BRANCA. O jornalista e escritor Aguinaldo Silva afirmou: "Paulo Jacob coloca-se na primeira frente dos nossos ficcionistas e faz o primeiro grande romance da Amazônia, ainda nossa".

Mas Paulo Jacob não se limita a "fotografar" nossa realidade. Estamos diante de um "fotógrafo" não só atento mas, sobretudo, criativo. Partindo da linguagem do próprio caboclo, ele recria os costumes e a psicologia de sua gente, construindo, segundo o crítico Assis Brasil, "um mosaico linguístico e estético da realidade amazônica, não empreendido ainda no mesmo nível de inventividade. Paulo Jacob incorpora-se ao pequeno grupo de escritores brasileiros que trabalham artisticamente a linguagem literária. Longe de desenvolver uma linguagem difícil, rebuscada, ele faz a ficção brasileira, mais uma vez, adquirir o nível da criação".

REBENTO SERÁ LANÇADO NO DIA 20 - Gentil Francisco da Fonsêca Ramos (TICO) nasceu em João Pessoa a 19 de agosto de 1960. Aos quatorze anos começou a escrever. Essa impetuosidade foi bastante brusca e indolente. Chegando, certas vezes, ao ponto de ser chamado à atenção em sala de aula por desligamento. Comprometeu muito o lápis e o caderno (escrevendo poesia).

Romântica, sua poesia não se satisfaz nos sonhos (corrompidos no dia-a-dia), procura noutros aspectos envolver-ser. Tanto é, que temos como: sertão; menor carente; opressões; o monstro multinacional, entre outros, são evidenciados nos seus versos. Misturam-se simplesmente, pisando em terra firme.

Há a presença e ausência de rima, costumando patentear o poema-frase.

A ambição deu-lhe a idéia de ligar-se à música, partindo para compor. Onde a Bossa Nova doou-lhe alguns traços e influências.

Aprendeu muitos lances de música na participação do Coral Universitário (UFPb). No Coral tomou parte na gravação do LP Grande Missa Nordestina, de autoria do maestro Clóvis Pereira.

Estava para ser lançado desde de 1977, mas imprevistos impediram-no. Esse prolongado tempo foi proveitoso, pois asseverou o amadurecimento e um pouco de aprimoramento. Com isso, foram trocados alguns poemas antigos por recentes.

REBENTO está aí, para no dia 20 de agosto às 20:00 horas, no Teatro Lima Penante, ser rebentado...

Descuido é um dos poemas coletados.

PRÓXIMO LANÇAMENTO DA PAZ E TERRA EM LIBERDADE, uma ficção de SILVIANO SANTIAGO

O autor - Silviano Santiago nasceu em Formiga (MG), em 1936. Formou-se em Letras Neolatinas pela Universidade Federal de Minas Gerais, doutorando-se posteriormente em Literatura Francesa pela Sorbonne. Ensinou em diversas universidades americanas e, no momento, é professor de Literatura Brasileira na PUC/RJ. Na sua obra já numerosa destacam-se os seguintes titulos: *O Banquete* e *O Olhar (ficção, Salto* e *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina* (poemas), *Carlos Drummond de Andrade* e *Uma Literatura nos Trópicos* (ensaios).

Em Liberdade - Trata-se de experiência inédita em ficção. Silviano Santiago resolveu inventar um possível diário que Graciliano Ramos teria escrito ao sair da prisão em 1937. Para tal, durante cinco anos familiarizou-se com a obra do romancista alagoano, pesquisou em livros, jornais e revistas da época, consultou álbuns fotográficos e guias de ruas da cidade, com o intuito de dar maior autenticidade à narrativa. Sua intenção mestra foi a de escrever uma história do movimento modernista de 22 através do cotidiano dos seus principais autores, durante um momento de crise na sociedade brasileira. Como pano de fundo para a vivência de Graciliano, tem-se a perseguição aos comunistas de 35, o fortalecimento das forças integralistas e a sede de poder de Getúlio Vargas.

A primeira parte de *Em Liberdade* passa-se na residência do romancista José Lins do Rêgo que, gentilmente, acolheu o colega de letras. Ao cabo de um mês, o autor de *Angústia* transfere-se para uma pensão no Cadete, onde pensa escrever um romance provando que o poeta e inconfidente Cláudio Manuel da Costa não teria se suicidado.

A originalidade da concepção romanesca, a atualidade do debate sobre condenados políticos, o vasto panorama da época feito sem a linguagem convencional da história tornam *Em Liberdade* um lançamento de que se orgulha a Editora Paz e Terra.

LITERATURA COMPARADA DA ABRIL EDITORA

Jorge Amado é o primeiro escritor brasileiro a integrar a série Literatura Comparada, *já nas bancas. Neste livro, a organização de textos, notas, estudos histórico-literário, biografia e atividades de compreensão e criação são da responsabilidade de Alvaro Cardoso Gomes.*

Destaque para a entrevista de Jorge Amado inserta neste volume e, ainda, ao farto material fotográfico.

Sem dúvida que os livros que compõem a coleção Literatura Comparada *serão de extrema utilidade a professores e alunos de quaisquer níveis. Ao mesmo tempo, sensibilizará a todos que se interessem por literatura a partir mesmo de sua feição gráfica.*

Além da edição nº 1, dedicada à obra de Jorge Amado, Literatura Comparada *estará lançando livros com textos de e sobre Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, Caetano Veloso, Clarice Lispector, J. J. Veiga, Cesário Verde, Cruz e Sousa, Sérgio Porto, Poetas Concretistas e muitos outros.*

São 26 volumes, lançados um a cada quinzena, com 112 páginas.

De novo o caso IPES

Nélida Piñon

RECÉM-chegada de uma viagem pela América Latina, por este continente onde a miséria se confunde com o fascínio de uma cultura forte, a exigir inesgotáveis registros, encontrei meu nome, apontado pelo professor Dreifuss, como integrante do antigo IPES, hoje intensamente radiografado em seu livro 1964 - A Conquista do Estado.

Sem entrar no mérito da obra, quero enfaticamente declarar que jamais, em tempo algum, sob qualquer circunstância, estive ligada ou relacionada com o referido Instituto, quer por vínculo empregatício, quer como associada, como colaboradora, divulgadora, sequer como simpatizante.

Se, de um lado o episódio para mim é inexplicável, visto que nunca pertenci àquela instituição, por outro suscitou-me ele breves considerações sobre a minha própria biografia, por tudo tão parecida a de milhares de brasileiros de minha geração.

Até o Movimento de 1964, era eu uma jovem brasileira que unicamente aspirava apropriar-se dos largos recursos embutidos no ofício literário, impulsionada especialmente pela imprudência e ingenuidade de quem desconhecia qualquer espécie de poder e de articulações políticas. Hoje vejo que aquela imprudência e aquela ingenuidade forraram o meu coração de modo a protegê-lo de uma carreira que ao longo do seu exercício tantas vezes traga o espírito, derrota o ideal e corrompe a independência.

Posso, pois, afirmar que até aquele marco histórico era eu feliz e com compromissos limitados. Liberada, sim, para os desacertos e para variados impulsos, mas rigorosamente distante das agremiações, das associações e dos partidos. Claro que a vida chegava-me a golfadas, mas as interpretações que dela fazia eram ainda individuais, precárias e provisórias. A porta ampla da política, cujo espectro poderoso abarca a sociedade humana em todas as suas manifestações, parecia-me, então, um processo mais bem confinado aos políticos profissionais enxertados em partidos cujas siglas circulavam pelos jornais como entidades ímãgnas indevassáveis para a minha condição de jovem inexperiente.

A ditadura de Vargas, que deveria servir-nos de permanente lição, escoava-se com lentidão pelo filtro da história. E as dramáticas irradiações oriundas do Estado Novo não tinham a força de ocupar diariamente a nossa consciência, ou de consolidar a nossa repulsa pelos regimes de exceção.

O extraordinário Memórias do Cárcere, de Graciliano Ramos, embora um painel trágico e perturbador, não constituia uma profunda lição para a sociedade brasileira, que a tudo queria esquecer. Uma vez que predominava no País, especialmente após a euforia de Brasília e da instalação da indústria automobilística, a intenção de confirmar o propalado mito do brasileiro cordial.

O País foi educado na crença de que carrascos e torturadores, categorias assim tão indignas, jamais pertenceriam à nacionalidade, uma vez que mesmo a nossa Abolição, contrária à americana, se fizera sem quase derramamento de sangue. Éramos um povo habilmente voltado para a perpetuação de símbolos e de mitos que se soterrassem a nossa dramática realidade.

Deste modo, a história política do Brasil, por apresentar-se tão institucionalizada, inatacável, sem espaço para revisões e para a conquista de novos pontos-de-vista, figurava-se distante, morosa, sob a proteção de interpretações destituídas de realidade.

Intensificando, porém, o exame da minha própria trajetória, reconheço-me um típico produto intelectual moldado e constituído a partir de 1964. Após essa data e depois dos processos e métodos deflagrados pelo movimento militar, a realidade brasileira e os desmandos que sobre ela e em seu nome foram exercidos fortaleceram a minha convicção democrática, impuseram-me um decálogo moral e nacional, ao qual venho sendo publicamente fiel e cumpridora. Pertenço historicamente a uma geração que se educou e forjou sob a égide do arbítrio, e que melhor compreendeu os transtornos e as marcas abusivas e repressivas do Poder quando o movimento militar impôs a sua ideologia e seus projetos políticos.

Quis a história que eu assumisse mais integralmente a realidade desmembrada do Brasil através de traumas, violências, frustrações, perdas rigorosamente irrecuperáveis. A consciência com a qual convivo a cada minuto, e que sustenta a minha modesta batalha e o meu próprio texto, robusteceu-se ao longo da injustiça social, da corrupção, das torturas, dos procedimentos aéticos dominantes no país ao longo desses 18 anos.

Aliás, há quatro séculos que a história nacional se faz à nossa revelia. Há quatro séculos submetemos a nossa realidade aos interesses daqueles que a distorcem quando não a desprezam ostensivamente. Há 400 anos recolhemos modestas parcelas da nossa vida nacional. Nada sei dos documentos e dos papéis que nos pretendem definir e em nome dos quais fomos definidos, expurgados e manipulados. Como não sei também das palavras que intentam macular uma biografia como a minha, de participação pública conhecida.

Já em 1978, ao procurar compreender-se a situação do meu país, observava que estávamos vivendo - nós, ligados à cultura - a euforia tão própria dos sobreviventes, ao resistirmos às injustiças, à censura e à repressão que escureciam o horizonte brasileiro. Também me dava conta, naquele momento, que se aproximava um instante ainda mais dramático que o impulso pela censura e a repressão: o momento da discórdia, das mentiras usadas contra nós, ou entre nós, o perigo que rondaria as palavras, a ganharem novo uso, novo código, novo subtexto.

Sim, tive certeza que o perigo rondava a nossa casa, nossa delicada mais resistente casa. Entre nós mesmos seriam introduzidas cunhas para nos enfraquecer, as quais aparentemente macularíam a nossa postura ética, o compromisso com a vida que cada um havia tratado de erguer com dignidade e cuidados, como os tempos difíceis costumam exigir. Tratariam, sim, de desmembrar as oposições, esfacelando sua unidade, onde estivessem. Confirmei que, mais do que nunca, deveríamos confiar em nossa capacidade de resistir através da palavra, que é o nosso instrumento de ação. Havia que, mutuamente, sondar-nos, para afastar os mal-entendidos, as eventuais desconfianças e reinterpretar palavras que o tempo e o vocabulário político tinham descaracterizado.

Talvez o mais sombrio de todo este período tenha chegado. O adversário coloca-se em recantos inpensáveis, usando roupas que disfarçam sua origem e seus propósitos. Há, porém, que acreditar nos que, em momento algum, traíram suas biografias, coerentes até mesmo com o desvário histórico sobre o qual também se apoiam as biografias em formação.

Minha história pessoal é a história dos meus livros. Isto é uma evidência. E minha saga de brasileira, de mulher, de escritora, foi sempre um relato visível, aparente, transparente, quer nas palestras em universidades, nos seminários, nas entrevistas aos jornais e na televisão, ou quando participava de congressos no Brasil e no exterior. Nestas ocasiões sempre fui ao encontro do público com as palavras da minha consciência jogadas sobre a mesa, livre para o debate. Fazia questão de improvisar as minhas apresentações públicas, exatamente porque me queria vulnerável, exposta, flexível, capaz de equívocos, sim, mas igualmente de revisões e de aprender com a experiência dos jovens.

Nunca adulterei minha biografia a pretexto de resguardá-la ou torná-las algo que não fosse rigorosamente meu. Os capítulos que me compõem até hoje foram escritos com devoção, arrebato, paixão e a certeza de que através dos grandes assaltos da vida devia tentar reforçar meu código de ética. Criar, para mim, nunca se restringiria à solidão da máquina de escrever e, em seguida, encerrar o expediente como se a tarefa estivesse cumprida. Criar sempre foi acreditar no real que passava a existir e se prolongava além do exercício criativo, uma vez que a vida preside o fazer literário.

Ao contrário, apostando tanto na força do livro, da palavra como instrumento de ação, da literatura enfim, acreditava então como creio agora, na função social do escritor, no seu irrepreensível dever de confrontar-se com a realidade no plano dramático e movediço do real a se fazer. Sempre me acreditei capaz, junto com os meus companheiros de ofício e unidos as outras categorias profissionais do meu país, que tínhamos e temos condições de fazer uma história que efetivamente nos represente e reflita a convergência da vontade nacional Lutei sempre pela nossa intervenção no real, porque o real é vulnerável, feito pelos homens e pelos homens deve ser modificado.

EM recente artigo, o escritor Rubem Fonseca negou enfaticamente qualquer participação minha nas atividades do IPES. E assim agiu de acordo com a verdade dos fatos e em obediência à sua consciência, porque eu estava ausente do Brasil e não podia defender-me pessoalmente, como agora o faço. Para quem o conhece e com ele convive de perto, como muitos de nós escritores, sabemos que esta atitude reflete sua postura digna e leal diante da vida. Do que tem dado provas mais que suficientes, confrontado que foi com os momentos difíceis das cassações de intelectuais, da repressão, da censura prévia que tanto o prejudicou pessoalmente e contra a qual lutou, entre outras razões, para afirmar o princípio da liberdade do artista diante da criação.

Talvez por isso, ao analisar a situação do escritor brasileiro, vejo-o ainda como um sobrevivente corajoso, capaz de resgatar as realidades do seu país, a despeito das dificuldades de uma proposta de vida tão áspera como a do artista enquanto intelectual independente. Pergunto-me, entretanto, se além das dificuldades já apontadas é justo acrescer novas provas a um ofício que efetivamente garante a sobrevivência dos sentimentos brasileiros, da língua portuguesa, do registro de realidades aparentemente indevassáveis? Como precisar defender-se de situações inquietantes, irreais, inverídicas, para que não se envolvam em equívocos, não confundam situações imaginárias com a realidade.

De minha parte, continuarei confiando no futuro do meu país, querendo-o livre e culturalmente descolonizado. E pretendo prosseguir no meu caminho para que isto se torne realidade ainda no meu tempo. (Transcrito do Jornal do Brasil de 26.07.81).

NOVOS

Na sexta-feira da semana passada, Gentil Francisco (Tico) lançou, no Teatro Lima Penante, o livro *Rebento*. Apresentado pelo Prof. Alessio Toni, após o lançamento Gentil Francisco ainda executou algumas músicas de sua autoria. A seguir, publicamos alguns poemas que integram *Rebento*, livro de estréia de Gentil Francisco.

DESCUIDO

Oh! traças, por que vós não desapareceis?...
Ah! vermes traças, aparecei! Pois, eu quero apertando
vos matar pelos buraquinhos que deixaste no livro...
Ah! traças mesquinhas, sem escrúpulos, miseráveis,
que corroeis as sésseis folhas do livro...

... Folhas, por que vós não vos soltais, fazendo com que
o vento vos livre dos trastes: as traças?...
Ou, tu, livro? Por que não abres tuas asas e te arrasas
ao vento, gritando teus escritos, publicando teus gritos em
nossos olhos?...

...Ah! nossos olhos que vivem fechados, cegos,
na maior parte do tempo, em que estão abertos!..
Ó livro, e folhas, perdoai-nos...
mas, não deixeis nunca de castigar-nos!...
Alertai-nos...

Oh! traças, por que vós não apareceis?!...
Ah! belas traças, aparecei! Pois, eu quero, com uma
taça, apertando vos cumprimentar pelos buraquinhos
que deixastes em nossas mentes...
Ah! traças boazinhas, com escrúpulos amáveis,
que corroeis nossas mentes por terem ficado sésseis diante do
livro...

MÚLTIPLOS FAVORES MÚTUOS (voluntariamente)

A garça esgarça o vento macio,
e, como que com graça, grassa
sua energia, tornando-o mais vida...

O vento ventila a garça macia,
e, como que com graças, grasna
sua energia, tornando-a mais vivida...

A energia energiza essa reciprocidade nos perenes dias,
e, como que sem graça, com graças, nutre-a,
tornando-a mais amiga...

CANTATA

Canto teu canto,
canto teu cantar.
Canto tua exuberância!
Canto e canto...
Canto tuas coxas
bronzeadas, teus seios,
com o olhar profundo no meio

ASILOS

Trêmula, segurando numa varin
ha trêmula,
lá está a vovó de asilo
na monotonia da cantiga de grilo,
sem uma nova canção
que é a aparição
de vocês, netinhos de bem,
só para os bens...

Correio das Artes

POEMAS DE ARCHIDY PICADO

o naufrágio

em aurífero silêncio
ouvem-se apenas lamentos
débis, monótonos, intermitentes

túrgidos corpos
exangues faces
comensuráveis arautos
proferem patéticas renúncias
aranzéis intermináveis
ecos de súplicas pungentes
sobre o bojo das águas
amontoam-se esponjosos fragmentos

quando ocorrerá o prescrutável naufrágio?

o cavaleiro

interregnos vulníferos
caminhos ermos e áridos
lentas e melífluas nuvens
o cavaleiro
esbelto e circúnvago
traz no desgastado dorso
frementes prelúdios
de irresgatáveis eventos

inconsequentes gestos
se dirigem a pálidos súditos
de fidalgas e medievais lembranças
e de margos e víperos exícios.

o jogo

em eloquente silêncio
lanço as cartas que caem
uma pós outra
sobre o verde veludo da mesa
não tenho adversários
apenas a dama de copas que me olha
como se falasse de trivialidades

o coringa
por trás de seu disfarce
esconde um descontentamento
o rei, com seu aparato real
vocifera o ataque e a destruição
um valete suplicante
deseja retornar ao seu naipe
sem vencedores nem vencidos
reúno-os todos e termino o jogo

a ilha

transfigurados em sal e cinza
os imputrescíveis corpos se abrigam
sob extensos e procelosos mantos

arrebatados por aliciantes ventos
violácea exilárias
envolvem em aderentes fios
a lívida e plácida face da ilha
eternos e irremersíveis vocábulos
amargos e patéticos
se estendem remitentes
ao longo de praias desertas

o mar em seu eterno lamento
testemunha impávido
o grande e apocalíptico momento,

o espectro

envolvido em densas trevas
no ar de mornos corredores
o taciturno espectro mendigo
caminha trôpego e apressado

em inviolável silêncio
em eterna e irremitente busca
em súbito cumprimento
a inadiáveis sentenças

por longas e insidiosas alamêdas
passa como uma sombra
a um destino fatídico e irredimível
o taciturno e lúgubre espectro

A UNIÃO

ANO LXXXIX Nº 173 — JOÃO PESSOA - domingo 30 de agosto de 1981 — PREÇO Cr$ 20,0

Sai o número de crianças vacinadas

A campanha de vacinação contra a paralisia infantil atingiu 492.183 crianças, segundo revelou o secretário Aloysio Pereira, adiantando que já enviou ofícios a diversos setores do Ministério da Saúde e diversos órgãos que colaboraram com a iniciativa. "Os ótimos resultados alcançados - disse - devem-se também ao perfeito trabalho de divulgação que houve preliminarmente, através dos vários meios de comunicação".

Em João Pessoa foram vacinadas 51.800 crianças, o que atingiu 90 por cento da previsão. Além das crianças de 0 a 5 anos de idade, foram ainda vacinadas (não incluídas nos dados totais) mais de 543 mil crianças em todo o Estado.

Vencida mais esta etapa no controle da paralisia infantil, o secretário Aloysio Pereira disse estar convicto do sucesso desta política do Ministério da Saúde e do Ministério da Previdência Social. Sobre os últimos casos de paralisia infantil no Estado, afirmou que em 1979 foram registrados 80 casos, 1980, 29 e em 1981 apenas 3. "Isso mostra - acrescentou - o impacto que a política de vacinação está tendo sobre o comportamento epidemiológico da doença". (Pág 5)

Baracuhy reúne prefeitos para debater a seca

Os problemas provocados pela estiagem, seus efeitos, suas consequências e as medidas que já foram adotadas pelo Governo, levaram o secretário da Agricultura e Abastecimento, sr. Marcos Baracuhy, a reunir prefeitos, vereadores, deputados, técnicos e lideres comunitários da região de Sousa, sendo este o terceiro encontro convocado com a mesma finalidade.

O secretário Marcos Baracuhy ouviu relatos dramáticos sobre a situação que atravessam os municípios sertanejos, com as finanças arrasadas pela ausência total de safras e a ameaça da perda do gado, ao mesmo tempo em que se pedia o aumento do número dos alistados, acesso ao crédito agrícola para todos os proprietários, incrementação dos projetos hídricos, emergência para as populações urbanas, alistamento de mulheres e menores de 14 anos.

Os deputados Gilberto Sarmento, Antonio Quirino e Eilzo Matos, presentes ao encontro, lamentaram o estrado de penúria das populações e criticaram a insensibilidade dos técnicos federais que não levam em consideração os seus pleitos. Ressaltaram, no entanto, o empenho do governador Tarcisio Burity e do presidente João Figueiredo para minorar a situação dos trabalhadores rurais. (Página 8)

Andreazza vem na terça-feira a João Pessoa

Brasília - O ministro do Interior, Mário Andreazza, visita terça-feira, o Estado da Paraíba, onde, em companhia do governador Tarcisio Burity, assina vários atos, no valor global de Cr$ 4,2 bilhões para execução de obras nos setores habitacional, de saneamento e desenvolvimento urbano, beneficiando milhares de pessoas na capital, em Campina Grande e outras cidades.

Na oportunidade, Andreazza, também inaugurará o conjunto habitacional Severino Cabral, em Campina Grande, bem como o sistema de abastecimento da água e esgotos sanitários e a rede de energia elétrica do referido empreendimento, cujos investimentos foram da ordem de Cr$ 240.5 milhões. O conjunto beneficiará com suas 605 casas, a 3.025 pessoas.

Operário de 29 anos morre em Camaçari

Salvador - No segundo acidente fatal em menos de oito dias no pólo Petroquímico de Camaçari morreu na madrugada de ontem o operador de processo Humberto Silva Filho, 29 anos, solteiro, encontrado dentro de um tanque de nitrogênio da indústria Polialdem. As atividades industriais da empresa foram paralisadas para a polícia técnica realizar perícia, enquanto o corpo do funcionário era transportado do Pronto Socorro da Copene-Companhia Petroquímica do Nordeste - para o Instituto Médico Legal Mina Rodrigues.

Na terça-feira última, morreu o analista Wellington Santana quando ele manipulava um tubo de ensaio com preparado químico no laboratório da Ociteno do Nordeste, usando um equipamento de segurança improvisado, segundo os empregados da fábrica. O assessor de imprensa da Polialdem, Leonel Briner, divulgou uma nota sobre a morte do operador Humberto Silva Filho, explicando que a causa foi asfixia por nitrogênio, após ele ter penetrado no tanque que continha o gás para recuperar uma caneta.

Enquanto participavam de uma reunião do Sindiquímica, colegas do operador, contudo, relataram que Humberto da Silva Filho era uma pessoa criteriosa, responsável e ciosa do que manipulava durante o trabalho. Sua função era leitura dos equipamentos e a área de trabalho não é considerada de alta periculosidade, inclusive sendo normal se abrir a tampa do tanque de nitrogênio.

A Semana do Excepcional, promovida por D. Glauce Burity, foi encerrada ontem com uma missa de Ação de Graça, rezada pelo padre Juarez Benício, na Catedral Metropolitana. No seu sermão, o celebrante lembrou que "na Alemanha nazista os deficientes físicos foram eliminados sob o pretexto de deformar uma raça superior, mas hoje temos o compromisso de lutar contra os preconceitos que são impostos aos deficientes, facilitando seus esforços de participarem da sociedade como pessoas que, como todos nós, têm, além do corpo, um espírito pedindo liberdade. A missa, assistida por dezenas de deficientes físicos, foi coordenada pelo Instituto dos Cegos "Adalgisc Cunha" e pela Legião Brasileira de Asistência teve a participação do coral da Universidade Federal da Paraíba que cantou hinos sacros. (Página 8)

Brizola diz que o PDT luta pela 3ª República

Porto Alegre - Depois de considerar que "não haverá solução e que o povo não sobreviverá sem a derrubada do atual modelo econômico", o ex-governador Leonel Brizola disse que seu partido lutará por "uma nova república, a terceira república, que não poderá ser capitalista, mas será democrática e socialista, derrubando o colonialismo do capital internacional em que vive o Brasil".

– O trabalhismo é o caminho brasileiro para o socialismo. Não há conciliação possível com o capitalismo internacional e teremos de cortar os galhos apodrecidos dessa segunda república, que são a exploração financeira dos bancos, a parafernália das estruturas financeiras com papel pintado, a exploração imobiliária e o enriquecimento ilícito das grandes empresas com latifúndios".

Emocionado pela recepção no comício da legalidade, que lembrou os 20 anos de episódio que garantiu a Presidência da República para João Goulart após a renúncia de Jânio Quadros, o sr. Leonel Brizola, no seu discurso de duas horas, encerrado a 1h30 da madrugada de ontem, colocou claramente, pela primeira vez, como será a terceira república, cuja idéia vem defendendo nos últimos dias.

Depois de garantir que "nosso processo é democrático, mas não vamos nos deter com qualquer obstáculo, pois queremos e precisamos derrubar esse modelo econômico", o ex-Governador gaúcho considerou que a atual segunda república (iniciada com a revolução de 30) "corrompeu-se, deformou-se e perdeu a própria legitimidade com a entrega do Brasil aos interesses estrangeiros; tornando o país tutelado por uma estrutura que envolveu as Forças Armadas, e que atualmente está apodrecido. Vamos lutar por uma nova república, defendendo nossa soberania, construindo um desenvolvimento independente, com uma ordem social igualitária, e que será, necessariamente, democrática e socialista".

Severino Ramos reeleito para presidência da API

Com um total de 129 votos prós, o jornalista Severino Ramos, da chapa dois, venceu as eleições para a Associação Paraibana de Imprensa, realizada durante todo o dia de ontem, na sede da entidade.

A chapa um, tendo à frente Carlos Aranha perdeu por uma margem de 24 votos com relação ao primeiro colocado, enquanto a chapa três, liderada por Jório Machado, ficou com uma diferença de 14 votos. Votaram 351 associados.

ESCRUTÍNIO

A abertura da urna deu-se por volta das 17 horas, pelo juiz Firmo Justino ladeado por mais três integrantes da mesa fiscalizadora das eleições. Antes de serem anunciados, os votos foram sendo classificados em três diferentes pequenos montes.

Enquanto os votos estavam sendo contados, os três candidatos permaneciam nervosos, nas proximidades da mesa a sensação que veio aumentar quando foi anunciado um resultado extra-oficial de 137 votos para a chapa dois, 103 para a chapa um e 111 a chapa três. Somente às 18 horas, pontualmente, foi anunciado o resultado final e oficial da eleição, dando vitória para o candidato Severino Ramos, que deverá presidir por mais dois anos a API.

A CHAPA

A chapa está formada por Severino Ramos (presidente), Nonato Guedes (vice), Marcus Tavares (secretário geral), Pedro Moreira (1º secretário), Antônio Costa (2º secretário), Jacy Mendes Leite (primeiro tesoureiro) e Martinho Moreira Franco (segundo tesoureiro).

Os Conselhos Deliberativos e Fiscal e a Comissão de Sindicância estão formados por dez, seis e seis pessoas, resectivamente.

A expectativa dos associados na apuração dos votos

Terroristas matam dois e ferem 19

Viena - Dois árabes lançaram granadas e dispararam armas automáticas contra uma Sinagoga ontem, com um saldo de duas pessoas mortas e 19 feridas, disseram as autoridades.

O ataque ocorreu quando 200 pessoas , se preparavam para sair do templo. Dirigentes da Cruz Vermelha e da Polícia informaram que uma mulher de 25 anos morreu quando tentava proteger uma criança e um homem de 68 anos faleceu em um hospital por causa dos ferimentos. Dois policiais e pedestres também ficaram feridos.

Este é o segundo ataque com bombas em menos de três anos contra a Sinagoga construída há 155 anos no centro da cidade. Os policiais feridos faziam parte da segurança do edifício, armada depois do atentado de 1979, que não causou vítimas.

Os atacantes ficaram feridos e foram presos, disse a polícia, desmentindo informações anteriores de uma terceira pessoa tivesse escapado. Os atacantes são árabes mas não foi revelada sua identidade. Nenhum grupo responsabilizou-se até agora pelo atentado.

Na ONU, o secretário Kurt Waldheim condenou energicamente a agressão dizendo que "tais atos de violência são contrários aos ideais da comunidade internacional e de todo o mundo civilizado". (Pág 6)

Piquet vai largar hoje em 3º lugar

Zandvoort, Holanda - O piloto brasileiro Nelson Piquet parte em terceiro lugar hoje no Grande Prêmio de Fórmula Um em Zandvoort, Holanda, depois de registrar ontem o tempo de um minuto, 18 segundos e 65 centésimos na segunda sessão de treinos oficiais, ao volante de uma Brabham.

O francês Alain Prost parte em primeiro lugar, tendo obtido ontem o melhor tempo com um minuto, 18 segundos e 17 centésimos, a média de 195,80 quilômetros horários, ao volante de uma Renault. Os seis primeiros colocados são Alain Prost, França(Renault); Renê Arnaux, França(Renault); Nelson Priquet, Brasil(Brabham); Alan Jones, Grã-Bretanha (Williams); Carlos Reutemann, Argentina (Williams) e jacques Laffite, França (Talbot).

Burity suspende a promoção de novos bingos na Paraíba

De todos os bingos que estão previstos para se realizarem até dezembro, somente os que já assumiram compromissos incontornáveis serão realizados. Os demais serão suspensos por determinação do governador Tarcísio Burity.

A informação foi prestada pelo próprio governador Tarcísio Burity, abordado nesse fim de semana por um grupo de jornalistas, a propósito da inconstitucionalidade dos bingos que se realizam semanalmente em João Pessoa.

MORALIZAR

Antes de viajar para a Cidade do México, onde participou de um congresso internacional, o governador paraibano havia determinado que os bingos fossem realizados, no Estado, de forma que não fossem elastecidos.

Segundo o governador Tarcísio Burity, logo que voltou da Cidade do México, constatou que os festivais de prêmios haviam se elastecido, e por isso concluiu que "a única solução é voltar à proibição" definitiva.

O calendário de festivais de prêmios, na Paraíba, previa a realização de bingos todos os domingos até o final do ano. Anteriormente a Assessoria de Imprensa da Secretaria de Segurança Pública havia anunciado que os bingos não seriam suspensos, mas também não seria concedida autorização para promoções para o próximo ano.

COMÉRCIO

Um dos setores mais prejudicados com a realização dos bingos, na Paraíba, tem sido o comércio. Os lojistas estão reclamando que, em virtude dos bingos, a demanda de consumidores têm diminuído consideravelmente.

Argumentam, sobretudo, que o pessoense está investindo parte de sua renda na compra de cartelas para concorrem aos bingos reduzindo o poder aquisitivo, o que tem reflexos negativos bem acentuados no setor comercial.

Hasteamento da Bandeira abre a Semana da Pátria

O governador Tarcisio Burity abre terça-feira, às 8 horas, a Semana da Pátria, com hasteamento da Bandeira Nacional, no parque Solon de Lucena, ao som do Hino Nacional cantado pelo coral do Lyceu Paraibano e acompanhado pela banda de música do 15ºBI Mtz. As comemorações terminam segunda-feira, dia 7, às 18h10m, com show pirotécnico a cargo da PB-Tur.

O coral do Lyceu apresenta ainda, durante a abertura das comemorações, o Jogral da Independência e o Hino referente à data. Em seguida o deputado Fernando Paulo Carrilho Milanez, presidente da Assembléia Legislativa, faz alocução sobre o evento e a Bandeira Nacional. Comparecerão estudantes e militares. Às 16 horas haverá desfile escolar coordenado pela Secretaria de Educação e Cultura, com apoio do 15º BI Mtz, na avenida Floriano Peixoto. Às 19h30m será aberto, no parque Solon de Lucena, o concurso de bandas marciais e, às 21 horas, o quinteto de metais da UFPb faz show público.

VITRINES E FOLCLORE

As comemorações, na quarta-feira, começam às 9 horas, com abertura do concurso de vitrines na Loja *As Nações Unidas*, com o comparecimento da banda 5 de Agosto, da Prefeitura Municipal. O concurso é da responsabilidade do Sindicato dos Lojistas, Federação do Comércio e Clube dos Diretores Lojistas.

Secretaria de Educação e Cultura e Polícia Militar do Estado realizam naquele dia, às 16 horas, na rua Juiz Gama e Melo, no Roger, um desfile escolar. Ainda através da SEC tem prosseguimento, às 19h30m, na Lagoa, o concurso de bandas marciais. Novo desfile estudantil será promovido pela SEC, na quinta-feira, às 16 horas, na avenida Cruz das Armas. Neste mesmo dia, às 19h30m, serão conhecidas as três bandas marciais vencedoras do concurso promovido pela SEC através do Comoci. Na sexta-feira, às 16 horas, os estudantes desfilam na rua Dom Manoel de Paiva, no bairro de Mandacaru, em promoção da Sec e do I Grupamento de Engenharia e Construção.

Às 20 horas, começa a "Noite do Folclore", com apresentação do Grupo Folclórico Terra Seca, sob a coordenação do tenente Lucena, cujas demonstrações constam de xaxado, côco-de-roda, ciranda, dança do camaleão e outras manifestações. O Corpo de Bombeiros realiza demonstrações às 21 horas.

As três vitrines vencedoras do concurso promovido por entidades classistas dos comerciantes são conhecidas no sábado, às 9 horas, durante julgamento que ocorrerá na loja *As Nações Unidas*, na praça Vidal de Negreiros. Haverá dois desfiles simultâneos, às 16 horas, promovidos pela SEC, com apoio da PM, da Prefeitura e 15ºBI Mtz: no bairro da Torre e no Conjunto Costa e Silva.

O "Passeio Ciclístico Verde-Amarelo" abre a programação do domingo, às 8 horas. A concentração e largada, dia 6, será em frente ao edifício Borborema, na avenida Cabo Branco, com chegada prevista no parque Solon de Lucena, percorrendo as avenidas José Américo de Almeida, Duarte da Silveira e Getúlio Vargas. A promoção ficará a cargo da Secretaria de Comunicação Social e do Mobral. A Orquestra Sinfônica fará apresentação neste mesmo dia, às 20 horas.

O ponto alto das comemorações será na segunda-feira, dia 7 de setembro, começando com revistas aos destacamentos militares, estudantis e dos operários classistas, feitas pelo governador Tarcísio Burity e pelo Comandante da Guarnição Federal. O desfile cívico-militar tem início às 8h30m, nas avenidas Getúlio Vargas, Duarte da Silveira e José Américo de Almeida.

A cerimônia Hora da Independência, será comemorada às 17 horas, com apresentação da banda de Música da Polícia Militar, apresentação do grupo folclórico do Lyceu Paraibano, com demonstrações de xaxado, sob a coordenação da professora Dalvanira Gadelha e, logo em seguida, apresentação da Orquestra Sinfônica Jovem da Paraíba.

Um hora depois o comandante do I Grupamento de Engenharia e Construção faz o arreamento da Bandeira Nacional, com execução do hino nacional brasileiro pela banda de música da PM, ficando reservado para 18h10m um show pirotécnico promovido pela PB-Tur.

A UNIÃO

A UNIÃO

Fundado por Álvaro Machado

Não compreendo Democracia sem imprensa livre e independente, que informe corretamente a opinião pública.

Tarcísio Burity

SECA, A NOVA SISTEMÁTICA

A partir de agora, de setembro, está sendo implantada uma nova sistemática de trabalho nas chamadas frentes de emergência ou serviços de emergência.

O sistema anteriormente experimentado, de trabalhos a nível de propriedade, resultou, no entender de todas as correntes políticas, em distorções e falhas que não podiam continuar. É muito difícil o controle, a fiscalização de serviços espalhados, a nível de propriedades, em todas as regiões assoladas pela seca, em todo o Nordeste. A margem de confiança concedida aos proprietários deu no que deu. Muitos deles corresponderam a essa confiança. Muitos outros, porém, não tiveram o mesmo senso de colaboração responsável com as autoridades governamentais. Daí a existência de tantos alistados que, na verdade, recebiam, mas nunca deram um dia de serviço.

A nova sistemática convoca uma participação mais ampla de toda a comunidade. Toda a comunidade poderá colaborar assim, na fiscalização e no controle dos serviços e obras.

Continuarão a ser executados projetos a nível de propriedade. Mas projetos previamente examinados e aprovados, que serão melhor acompanhados, fiscalizados e controlados. Ninguém, sem trabalhar, vai ser alistado.

E serão executados serviços e obras de interesse coletivo ligados a programas do governo federal, do governo estadual e do governo municipal. E ainda de instituições ou entidades comunitárias.

Assim, poderão ser construídos hospitais, postos de saúde, açudes, estradas, mercados públicos, abastecimentos dágua, armazéns para abastecimento, do mesmo modo que, a nível de propriedade, poderão ser desenvolvidos projetos voltados para o desenvolvimento agropecuário.

O importante é que se ponha um fim às distorções e irregularidades anteriores verificadas e que, das aplicações dos recursos públicos, resultem, de fato, obras e serviços de real interesse da comunidade e que reforcem as condições de resistência da região semi-árida às crises climáticas.

Porque vem corrigir vícios e distorções e pôr fim a certas facilidades de exploração, a nova sistemática já começou a despertar certas reações. Isso era esperado.

Até mesmo alguns políticos oposicionistas que vinham reclamando as falhas anteriores, têm levantado a voz para criticar a nova sistemática de trabalho. É difícil entender esses opositores do governo. Se está errado, reclamam; se o governo corrige o que está errado, eles reclamam do mesmo jeito. São coisas da política provinciana.

O que é certo é que o governo continua a prestar assistência às vítimas da seca e quer que essa assistência se desenvolva dentro de critérios de moralidade pública e com resultados práticos e objetivos em benefício do povo e da região.

O governador Tarcísio Burity muito contribuiu para essa mudança de orientação, denunciando os erros, as irregularidades, as distorções do sistema anterior, mas, sendo inflexível, em exigir do governo federal maior amparo à população flagelada da Paraíba e do Nordeste.

A UNIÃO • **Diretor Presidente:** *Petrônio Souto* • **Diretor Técnico:** *Hélio Nóbrega Zenaide* • **Diretor Administrativo:** *Etiênio Campos de Araújo* • **Diretor Comercial:** *Francisco Figueiredo* • **Editor:** *Agnaldo Almeida* • **Secretário:** *Walter Galvão* • **Chefe de Reportagem:** *Sebastião Lucena* • **Redação: Rua João Amorim, 384 - Fones 221-1463 • 221-2277 • Administração e Oficina: Distrito Industrial, km 03 - BR 101 - Fone: 221-1220 - Caixa Postal: 321 - Telex 832295 • SUCURSAIS:** *Guarabira* **Praça João Pessoa, 37 - Fone 478** • *Campina Grande* **Rua Maciel Pinheiro, 320 - Ed. Jabre - Fone 321-3786** • *Patos* **Travessa Solon de Lucena, S/N - Fone 421-2268** • *Sousa* **Rua André Avelino, 25 - Fone 521-1219** • *Cajazeiras:* **Rua Pe. José Tomaz, 19 - Fone 531-1574** • *Itaporanga:* **Rua Getúlio Vargas, S/N - Fone 325** • *Conceição* **Estação Rodoviária - Box 4** • *Catolé do Rocha* **Rua Manuel Pedro, 574.**

A miopia da industrialização

Na última reunião do Conselho Deliberativo da SUDENE, a Paraíba reeditou os velhos tempos. Conseguiu aprovar cinco projetos com investimentos da ordem de Cr$ 3,9 bilhões. Isto é muito bom! São cinco empresas contempladas com os incentivos e que criarão 663 empregos diretos. As oportunidades de empregos também são muito boas e indiscutivelmente necessárias. Há poucos dias, o Secretário do Planejamento, Geraldo Medeiros, dizia que a estrutura produtiva do Estado precisava criar condições para gerar empregos, uma vez que o setor público já havia atingido o seu ponto de saturação, com cerca de 35.000 pessoas empregadas.

Evidentemente, os investimentos aprovados e os empregos a serem gerados, são bons, úteis e indispensáveis para a economia do Estado. Permitam-me, contudo, fazer algumas considerações relacionadas com a política de desenvolvimento industrial do Estado, ademais de toda região Nordeste. A estratégia básica dessa política tem sido a de se voltar prioritariamente para os investimentos de grande porte, onde os aspectos econômicos e sócio-culturais da região não são levados em conta. O desprezo pela estrutura produtiva remanescente da região é histórico. O genuinamente regional é frequentemente violentado em seu aspecto mais amplo, e principalmente no plano sócio-cultural. E o processo de crescimento industrial desordenado que vem sendo praticado pelos Estados, vem contribuindo e acentuando essa tendência à violação. Enquanto o peso pesado da promoção e do esforço do Estado no sentido da industrialização fica no prato dos vultosos investimentos, na maioria das vezes propriedades de grupos econômicos de outras áreas - uma vez que o fator capital é escasso e fortemente crítico na região e no Estado -, a estrutura produtiva existente e as possibilidades de exploração do potencial de recursos disponíveis (matéria prima e mão-de-obra) levam uma tremenda desvantagem quando colocados na mesa dos planos, projetos e negociação de recursos. Por essa razão, alguns aspectos devem ser destacados para reflexão.

Geralmente as pessoas são informadas e formadas associando pequeno como sinônimo de fraco. Ilusoriamente consideram que ser pequeno é ser fraco. E aí, a micro e a pequena empresa, ou o micro e o pequeno investimento já começa a levar uma certa desvantagem no plano da sensibilidade do tecnocrata que concede as políticas e estratégias de industrialização. Outro ponto que contribui para marginalizar, em termos de política, o micro e o pequeno empreendimento, é que vivemos a "era da tecnocracia das coisas a curtíssimo prazo". O raciocínio é imediatista, e a opção "natural", embora muitas vezes míope, é a de investir de forma concentrada, grandes somas na estrutura produtiva.

Os cientistas econômicos do curto prazo, e que geralmente raciocinam de forma estanque, consideram que os micros e pequenos empreendimentos tem pouco impacto na economia, tem um processo de crescimento lento e são pouco competitivos. Voltemos à última reunião da SUDENE: para gerar 663 empregos diretos, será necessário aplicar cerca de Cr$ 3,9 bilhões, ou seja, cada emprego terá um custo social e privado para o Estado, da ordem de Cr$ 6,0 milhões. Se admitirmos conservadoramente, ou seja superestimando, que o custo médio de um emprego gerado na micro e pequena empresa, é de Cr$ 200 mil, aqueles investimentos se aplicados na micro e pequena, gerariam cerca de 19.800 empregos diretos. E esta é uma resposta social a um dos aspectos mais críticos da região, ou seja, o alto índice de desemprego e subemprego.

Por outro lado, aqueles investimentos aprovados serão aplicados apenas em cinco empresas de grande porte. Se aplicados em empreendimentos com investimento médio de Cr$ 2 milhões, seriam 1.980 micro e pequenas empresas contempladas, e evidentemente distribuídas a nível municipal por quase todo o território paraibano. Outro aspecto a ser considerado é que empreendimentos de porte micro e pequeno, são quase sempre necessariamente compatíveis com o plano econômico e sócio-cultural em que se insere. E os empresários são genuínos, da Região, do Estado e do Município. E mais, ao invés da concentração, ocorrerá naturalmente uma mais adequada distribuição de renda.

O raciocínio que adotei foi propositadamente extremado, e o exemplo tomado foi simplesmente para associar a idéia a um fato recente. Contudo, a prática tem demonstrado que o enfoque dado à política de industrialização do Estado, situa inadequadamente, tanto a compatibilidade econômica com o regional, como a dimensão sócio-cultural. Felizmente o Governo do Estado, já começa a dar sinais de sensibilidade para com os empreendimentos de micro e pequeno porte. E o faz, através de um instrumento, já em operação, mas que precisa ser substancialmente fortalecido, que o Programa Integrado de Apoio Técnico e Financeiro aos Pequenos Negócios da Paraíba, também chamado PROMICRO.

Mauro Nunes Pereira

O supermercado

No fim desta semana, fui ao supermercado para comprar umas garrafas do vinho que vi no começo desta mesma semana, pelo preço de Cr$ 198,00. Com disposição para adquirir todo estoque, entrei mentalmente saboreando aquele vinho branco bem gelado, com patê caseiro e torradas.

Oh doce ilusão, febre da videira ou coisas que o valha! O meu vinho preferido estava com outra etiqueta, remarcado para Cr$ 310,00, sem aviso prévio, sem consultas e sem ouvir os degustadores do precioso líquido.

Perdi a oportunidade de comprar o produto pelo preço antigo em fração de minutos e assisti a remarcação da última garrafa. Impotente e apatetado, ouvi o "clic" maldito da máquina sinistra que por alguns instantes pareceu um revólver apontado em minha direção, quebrando "catolé".

Depois de sair do estado letárgico a que fui acometido, pensei no que aconteceu ao pobre rapaz por causa de uma garrafa de Whisky e ainda por cima nacional, quando tentou subtrair e foi trucidado pelo guarda de segurança de um certo supermercado.

Permita Deus, não aconteça a inversão das coisas. Os guardas de segurança não fiquem do lado dos clientes, em oposição aos donos dessas lojas tipo "self-service", onde você se atende, põe no bolso, sai sem pagar, leva tiros, etc. Não quero nem pensar na carnificina.

Na mesma ocasião, encontrei um amigo com sua mulher fazendo compras quando adquiriu algumas garrafas do mesmo vinho. Aí, comecei a conversar e comentei o caso da majoração e do rapaz que perdeu a vida, quando o meu amigo sugeriu que deviamos amadurecer a idéia de doutrinar os guardas para ficarem do nosso lado, com base nos ensinamentos de Jim Jones e do Rev. Moon.

Apesar de concordar tácitamente, argumentei que seria muito bom se os guardas ficassem no mundo do Sacerdote Lua, mas adotando a solução Sectária de Jim Jones, nunca. Seria muito vinho tinto a correr por esta Guyana. Seriamos condenados e perseguidos impiedosamente pelo Caifás, por atentarmos contra a integridade física e econômica dos homens de negócios. Seriamos fatalmente enquadrados na Lei de Segurança Nacional e excomungados pela Igreja.

Porém, meu insistente amigo não parava de suscitar planos para nos libertarmos dessa exploração pelo estômago, inclusive a de levar mercadorias sem registrar ou receber a "Nota Quente". Então, perguntei se havia esquecido o episódio do rapaz da garrafa de Whisky, quando o meu amigo argumentou que depois dos guardas catequisados tudo iria dar certo. Porque "LADRÃO QUE ROUBA WHISKY TEM CEM ANOS DE PERDÃO". Não rima mas é verdade...

Sevi Falcão

• Do Leitor

Eletrificação

Sr. Editor:

Apressei-me a escrever essa carta quando li o amplo noticiário que o seu jornal publicou sobre a vinda do ministro César Cals, das Minas e Energia a João Pessoa, para participar de um encontro de secretários de Minas e Energia de todo o Brasil.

Achei bom o resultado com a obtenção, pelo governo da nossa Paraíba, de mais de 120 milhões para aumentar as redes elétricas de áreas do interior que estão muito precisadas mesmo. Claro que eu, e acredito que muita gente mais, esperava outras medidas que dessem melhores condições para que o governador Burity continue seu trabalho de administração.

Gostaria, no entanto, de lembrar da nossa João Pessoa que precisaria de mais atenção das autoridades que tomam conta da sua eletrificação. Aqui mesmo na minha rua, muitas são as vezes que preciso telefonar para a Saelpa pedindo que conserte a rede elétrica que mantém os postes apagados.

Há dias que falta luz, voltagem fica baixa com perigo de queimar as televisões e o problema fica sem solução. Sugiro então às autoridades competentes que pensem também nas áreas ditas desenvolvidas mas nas quais os pobres passam, às vezes, por dificuldades que atacam os moradores de cidades distantes.

Gostaria de falar, também, sobre os que moram distante. Em nenhum momento quero que essa minha carta seja interpretada por quem a leia como uma discriminação contra o pessoal da zona rural. De jeito nenhum. Reconheco que aqueles sofrem muito e por isso faço votos para que o dinheiro que o ministro prometeu seja logo encaminhado para que a eletrificação seja feita em propriedades distantes, melhorando assim o nivel de vida de todos.

Sem mais para o momento, atenciosamente.

Aurino Antonio de Sousa
Conjunto João Agripino
João Pessoa

CARLOS CHAGAS

DIREÇÕES NACIONAIS DARÃO UMA SUBLEGENDA

Brasília - Laudo Natel está garantido. Receberá uma sublegenda para se candidatar a governador, pelo PDS paulista e disso já foi participado pelo Palácio do Planalto. No projeto de lei estabelecendo as sublegendas para governador, a ser encaminhado esta semana ao Congresso, existe um artigo abrindo aos Diretórios Nacionais dos Partidos a faculdade de preencher uma delas, em cada Estado. Obviamente, desde que as indicações por eles feitas encontrem o respaldo de pelo menos um terço dos membros das convenções estaduais. A medida se justifica, pois a concessão da sublegenda a grupos minoritários não seria automática. Mesmo dispondo do terço, dissidentes ou adversários dos Governadores poderiam ter negada a hipótese de concorrer, por decisão dos outros dois terços.

Sentiu o Governo a necessidade de promover essa garantia em função, especialmente do quadro paulista, pois, no que puder, Paulo Maluf irá atrapalhar Laudo Natel. Com a possibilidade de uma ação de Brasília, sobre São Paulo, o ex-governador poderá disputar o pleito. A solução valerá para outros estados onde existam candidatos em litígio ou, pelo menos, isolados pelos atuais governadores, como Lomanto Júnior, na Bahia, ou Paulo Pimentel, no Paraná. Importa ao Palácio do Planalto promover a maior composição possível de forças, ainda que contrariando o desejo de muitos governadores. Não se duvida de que, no caso do PDS, as decisões não serão propriamente tomadas pelo senador José Sarney e seus companheiros, mas pelo general Figueiredo e seus auxiliares.

A decisão, que agora se revela, terá sido a principal causadora da explosão do governador paulista, dias atrás, quando chamou Laudo Natel de "óffice-boy" do Palácio do Planalto. Tratou-se de uma reação, até em desacordo com a postura de Maluf, que se terá traído pela emoção. A imagem que fez do adversário foi considerada uma indignidade pelo porta-voz da Presidência da República, importando menos saber se a dedução seguinte sobre ter o governador se comportado indignamente e, por isso, ser taxado de indigno, não estava nos planos do Ministro Carlos Átila.

Natel ainda precisará lutar, e muito, para chegar ao crivo das urnas, pois a condição essencial para que o Diretório Nacional lhe conceda a sublegenda será arregimentar pelo menos um terço da convenção do PDS paulista, em abril do ano que vem. Sabe-se que Maluf desenvolverá o máximo de suas forças para impedí-lo. Inclusive, comentava-se em Brasília, teria marcado para maio importante distribuição de recursos para os prefeitos do interior do Estado. E só receberão do dinheiro, obviamente, aqueles que dias antes se tiverem mostrado fiéis, apoiando o candidato ou os candidatos do Governador, deixando de respaldar Natel. Este, por sua vez, sentiu renascerem suas esperanças, e se dispõe a seguidos periplos pelo interior. Entende que a totalidade dos prefeitos não pode ficar contra o Governador, por questão de sobrevivência política, mas, na hora das decisões, muitos o acompanharão.

Quais seriam os candidatos de Paulo Maluf, capazes de preencher duas sublegendas? Vista a situação do Planalto Central, Reinaldo de Barros, Guilherme Afif e Adib Jateni parecem os preferidos, ainda que a situação possa evoluir. Para disputar a terceira sublegenda, porém, não apenas Laudo Natel se coloca, apesar de aparentemente o mais forte. Porque não Murilo Macedo, ou Miguel Colasuonno? O presidente da Embratur, mais do que o Ministro do Trabalho, desenvolve intensa atividade e conquista, através do sindicato dos Economistas, que preside, uma situação singular. Penetra no eleitorado jovem, com mensagem diversa daquelas que marcam os políticos tradicionais e já vem, até, sendo chamado de "o Lula da classe média". Sua movimentação não passava despercebida do ex-Ministro Golbery do Couto e Silva, que o estimulava. Era, e continua sendo, em especial, aplaudida pelo próprio Presidente da República. Mas Colasuonno apenas disputaria o pleito se Laudo Natel não o fizesse, dadas as ligações entre ambos. Procura, por enquanto, ir preenchendo espaços e se colocando para o que der e vier.

Murilo Macedo, dias atrás, comentou que como bom mineiro, trabalha em silêncio, mas trabalha duro. Tenta restabelecer a situação que, em 1978, o apontou como o primeiro colocado na prévia feita pelo então governador Paulo Egydio Martins.

NO ENTANTO...

No entanto, e o Palácio do Planalto sabe muito bem, são remotíssimas as chances de o PDS eleger o novo governador paulista, menos se Jânio Quadros não entrar para o PMDB. A candidatura de Franco Montoro situa-se bem acima das demais, e ele continua esperançoso de afinal concretizar aliança com o PP, quem sabe através do apoio à candidatura de Olavo Setúbal ao Senado.

"NÃO DÊ A IDÉIA"

No auge dos tumultos de Salvador, importante Ministro de Estado liga para Antonio Carlos Magalhães, para saber como vão as coisas. Tranquiliza-se, com as medidas adotadas pelo governador. E faz blague:

– Antonio Carlos, soube que depredaram mais de duzentos ônibus, e que a população ficará sem transporte. Quem sabe não sugerimos ao Maluf para doar alguns à prefeitura de Salvador?

– Por favor, não dê a idéia que ele manda mesmo...

DÉLIO TRANQUILO

O ministro Délio Jardim de Mattos, da Aeronáutica, mostra-se tranquilo diante do desenrolar do processo político. Não vê como possa involuir e nem se assusta com a perspectiva de derrota ou diminuição dos quadros do PDS. Primeiro, isso precisará ser provado, mas se acontecer, nada mais natural, pois da essência do jogo democrático. Não acredita que as forças políticas, exceção a certas minorias radicais, deixam de contribuir agora ou depois do pleito para o aprimoramento institucional.

MAS ULYSSES, NÃO

O deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, está convencido de que por trás da iniciativa do deputado Nilson Gibson, propondo o "Distritão", encontra-se a inspiração do Governo. A medida, se aprovada, equivalerá ao fim dos atuais partidos e, pior ainda, à desmoralização final da abertura. Seria uma incongruência acabar com o voto de legenda pois se duzentos mil eleitores sufragam um candidato, como pretender que se contém apenas os 40 mil votos necessários à sua eleição? Seria banir e expulsar da realidade brasileira os outros 160 mil eleitores.

NOTAS POLÍTICAS

Hélio Zenaide

OI, JOÃO

Dizem que nunca um ministro do Exército foi tão amigo, tão íntimo, tão ligado ao presidente da República como o ministro Walter Pires e o presidente João Figueiredo.

O grau dessa amizade, dessa intimidade é tão grande que, após ser nomeado ministro do Exército, o general Walter Pires foi ao Palácioo do Planalto, despachar com o presidente. E ao entrar no gabinete do presidente, saudou-o assim:

– Oi, João.

O presidente, de sua parte, trata-o de Pires:

– Oi, Pires.

Dizem também que o ministro Walter Pires tem um hoby: falar sobre a Casa da Torre, sobre a família Garcia d'Avila. da qual descende. Conhecer a família Garcia d'Avila é com ele mesmo.

Sabe-se que Garcia d'Avila e Pirès constituiram grande nobreza na Bahia. As duas famílias se entrelaçaram, resultando dessa ligação vasta descendência que se espraiou por todo o Nordeste, inclusive a Paraíba.

José Pires casou-se com a viscondessa da Torre, d. Ana, desse consórcio nascendo Garcia Dias Pires de Carvalho, José, Domingos, Catarina, Leonor e Tereza de Jesus. Daí por diante não haveria mais de faltar Pires e Garcia d'Avila no País.

O ex-deputado Laercio Pires, lá de Sousa, que está querendo ser prefeito do município, vem dessas origens.

Vai ver que, qualquer dia desse, o presidente João Figueiredo vem à Paraíba, com o general Walter Pires, para ver a seca, e indo a Sousa, o general cumprimentará Laércio:

– Oi, Laércio.

E Laércio, naturalmente, retribuirá a saudação:

– Oi, Pires.

Só que, ao saber que Laércio Pires é do PMDB, o general Walter Pires é capaz de se fazer nas armas:

– Mas, meu parente, que desgraça é essa? Tá doido, homem, venha para o nosso partido. O nosso partido é o de João, o PDS. Venha prá cá depressa, homem.

E se Laércio vier, é capaz de levar um cascudo do parente ministro.

PARENTE É PARENTE

Eu mesmo também sou Pires. Meu avô materno casou-se com Maria Elvidia Pires (e por causa disso minha mãe também se chama Maria Elvidia).

Pois só por conta desse Pires, nem discuti: entrei logo no PDS, o partido do general Walter Pires.

Mas Laércio Pires, lá em Sousa, é um traidor da família: ingressou no PMDB.

Deixa o general Walter Pires chegar por aqui, Laércio. Quero ver quem te salva de um cascudo...

Ou vem para o PDS, ou já sabe como é a volta.

Parente é parente.

GADELHA É CONTRA

Começa que Laércio Pires quer ser prefeito de Sousa mas o Grupo Gadelha quer um Gadelha na Prefeitura.

No fim, parece que estou vendo: Laércio vai ser enrolado.

Então, o melhor é Laércio Pires, desde agora, passar-se para o PDS. E, em seguida, telefonar ao ministro do Exército:

– Pires, acabo de ingressar no PDS.

– Muito bem, Laércio, parente que é parente faz assim.

Aliás, quando o Grupo Gadelha souber que Laércio Pires chama o ministro do Exército de Pires, como o presidente João Figueiredo, e que o general Walter Pires chama Laércio Pires de Laércio, é capaz de aderir, de apoiar a candidatura de Laércio.

José Gadelha, para ter uma perninha dentro do Ministério do Exército, anda 50 léguas a pé e de costas.

Em Sousa se poderia fazer uma frente Oliveira-Abrantes-Pires-Gadelha contra Mariz.

O general Walter Pires apoiaria com entusiasmo essa frente. Seria o padrinho do casamento.

Laércio, naturalmente, seria o prefeito.

Parente é parente.

Aliás, seria o único prefeito, em todo o Brasil, com um ministro do Exército. Os outros não têm nem delegado de polícia.

Acorda, Laércio Pires, acorda.

Com Mariz, políticamente, estás bebido no futuro. Será no regime de pão e água. Se ele não tirar o pão.

HOMEM FORTE

O ministro Walter Pires é um dos homens mais fortes do governo. Ser forte - vá lá o trocadilho - é o seu fraco.

Quando o presidente Ernesto Geisel demitiu o general Silvio Frota do Ministério do Exército, em 12 de outubro de 1977, o general Walter Pires comandava a Vila Militar, no Rio de Janeiro.

Conta-se que ele reuniu todos os comandantes sob as suas ordens e informou que não estava interessado em ouvir opiniões de ninguém, queria apenas avisar que o presidente, no uso de suas prerrogativas constitucionais, acabara de demitir o ministro do Exército.

Acrescentou que, diante disso, não havia mais nada a discutir. Encerrou a reunião e ai.

É o fraco...

Homem de sim, sim, não, não, é amigo do presidente João Figueiredo a toda prova, e é o único auxiliar do presidente que goza da confiança, da intimidade do presidente, a ponto de entrar em seu gabinete e cumprimentá-lo tão afetivamente:

– Oi , João.

– Oi, Pires.

Outra grande virtude do ministro do Exército (virtude em um oficial general): ele não é político, não quer ser político, não é candidato e nem quer ser candidato. Ele é um oficial general do Exército Brasileiro. Um profissional militar. Eventualmente, no comando maior, exercendo o cargo de ministro do Exército. Para cumprir o seu dever.

SUBVERSÃO, COM ELE, NÃO

É evidente que se o presidente João Figueiredo comanda o processo da abertura democrática, da abertura política, ele, como seu ministro do Exército, está perfeitamente integrado nessa mesma política, nesse mesmo esforço da abertura.

Ele não confunde, entretanto, abertura política com anarquia, com subversão, com baderna.

E isso ele acaba de deixar bem claro, como numa espécie de aviso aos navegantes.

Seu recente discurso vale como um apontar dos novos caminhos de nossa evolução política, dentro do processo da abertura.

DIA DO SOLDADO

Refiro-me ao seu discurso no Dia do Soldado. Após ressaltar a unidade e a identidade de pensamento e de propósitos das Forças Armadas, o ministro Walter Pires aproveitou a oportunidade para dizer que "nos dias presentes, inspirados nas lições de fraternidade legadas por Caxias, vivemos outra importante etapa do processo revolucionário, caracterizada pela firme determinação de consolidar o regime democrático, unindo todos os brasileiros, através da anistia, da concórdia e do esquecimento de passadas divergências, tarefa que vem sendo cumprida e estimulada pelo presidente da República, com devotamento e desassombro, contando com o integral apoio das Forças Armadas."

SEMEADORES DE DISCÓRDIA

Mas, em seguida, o general Walter Pires fez esta advertência aos semeadores de discórdia:

"As horas difíceis que atravessamos, onde se multiplicam os desafios econômicos e sociais para todas as nações, têm sido perturbadas pela postura intolerante de alguns, que, movidos por frustrações pessoais, convicções ideológicas contrárias à índole da nossa gente, ou ambições inconfessáveis, continuam insensíveis aos pelos de conciliação nacional. Relegando a plano secundário os supremos interesses da Pátria, posam de donos da verdade e de pregoeiros do apocalipse, semeando o ceticismo e a discórdia, praticando a oposição sistemática, manipulando os fatos e as idéias, ocultando os êxitos e as realizações, promovendo a demagogia, distorcendo a verdade e explorando supostas divergências, na inútil tentativa de denegrir a imagem do governo, solapar as instituições e provocar a nossa desunião.

Sensíveis a essas ameaças desagregadoras, de que são muitas vezes o alvo predileto, em razão da própria destinação constitucional, as Forças Armadas continuam atentas a todas essas manifestações, ostensivas ou veladas, unidas e coesas em torno do seu chefe supremo, na fiel obediência às suas diretrizes e no pronto cumprimento das suas ordens."

E isso aí. Ninguém se faça de desentendido nem procure virar a mesa.

Tentar usar o processo de abertura política para radicalizar o processo político nacional não vai servir a nenhum partido. Vai ser um desserviço à democracia e ao Brasil.

E um esforço inútil, como disse o ministro Walter Pires.

Enivaldo protesta e diz porque vai vencer Braga

O prefeito de Campina Grande, Enivaldo Ribeiro, que pretende concorrer às eleições para governador, em 1982, na sublegenda do PDS, disse, em entrevista exclusiva à *A UNIÃO*, sentir "nos diversos setores, que minha candidatura se reveste de um protesto contra a imposição do presidente regional do partido, Wilson Braga, de ser único candidato natural do partido, quando qualquer um filiado também pode ser".

Irônico, as vezes, o prefeito de Campina Grande manifestou a sua anciosidade de "retribuir a gentileza do deputado Wilson Braga, que fez uma série de visita aos meus amigos, em vários municipios", visitando também os seus redutos eleitorais, captando, portanto, votos em Cajazeiras, Conceição e todo o Vale do Piancó, principalmente.

CAMPANHA

Enivaldo Ribeiro disse que sua campanha continua em fase de contatos preliminares com as lideranças, ainda em Campina Grande para, posteriormente, "partir para outros municipios, já que as minhas atividades administrativas não tem permitido o acesso aos demais municipios".

O prefeito de Campina Grande disse textualmente que pretende "visitar todos os municipios paraibanos", em suas perigrinações eleitorais, "mas principalmente os do deputado Wilson Braga, tratando com o mesmo carinho que ele tratou os meus municipios".

Para Enivaldo Ribeiro, esse comportamento é bastante viável, sobretudo porque o povo terá opções para escolha do novo governante paraibano.

Depois ele disse que irá "exigir do governador Tarcisio Burity, um tratamento como candidato, sem privilégios, como atualmente está ocorrendo, com relação ao Governo e o deputado Wilson Braga".

Negou que o governador paraibano não seja simpático a sua campanha, dizendo que "é preciso o governador não deixar se envolver, através de determinadas secretarias de Estado, que visivelmente favorecem à candidatura de Wilson Braga, como também companhias estaduais e até federais. "Quero é menos desigualdade.

DOIS CANDIDATOS

O prefeito campinense acha que a indicação de dois candidatos, pelo PDS, favorecem o partido, na medida em que asseguram a vitória da agremiação.

- Quero deixar claro que não tenho nada contra ninguém; contra nenhuma candidatura, e apenas defendo o meu direito de ser candidato, se for o caso, que também permite estabelecer critérios para a disputa com o máximo de igualdade de condições, disse Enivaldo Ribeiro.

OPOSIÇÃO

A propósito da idéia já articulada nos setores oficiais, de que as eleições de 1982 devem se processar em duas etapas, o prefeito de Campina Grande disse que "para mim, de qualquer forma está bem, porque ganharemos as eleições de qualquer maneira, com a mesma tranquilidade.

Segundo ele, "as oposições estão sufocadas pelo peso eleitoral do PDS. Disse depois que a inflação galopante não se converte um obstáculo para a vitória do PDS, porque sempre existiu e existirá inflação no país.

Magdalena Alves é contra a deposição de Gerson Gomes

"Todos os vereadores acham que Gerson Gomes deve modificar o seu comportamento, às vezes até agressivo, mas acredito que pelo menos do meu partido, nenhum vereador se passará a cometer tal traição contra um companheiro escolhido democraticamente pela maioria dos parlamentares".

São palavras da vereadora Magdalena Alves (PMDB), a propósito da suporta campanha que se instalou na Câmara Municipal, articulada por alguns vereadores, visando destituir do cargo, o presidente do Poder Legislativo, Gerson Gomes de Lima, durante a sua ausência.

Magdalena Alves disse que esteve ausente por alguns dias, em repouso para tratamento de saúde e, ao voltar, soube na Câmara Municipal, que realmente alguns parlamentares estavam articulando uma manobra para destituir o presidente durante a sua ausência.

– De uma coisa todos podem ficar certo: jamais me prontificarei a destituir do cargo uma pessoa em que votei para assumir tal função, reagiu a vereadora Magdalena Alves, fazendo apenas uma ressalva: de que Gerson Gomes de Lima tente moderar seu comportamento temperamental, como forma de tudo se normalizar.

PDS

O líder do PDS, Francisco Saldanha, disse que tomou conhecimento da suposta campanha contra Gerson Gomes, "através da imprensa, mas não ouví falar nada de concreto nos bastidores da Câmara Municipal, e realmente acredito que isso não esteja acontecendo".

Amigo pessoal do atual presidente da Casa de Napoleão Laureano, Francisco Saldanha acrescentou que desconhece quem são os mentores dessa manobra, "que acredito não existir", acrescentando: "seja quem for, não contará, absolutamente, com o meu apoio".

Indagado se realmente há uma insatisfação generalizada nas bancadas da Câmara, contra o presidente, o líder do PDS, Saldanha, disse textualmente que "essa insatisfação é natural na gestão de todo presidente da Câmara, porque sempre eles contrariam interesses de alguém", mas não existe uma insatisfação radical, confirmou ele.

Francisco de Assis Saldanha analisou a administração do atual presidente da Câmara Municipal, dizendo que "tem sido uma boa administração". Reconheceu que Gerson tem realmente um temperamento "meio exaltado, e às vezes agressivo, mas isso é contingência da juventude".

Arnaud denuncia pressão contra a cura do câncer

O deputado Carneiro Arnaud denunciou a medida adotada pelo Laboratório Provaz, de nacionalidade americana, de somente atender os pedidos do produto Enxudan (ciclofosfamida) para o câncer, se o pagamento for efetuado adiantadamente.

Disse o parlamentar paraibano que se os hospitais brasileiros atravessam imensas dificuldades para manutenção, muito maiores aperturas enfrentam os hospitais de câncer, todos eles atendendo diariamente pessoas desprovidas de recursos financeiros e todas realmente necessitadas da droga ciclofosfamida.

ANTIPATICA

- E bom frisar que a referida substância é exclusivamente comercializada pelo Laboratório Provaz, e jamais a direção de tão importante laboratório deveria dotar medida tão antipática, e, acima de tudo, desumana.

Como representante do povo e também como médico, sempre preocupado com a luta contra o câncer no país - prosseguiu - faço um apelo à Diretoria do Laboratório Provaz para que revogue a determinação, evitando a perda de vidas preciosas, infelizmente acometidas de doença tão grave como o câncer que não aguarda adiamento de tratamento.

O deputado Carneiro Arnaud fez apelo ao Ministro da Saúde, da Indústria e Comércio e ao Presidente do Conselho Interministerial de Preços, para que agilizem providências a fim de evitar que o Laboratório Provaz continue com tal medida, que tantos prejuizos tem causado aos portadores do câncer e volte a vender os seus produtos para pagamento em parcelas de 30, 60, 90 e 120 dias após a entrega das mercadorias".

Lourival teme demissão em massa de cobradores

Apelo ao Ministro dos Transportes foi formulado pelo deputado Lourival Caetano, no sentido de que não seja concretizada a medida já anunciada pela imprensa nacional, e segundo a qual seria autorizada a institucionalização do sistema de bilhetes nos ônibus urbanos, o que fatalmente provocaria a demissão, por falta de mercado de trabalho de milhares de cobradores em todo o território brasileiro, e mais especificamente no Nordeste.

Em outro requerimento, Lourival pede a direção geral da CAGEPA para que implante, em caráter definitivo, o sistema de abastecimento d'água dos Conjuntos Habitacionais Jardim Veneza e Jardim Apolo, considerando-se que aqueles núcleos, em processo de expansão, estão sendo prejudicados pela carência desse benefício.

FOTÓGRAFOS

Caetano também dirige apelo ao prefeito Damásio Franca para que estude as possibilidades de manter os fotógrafos ambulantes em atividades na Praça Pedro Américo, levando em consideração a falta de local para que os mesmos possam exercer suas profissões, e ainda considerando que aqueles profissionais já fazem parte da paisagem daquele logradouro e prestam serviços inestimáveis à população pobre da cidade.

Por fim, Lourival Caetano transmite apelo ao prefeito de Santa Rita, Marcos Odilon, a fim de que autorize o setor competente as providências com a finalidade de recuperar a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, localizada na rua de mesmo nome, considerando-se o seu completo abandono e a sua condição de monumento histórico-religioso dos mais importantes de quantos integram o patrimônio cultural, artístico e religioso daquela cidade.

Américo Maia pede mais telefones para o Sertão

Requerimento de apelo ao Presidente da TELPA foi apresentando pelo deputado Américo Maia, no sentido de serem providenciadas as instalações de Postos Telefônicos nas cidades de Bom Sucesso, Riacho dos Cavalos, Jerico, Paulista e Lagoa, bem como nas sedes dos distritos de "Coronel Maia", município de Catolé do Rocha e de "São José", município de Brejo dos Santos com três extensões para residências em cada localidade, tendo em vista o plano de expansão da radiofonia através de micro-ondas da TELPA, louvável empreendimento em atingir todos os Municipios do Estado".

Em sua justificativa, Américo Maia afirma que em diversas cidades do Estado, antes da instalação da TELPA, havia serviço de telefonia através de fios, interligando cidades e povoados, especialmente as sedes de distritos, como em Catolé do Rocha, cujas redes se estendiam até pela zona rural. Como a encapação pela TELPA dessas pequenas empresas municipais, ou de particulares, muitas sedes de municípios ficaram prejudicadas e ainda núcleos populacionais com as sedes de distritos, a exemplo de "Coronel Maia" e "São José", municípios de Catolé do Rocha e Brejo do Cruz, respectivamente.

- Os habitantes dessas cidades e vilas para qualquer atendimento de urgência ou de interesses vários têm que se deslocar percorrendo grande distância, quando poderiam resolver seus problemas facilmente através de comunicação telefônica.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

LOTERIA ESPORTIVA

Cartões que não concorrem de acordo com os relatórios dos computadores (Art. nº 9, Parágrafo 1º da Norma Geral dos Concursos de Prognósticos Esportivos). Os apostadores, cujos números dos cartões constam da presente publicação e que não tenham sido substituídos por outros, devem solicitar, dos respectivos revendedores a devolução da importância paga.

TESTE Nº 562

PARAÍBA

COD. REV.	Nº CARTÃO	Nº CARTÃO
13-00003	0969032	0969411
	0970090	0970869
.....	0971730	0973159
13-00006	1329081	1331072
.....	1331349	1332376
.....	.....	1333442
13-00007	0491932	0492263
13-00008	0857473	0858292
.....	0858376	0859701
.....	.....	0860051
13-00010	0973408	0973579
	0973611	0973695
.....	0974245	0974288
.....	0974348	0974350
.....	0974462	0974900
.....	0975033	0975176
.....	0975285	0975722
.....	0975734	0976325
.....	0977361	0977364
.....	0977453	0977503
.....	0977645	0977992
13-00012	0355200	0355641
.....	0355801	0356103
.....	0356423	0357167
.....	.....	0357170
13-00013	0110926	0111528
13-00014	0200670	0200736
.....	0201792	0202050
.....	.....	0202124
13-10001	1658389	1661443
.....	1661580	1661582
.....	.....	1663191
13-10007	0990805	0991849
.....	0994188	0994788
13-10009	1525422	1528614
13-10016	0277828	0278555
13-10019	0443517	0444207
.....	.....	0445211
.....	13-10022	0282783
13-10028	0296869	0298380
.....	0299197	0299200
	0299793	
.....	0300170 A	0300172
.....	13-10029	0013647

Obs. Esta relação e todas as demais que são publicadas neste Jornal aos domingos, a título de "Cartões que não concorrem, são afixadas desde o dia anterior (sábado) no prédio da Caixa Econômica Federal, sito na Avenida Camilo de Holanda nº 100 - João Pessoa-PB.

Quem poupa na Caixa está com mais.

NOTÍCIAS MILITARES

Maviael de Oliveira

Volta da Cidade

82 atletas masculinos e femininos, civis e militares, participam esta manhã, da "8ª Volta da Cidade", prestando homenagem a fundação da João Pessoa e aos 40 anos do 15º Batalhão de Infantaria Motorizado, de cujo quartel, em Cruz das Armas, autorizados pelo Coronel Ivanilo Fialho, Cmt do Batalhão, partem às 08:00 horas, para cumprir o percurso seguinte: praça Bela Vista, r. Francisco Manoel, av. Vasco da Gama, av. João Machado, r. Bento da Gama, praça do Hospital Santa Isabel, r. Deputado Barreto Sobrinho, (até a "Bica"), r. Almirante Tamandaré, praça Antonio Pessoa, r. Desembargador Souto Maior, até o anel interno do Parque Solon de Lucena, com "chegada" em frente ao coreto na confluência das av. Getúlio Vargas e Camilo de Holanda.

Os Inscritos

Estão inscritos para a competição pedestre, os seguintes atletas:

Polícia Militar: Antonio Alexandre Ferreira, Aércio de Lima Santos, Antonio Gomes Barbosa, Humberto R. da Silva, José Carlos da Silva, José Alves Barbosa, Paulo Luiz dos Santos e Severino S. Filho (08).

Ipiranga EC (Torre): Edvaldo Vieira de Morais, Getúlio Batista da Nóbrega, Flávio Santiago Pereira, Justino Batista da Nóbrega, João Batista da Nóbrega, Jurandir Mendes de Oliveira, José da Silva Oliveira, José Euclides dos Santos, Severino Alves dos Santos e Uilamar Batista da Nóbrega (10).

ACEP: Eduardo Jorge M. Ribeiro e Ricardo César Montenegro (02).

Casa do Universitário: Antonio F. de Oliveira, José de Sousa Amaral e Natanael F. Santos (03).

GR Noel Rosa: João Camilo da Silva, João Maria de Assis, José Marcos e Juracy Gomes da Rocha (04).

Conjunto José Américo: Gedeam C. Morais, João Batista P. Morais e Washington Rangel Lobo (03).

DEDE: Carmen Sylvia M. Brito, Jaísa Rodrigues de Araújo, Maíza Maria da Silva, Socorro F. Marsicano de Brito e Valdizia Galvão (05).

15º Batalhão de Infantaria Motorizado: Djalma Luiz da Silva, Cláudio Trajano da Silva, Everaldo Ferreira de Lima, João Batista dos Santos, Vicente Miranda Bonfim da Silva, Irenaldo Benício de Souza, Josafá dos Santos Grangeiro, Antonio Francisco de Araújo Filho, Sebastião Gomes Neto; Humberto S. de Jesus e Francisco Jairo Brilhante dos Santos (11).

1º Grupamento de Engenharia: José Cavalcante de Vasconcelos Irmão, Manoel Vicente da Silva Sobrinho, Rodolfo Luciano Alexandre de Siqueira, Teodósio Cantalice da Trindade Neto e Carlos Antonio dos Santos (06).

Avulsos: João Moreira Rangel Júnior, Antonio Scarano Parisi, Antonio Francisco da Silva Filho, Ailton Luiz Pereira dos Santos, Cesário de Lira Lima, Cícero Alves da Silva, Edmilson Alves da Silva, Gilberlito Pereira de Souza, Francisco José Mendonça, Francisco de Assis Sinval Lopes, Inaldo Pereira Leite, Itonaldo Fernandes do Nascimento, Francisco Ramos Regis, José Mendes da Silva Júnior, José da Penha Trindade, José Damarí Pereira de Lima, Lindemberg Barros da Silva, Marcos Francisco da Silva, Nildo Bastos da Silva, Nivalcir Rodrigues de Siqueira, Ronaldo Ruffo, Roberto Carlos dos Santos Melo, Sebastião Afonso da Silva, Severino Santiago dos Santos, Walter Vieira, Washington Marques Barros, Zaqueu Ernesto da Silva, e José Roberto A. Fonseca (29).

Concentração

Todos os atletas deverão estar às 07:00 horas no quartel do 15 BI Mtz, a fim de receber suas fichas de corrida e participarem de uma homenagem alusiva aos 40 anos do "Vidal de Negreiros".

Segurança

A segurança dos atletas será feita pela capacitada equipe do DETRAN/Batalhão de Trânsito, o que desde logo garante o êxito da prova pedestre desta manhã.

Prêmios

Os prêmios constam de 10 medalhas, ofertadas pelo Dr. Juracy Pedro Gomes, presidente da FPF. Sendo 03 para os 1º, 2º e 3º lugares MASCULINO, e 03 para o FEMININO, e as 04 restantes para: os *"os melhores classificados"* do: EXÉRCITO, *Representações Civis,* AVULSOS e ao *"mais jovem participante"*. Haverá ainda diplomas para todos os atletas, que serão entregues logo após a prova, no local de chegada, no Parque Solon de Lucena.

Juízes e Cronometristas

De "Partida": Coronel Ivanilo Fialho

De "Chegada": Roberto de Oliveira, Alderísio Prímola Júnior, Luiz Gonzaga da Silva, Carlos Oliveira, Fernanda e Suely.

A equipe de cronometristas estará a cargo de Valter Camelo.

A organização da competição pertence a Equipe de Promoções Esportivas Amadoras A UNIÃO, A Gazeta Esportiva, MOBRAL, sob a supervisão do colunista.

Apoio

Viatura e ambulância com médico e enfermeiro, do 15º BI Mtz, vão dar apoio aos atletas durante toda a competição.

Nesta manhã, a alegre e vibrante "8ª Volta da Cidade", em homenagem aos 40 anos do 15º BI. De Cruz das Armas a "Lagoa", 82 atletas masculinos e femininos, civis e militares, participam da tradicional prova pedestre. Êxito!

População de Princesa já vive o clima de campanha

Princesa Isabel (A União) - Embora falte mais de um ano para o início do pleito em Princesa Isabel já se vive em clima de campanha eleitoral, em termos municipais, com vários candidatos já lançados e esperando tão somente a eleição para se submeterem ao julgamento do povo. Entre os nomes já lançados, um dos mais fortes é o do ex-prefeito Gonzaga Bento, que já nos quatro anos de administração no município, fez Princesa desenvolver-se e crescer de maneira assustadora.

Gonzaga, que vinha relutando em aceitar sua candidatura, resolveu, agora, topar a parada, tendo em vista o marasmo administrativo a que o município foi relegado nos últimos anos.

O ex-prefeito Gonzaga Bento, que é cunhado do secretário da Saúde, Aloisio Pereira Lima, governou Princesa no quatriênio 64/68, e mesmo trabalhando sem receber qualquer ajuda do Governo estadual, conseguiu, entre outras coisas, a construção do bairro Nova Brasília, ainda hoje considerada uma das obras arquitetônicas mais perfeitas e modernas já implantadas na cidade. Também não descuidou da zona rural, das ruas onde implantou calçamento, do setor cultural, com a reativação da banda de música; do recreativo, com a construção do Princesa Clube, além de outras obras de infra-estrutura que contribuiram, em muito, para o progresso do município.

Segundo observadores locais, dificilmente Gonzaga Bento será derrotado em Princesa Isabel e com o lançamento de sua candidatura, acredita-se mesmo que muitos dos atuais pleiteantes à Prefeitura desistirão, tendo em vista a pouca chance de sucesso que terão, ac enfrentar o ex-prefeito.

População se prepara para a Semana da Pátria

Prefeitura elabora vasta programação para o dia 7

Santa Rita (A União) - A Prefeitura Municipal dessa cidade, através da Divisão de Educação e Cultura, elaborou uma vasta programação a ser cumprida durante a Semana da Pátria, no período de 1 a 7 de setembro.

No dia 1º, às 7h, haverá concentração de todas as escolas municipais e colégios especialmente convidados, na Praça Getúlio Vargas; às 8h, hasteamento solene das bandeiras Nacional, da Paraíba e do Município, com cântico do Hino Nacional e da Independência; às 8,15h, abertura oficial da Semana da Pátria, com discurso proferido pelo prefeito Marcus Odilon; às 17h, arreamento das bandeiras, com a participação das escolas especialmente convidadas.

No dia 2, às 7,30h, haverá concentração das escolas especialmente convidadas, na Praça Getúlio Vargas, para o hasteamento solene; às 8h, hasteamento solene das bandeiras, com cântico dos hinos Nacional e da Independência; 15,30h, palestra sobre a Independência do Brasil, no cinema Avenida, proferida pelo professor Wellington Aguiar; às 17h arreamento solene das bandeiras pela representação das escolas convidadas.

Já no dia 3, às 7h, concentração das escolas especialmente convidadas para o hasteamento solene das bandeiras que ocorrerá às 8h, com o cântico dos hinos Nacional e da Independência; e às 17h, arreamento solene das bandeiras pelas escolas especialmente convidadas.

No dia 4, além do hasteamento das bandeiras, no período da manhã, haverá, às 15,30h, palestra sobre a Independência do Brasil e sua significação nos dias de hoje, proferida pelo professor João Francisco da Silva Filho, para alunos da 3ª e 4ª séries no cinema Avenida; e às 17h, arreamento solene das bandeiras.

A programação do dia 5 está constituida de hasteamento e arreamento solene das bandeiras pelas escolas especialmente convidadas, mesmo programa do dia 6.

No dia 7, além do hasteamento das bandieras, haverá às 8,15h, palavra do vice-prefeito Aureliano Olegário da Trindade; às 16,30h, concentração de todos os colégios; e às 17h, arreamento solene as bandeiras, com a participação de todas as escolas.

Alzira Mozar faz estátua em Conceição

Conceição (A União) - Alzira Mozar está edificando a estátua de Padre Cícero num dos canteiros principais da Estação Rodoviária dessa cidade. O monumento tem um metro e sessenta de altura e vai ficar em um pedestal de 2 metros.

A edificação da estátua recebeu o apoio da Câmara de Vereadores de Conceição, com um projeto de lei de autoria do vereador Jadir Valões, aprovado por unanimidade pelos integrantes da Casa Coronel Salustiano Leite. A Difusora Guarany fez uma campanha e conseguiu ajuda de custo no valor de Cr$ 4 mil 812, e pretende completar os Cr$ 10 mil para o acabamento com iluminação e o cercamento com varandas de ferro.

A estátua não só conseguiu apoio da Câmara e da Difusora Guarany, mas também toda a comunidade da zona urbana e rural do município está se movimentando, no sentido de conseguir verbas para edificar o monumento do padre conselheiro dos nordestinos, Cícero Romão do Juazeiro do Norte.

Parlamentar reivindica saneamento

Cajazeiras (A União) - Após fazer pessoalmente reivindicação ao governador Tarcísio Burity, para dotar os bairros pobres dessa cidade de saneamento básico, o deputado Edme Tavares vem empreendendo luta nesse sentido.

Defende o parlamentar cajazeirense um melhor atendimento do Governo a essas camadas esquecidas do poder público. Ele diz que é salutar à saúde da população e é indispensável que ela seja dotada do mínimo conforto e bem estar. "É uma obra de grande alcance social, porque ela garante o mesmo direito que assiste aos que residem no perímetro urbano. Estarei atento a esse pleito pela importância e justiça de que se reveste", disse ele.

SEM TRATAMENTO O GLAUCOMA PODE LEVAR À CEGUEIRA.

Candidatura de Rui Gouveia obtém repercussão em Patos

Patos (A União) - Causou grande repercussão nos meios políticos dessa cidade, principalmente na ala do PMDB, a notícia de que o ex-deputado estadual Rui Gouveia se lançará candidato a prefeito de Patos, contando com o apoio de líderes políticos e alguns vereadores.

PRECIPITAÇÃO

O vereador Abdias Guedes Cavalcanti, líder do PMDB na Câmara Municipal, afirmou que Rui Gouveia se precipitou em ter dito que contava com o apoio do médico Olavo Nóbrega, pois há muito tempo atrás aquele médico, juntamente com alguns vereadores dessa cidade, do PMDB, se comprometeu com a candidatura do advogado Romero Nóbrega.

O vereador patoense, embora afirmando que o nome de Rui Gouveia desperta interesse em partes do PMDB, disse que ele não reúne forças capazes de assegurar uma vitória para o partido em Patos, uma vez que Olavo Nóbrega, Darcílio Wanderley, deputado estadual José Gaioso e deputado federal Otacílio Queiroz, além de contarem com um grande número de partidários, vêm defendendo há mais de um ano a candidatura do advogado Romero Nóbrega, que segundo Abdias Guedes, reúne "as melhores aspirações dos patoenses, pelos relevantes serviços prestados à nossa comunidade como advogado da Comarca, como ex-secretário da Administração Olavo Nóbrega e como atual professor da Faculdade de Ciências Econômicas de Patos".

A Caminho da Luz

Nosso dever e nossas tarefas

Pedro Franco Barbosa

Pudéssemos penetrar os arcanos das reencarnações passadas e teríamos resposta esclarecedora de nossa posição hoje, diante da Vida, perante a Doutrina, na sociedade, no trabalho.

Estamos todos situados em postos que correspondem às necessidades de burilamento de nossas Almas, diante de compromissos que assumimos livremente, embora nem sempre se mostrassem os mais indicados para o nosso progresso. Por isso, sem os compreendermos bem, muitas vezes nos revoltamos contra a compulsória e inadiável necessidade de resgatá-los, na suposição de sua gratuidade, quando defluiram de nossa vontade soberana, porém nem sempre condizente com as leis divinas de harmonia e fraternidade.

A Doutrina, por sua vez, nos desafia a atitude de comodismo e indiferença e nos alerta para a responsabilidade de nossa posição, em virtude do conhecimento, que ela mesma nos outorga neste mundo e nesta hora de desregramentos morais e invigilância espiritual.

Aqueles vícios seculares, todas as predisposições da matéria, ergástulo de carne que condiciona o Espírito involuído -, que restringem a visão espiritual e aguçam os apetites do instinto, jogando-os de encontro aos apelos da razão e da consciência, tudo nos procura aliciar as forças e a vontade, para o gozo espúrio, a fim de que, nessa ilusória felicidade, de que julgamos desfrutar, nos detenhamos mais alguns séculos a serviço de mesquinhos interesses e apoucados ideais.

São, portanto, muitas as vozes que, das sombras, pela via mediúnica, sopram aos nossos ouvidos incautos a melodia dos convites prazeirosos, os concitamentos da revolta às aparentes injustiças que sofremos. São os inimigos do passado, que arrebanhamos às centenas, em vidas passadas, em que exercitamos contra eles nosso livre-arbítrio inconsequente, deixando-os marcados nos corpos e nas profundezas do Espírito em revolta, são eles que hoje nos cobram as velhas dívidas e o fazem sorrateiramente, mas com determinação, procurando amortecer a nossa vontade de reforma íntima, com o aceno sempre perigoso das ilusões da matéria, a cujos falsos gozos estamos bastante apegados ainda.

Junto de nós temos dessas vítimas: são companheiros que nem sempre simpatizam conosco; parentes que, contra toda nossa expectativa, revelam-se mal agradecidos, agressivos, zombando de nossa autoridade que, aliás, nem sempre respaldamos nos exemplos superiores; marido ou mulher que mais parecem guerreiros que esposos no lar.

Diante de tudo isso, as criaturas se desesperam e nada entendem. Nós, espíritas, não. Nós entendemos e não podemos perder a calma.

Nosso dever e nossas tarefas, então, resultam implícitos da conscientização evangélica -, que devemos alcançar a todo custo -, *orando e trabalhando.* Mantenhamos o pensamento em prece permanente, mas ativa, vibrando sempre pela paz, pela harmonia, pela fraternidade. Por um momento sequer permitamos o acesso de outras idéias, que não reflitam confiança em Deus e na certeza de Seu Amor por toda a humanidade.

Nosso dever é com Deus, com Jesus, com a Espiritualidade Maior, à qual devemos respeito e indefectível confiança.

Nosso dever é com a Pátria, a terra de natureza exuberante, o povo manso, as riquezas pedindo o nosso trabalho perseverante e construtivo para produzir cento por um. Nosso dever é com o trabalho criador de bens, fator de progresso.

Nosso dever é com a família e o lar -, ponto de convergência do passado -, como diz EMMANUEL, primeira escola da Vida, onde se plantam sementes que, mais tarde, pelos bons ou maus frutos que produzirem, indicarão sem possibilidade de erro, a qualidade e a natureza da árvore matriz.

Nosso dever é com os Irmãos em Jesus, aos quais devemos ofertar o trabalho de nossos braços, o conhecimento de nossos intelectos, o amor dos nossos corações.

Nossas tarefas decorrem do cumprimento de nossos deveres, são indicadas pela Doutrina Espírita e, portanto nosso compromisso é com ela. Por isso, é preciso estudá-la, para conhecê-la; conhecê-la para cumprir seus preceitos e ensinamentos e assim, caminharmos para o Alto, para Deus.

Há tarefas para todos na comunidade espírita: nos trabalhos administrativos, no socorro espiritual e material aos necessitados, na pregação doutrinária, nas escolas de médiuns, nas sessões desobsessivas.

Meu irmão, onde quer que milites na seara espírita, não te deixes abater pelos empecilhos que se te colocam no caminho: afasta-os pela força da fé e pelo serviço sincero e desinteressado ao próximo em dificuldades, que sempre temos um ao nosso lado.

Sejamos fiéis ao nosso dever e não nos furtemos, sob pretextos vãos, ao cumprimento de nossas tarefas, reveladas à luz meridiana da Doutrina Espírita, por que este pode ser um caminho estreito e difícil, mas é, sem dúvida também o único que leva a Deus.

Campina promoverá Feira de Pedras e Artesanato Mineral

A I Feira Nordestina de Pedras e Artesanato Mineral, e o II Encontro Nacional sobre Minérios de Pegmentos, serão realizados, simultaneamente, entre os dias 27 e 29 de novembro, em Campina Grande, promovidos pela Universidade Federal da Paraíba, Secretaria de Energia e Recursos Minerais do Estado e CNPq.

A Feira Nordestina de Pedras e Artesanato Mineral, é o primeiro acontecimento do gênero realizado no país. Os dois acontecimentos terão importância fundamental para o setor econômico, incentivo a exploração dos minérios paraibanos, afora o caráter turístico.

O coordenador do desenvolvimento mineral da Secretaria de Recursos Minerais do Governo do Estado, Luiz Carlos Burity, disse que os dois eventos visam, sobretudo, incentivar a valorização das pedras preciosas existentes na Paraíba.

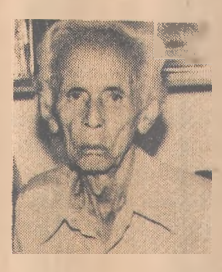
Explicou que geralmente essas pedras são vendidas em estado bruto, e anunciou que o Governo Estadual está implantando núcleos de lapidação desses minerais. O primeiro núcleo a ser implantado será o de Santa Luzia, seguido de Picuí, Souza e Campina Grande.

RECURSOS

Para a implantação do primeiro núcleo, o Governo do Estado já tem assegurados recursos na ordem de 2 milhões de cruzeiros, recursos próprios do Estado, anunciou o coordenador do desenvolvimento mineral da Secretaria de Energia e Recursos Minerais, Luiz Carlos Burity.

Disse ele que já há licitação para a compra das máquinas para implantação do núcleo de Santa Luzia. Os dois eventos ligados ao incentivo da comercialização das pedras preciosas, se processarão no Museu de Arte de Campina Grande.

Durante a exposição que será promovida, todo o pessoal que lida com a exploração dos minérios comercializarão as pedras preciosas. Haverá palestras paralelas ao acontecimento, e conferências científicas.-



JOÃO MATIAS DA SILVA

MISSA DE 7º DIA

Maria Amélia (esposa), Marinézio Matias, Abigail e Miriam, convidam parentes e amigos para assistirem a missa de 7º dia que mandam celebrar, em sufrágio da alma de JOÃO MATIAS DA SILVA, no dia 1 de setembro (terça-feira) às 19hs., nas Dorotéias, Conjunto Castelo Branco I.

Antecipadamente agradecem aos que comparecerem a este ato de fé e piedade cristã.

Ruas de Lazer reúnem estudantes da Capital

Dentro das comemorações da Semana da Pátria, o Mobral na Paraíba está desenvolvendo uma mobilização junto a quatro estabelecimentos de ensino da Capital, para uma realização de Ruas de Lazer, integrando alunos e comunidades. As Ruas de Lazer serão realizadas no dia 4 de setembro, no período da manhã.

Segundo informou o sr. Pedro Soares Nutto, coordenador estadual do Mobral, a criatividade de seus participantes, na apresentação de jogos diversos, exposições de plantas e trabalhos manuais, folclore com seus variados grupos, gincanas, esportes, será presenteada com um prêmio de uma biblioteca à escola, de mil volumes, que apresentar maior participação e melhores atividades com envolvimento maior da comunidade.

As escolas que participarão das Ruas de Lazer são: Colégio Estadual de Santa Júlia, que realizará na área em frente ao colégio; Unidade Educacional Oscar de Castro, em Cruz das Armas, que interditará as ruas Lima Filho e Centenário para a realização; Escola Estadual de 1º Grau José Lins do Rêgo, em área de sua própria escola, e ainda a Escola de 1º Grau Olivina Olivia Carneiro da Cunha, que concentrará todas as suas atividades na Praça Tiradentes, no bairro da Torre.

O Mobral, através de sua agência cultural, está em contato com todos os municípios paraibanos, para a realização de atividades culturais, esportivas e cívicas, para que todas as comunidades do interior do Estado participem em massa, na data magna de nossa pátria. Para isso, todos os encarregados Culturais do Município, em trabalho integrado com a comissão municipal do Mobral, Prefeitos e vereadores, estão sendo convidados a prestigiarem o evento magno 7 de Setembro.

Na capital, a Comissão Julgadora da melhor Rua de Lazer, está composta pelo secretário de educação do município, sr. Bonifácio Logo; professora Creuza Pimentel, da Comissão Municipal de João Pessoa, elementos da Coordenação Estadual do Mobral e ainda oficiais das Forças Armadas.

VISITA

O sr. Pedro Soares Nutto informou ainda que, na terça-feira passada, quando de sua estada em João Pessoa, o Secretário do 1º e 2º graus do MEC, sr. Antonio Albuquerque Filho, visitou a Coordenação Estadual do Mobral, acompanhado da secretária de Educação e Cultura do Estado, professora Giselda Navarro Dutra, da professora Maria Augusta Batista do Nascimento, Coordenadora Regional da Merenda Escolar; sr. Souto Maior, Delegado Federal do MEC na Paraíba, e do professor Itapuan Botto Targino, diretor da Escola Técnica Federal da Paraíba.

O professor Antonio Albuquerque Filho, em companhia do coordenador estadual do Mobral e demais funcionários da Coordenação, visitou todas as dependências do prédio, as agências específicas dos programas do Mobral, tomando conhecimento de todas as atividades e programas que ora se desenvolvem em todos os municípios paraibanos.

Na oportunidade, disse que o professor Antonio Albuquerque informou que o Ministério da Educação aos poucos está fazendo as devidas reformulações administrativas a nível nacional, para que essas transformações venham de encontro aos anseios de cada comunidade no setor educacional.

Paraíba se destaca em Estatística

Em breve a Paraíba estará incluída entre os Estados que conseguiram com relevante sucesso, implantar um eficiente Sistema Estadual de Estatística, condição indispensável para a consolidação do Sistema Estadual de Planejamento. A Fiplan, através do seu superintendente, já está tomando todas as providências necessárias para que o Estado, no próximo exercício, possa ser contemplado com recursos técnicos e financeiros de que necessita, para dotar a administração paraibana de um sistema a nível estadual, capaz de atender a demanda de informações, pelos órgãos da administração direta e indireta e até mesmo o setor privado.

Essa meta ficou mais próxima após as declarações do sr. Flávio Ferraz, ao encerrar o I Encontro de Coordenadorias de Unidades Setoriais de Estatística no Estado da Paraíba, na última quinta-feira, no auditório do Centro Administrativo, quando deixou bem claro o interesse que a Sudene tem na política modernizante que ora o governo do Estado leva a efeito no setor de estatística, uma vez que aquela autarquia, através da sua Coordenadoria de Informática, incentivará a implantação de sistemas estaduais de estatísticas nos estados através do seu programa de Consolidação de Sistemas Estaduais de Planejamento, a partir do próximo ano.

O I Encontro de Estatística da Paraíba foi realizado em João Pessoa nos dias 25, 26 e 27 deste mês, congregando aproximadamente 60 técnicos em estatística e informática de órgãos públicos da Paraíba, oportunidade em que passaram a conhecer os vários sistemas utilizados no Estado para a obtenção das mais variadas informações.

Feira de Arte será iniciada no fim do mês

A Feira de Artesanato e Arte Popular, que será promovida pela Secretaria do Trabalho e Serviço Social, entrará em funcionamento no final do próximo mês.

Localizada no Parque Solon de Lucena, a Feira terá dez barracas com diferentes gêneros artesanais, havendo uma predominância dos que são produzidos na região da Grande João Pessoa por conta da dificuldade de locomoção e hospedagem do artesão.

Cabeça-de-côco, trabalhos em agave, como estandartes e bolsas, artesanato em couro, crochet, peças de osso de baleia como chaveiros, cinzeiros e barcos são os produtos artesanais que serão comercializados na Feira cujo funcionamento será todas às quartas-feiras, a partir das 10 horas até às 20 horas.

O diretor-geral da Setrass, Valdez Juval informou que na próxima semana será feita a licitação para a confecção das barracas, as quais terão um mesmo modelo e serão móveis. A promoção terá inicialmente 20 artesãos e dez barracas.

Aluno ganha na Justiça contra IPÊ

O estudante do curso de Administração de Empresas do Instituto Paraibano de Educação - IPÊ - Idácio Souto, ganhou a questão na Justiça Federal contra a unidade de ensino onde estuda, através de um Mandado de Segurança que havia impetrado para conseguir fazer a sua matrícula.

Embora ele tivesse pago a taxa de matrícula no valor de Cr$ 5.804,00, dentro do prazo determinado pelo IPÊ, como chegou um dia após o encerramento da matrícula foi impedido de inscrever-se para cursar o segundo período letivo, pelo fato de não ter assinado o livro daquele estabelecimento.

Idácio Souto, que também é jornalista e funcionário de O Norte, requereu junto à coordenação do curso de Administração de Empresas, do Instituto, que fosse autorizado a sua matrícula, tendo a sua solicitação sido indeferida pelo IPÊ.

No dia 27 passado, o Juiz Federal Francisco Xavier Pinheiro, concedeu a liminar sob o Ofício nº 934/81, autorizando o estudante a usar de seu direito, e que providenciasse a sua matrícula junto ao Instituto Paraibano de Educação, sendo a matrícula feita na sexta-feira passada, após Idácio Souto ter perdido duas semanas de aulas.

PROCURADO

para ganhar

UMA BICICLETA e Cr$ 50.000,

sigla

INFORMAÇÕES: FONE 221-2864

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

GOVERNO BURITY trabalho e decisão

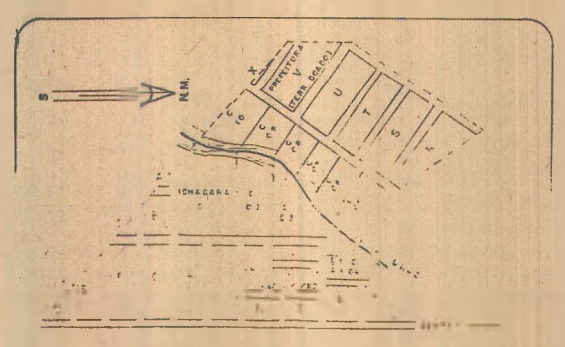
VÁ AO OCULISTA UMA VEZ AO ANO: MEDA A PRESSÃO DOS OLHOS

CARTÓRIO "CARLOS TRIGUEIRO"

EDITAL DE LOTEAMENTO IDEAL

O OFICIAL DO REGISTRO DE IMÓVEIS DA COMARCA DE PATOS, ESTADO DA PARAÍBA, LEONOR MEIRA TRIGUEIRO, EM VIRTUDE DA LEI, ETC.

FAZ PUBLICO, para o conhecimento de interessados cumprindo ao que determina o artigo 2º do Decreto-Lei nº58, de 10 de dezembro de 1937, regulamentado pelo Decreto-Lei nº3.079, de 15 de setembro de 1938, com as modificações introduzidas pelo Decreto-Lei nº271, de 28 de fevereiro de 1964, adaptada a atual Lei nº6.015/73 dos Registros Públicos e com alterações da Lei nº6.766, de 19 de dezembro de 1979, o senhor DARCILIO GOMES DE [illegible] e sua mulher Dona [illegible] DAS DORES GOMES, brasileiros, casados, proprietários, CIC-nº 009.125.734-49, residentes e domiciliados nesta cidade de Patos, Estado da Paraíba, depositaram neste Cartório Imobiliário, sito à rua Possuet Wanderley, nº265, o MEMORIAL DESCRITIVO, planta e demais documentos, relativos ao imóvel "SÍTIO FREI MANOEL", localizado no bairro do Jatobá, hoje em área totalmente urbana, aprovado pela Prefeitura Municipal de Patos, Estado da Paraíba, ora transformado em LOTEAMENTO "JARDIM FREI MANOEL", tendo acesso pelas vias centrais que ligam o bairro Jatobá a esta Cidade(centro), distancia do centro da Cidade de uns 1.500 metros, encontra-se totalmente dentro do perimetro urbano. LIMITES: AO NORTE, com o senhor Inacio Davi de Sousa; ao POENTE com o senhor Manoel Palmeira; ao SUL, com os senhores Armaldo Amaro e Manoel Palmeira e, ao NASCENTE, com o senhor Joaquim Amaro; Área do Imóvel 263.868m²; area de comunicação equivalente aos 35% permitidos por Lei; O referido LOTEAMENTO "JARDIM FREI MANOEL" é composto de VINTE E DUAS (22) QUADRAS; DUZENTOS E SESSENTA E SEIS (266)LOTES e DEZ (10) CHACÁRAS. Situação Urbana-Area urbana intermédiaria entre o bairro de Jatobá e o Centro da Cidade. Com a Escalada de: 1:1000. E, para que ninguém possa alegar ignorância, o presente edital será publicado por 03(três) vezes consecutivas nos jornais de maior circulação deste Estado, inclusive no Diario da Justiça ou Oficial, decorrido o prazo de quinze (15) dias, da última publicação não havendo nenhuma impugnação por parte de quem quer que seja interessado, será o LOTEAMENTO "JARDIM FREI MANOEL" legalmente registrado, não cabendo qualquer recurso. Dado e passado nesta cidade de Patos, Estado da Paraíba, aos vinte e seis (26) dias do mês de agosto do ano de mil novecentos e oitenta e um (1981). Eu, [illegible] Oficial do Registro de Imóveis Substituto e datilografei [illegible] Meira Trigueiro).



EDITAL DE CONVOCAÇÃO

ARTESA - ARTEFATOS DE COURO DA PARAÍBA S/A.

CGC 08.872.319/0001-19

Convidamos os Srs. Acionistas da "ARTESA ARTEFATOS DE COURO DA PARAÍBA S/A." para a Assembléia Geral Extraordinária, que se realizará na sede social da Empresa, sita à Av. das Indústrias Quadra W, Lotes 4, 5 e 6, Distrito Industrial, em João Pessoa - Pb., às 9:00 (nove) horas do dia 08 de setembro de 1981, a fim de discutirem e deliberarem sobre o aumento do Capital Social Subscrito e Integralizado de Cr$ 273.123.109,00 para ..... Cr$ 283.123.109,00, mediante a emissão de ..... 10.000.000 de ações nominativas Preferenciais Classe "A", a serem subscritas e integralizadas pelo Fundo de Investimentos do Nordeste - FINOR, alterando, consequentemente, o "Caput" do Artigo 5º (quinto) dos Estatutos Sociais.

João Pessoa, 28 de agosto de 1981

João da Mata de Sousa
Dir. Superintendente

"MOAR S/A - CONFECÇÕES DE ROUPAS"

C.G.C.(MF) 09.098.120/0001-48

CAPITAL AUTORIZADO: Cr$ 200.000.000,00
CAPITAL SUBSCRITO E INTEGRALIZADO: Cr$ 148.976.253,00

AVISO AOS ACIONISTAS

O Conselho de Administração de MOAR S/A - CONFECÇÕES DE ROUPAS, em Reunião realizada no dia 26 de agosto de 1981, aprovou a emissão de 8.000.000 (oito milhões) de ações ordinárias, do valor nominal de Cr$ 1,00 (hum cruzeiro) por cada ação, para subscrição nas seguintes condições: a) Subscrição particular entre os atuais acionistas; b) Rateio ao preço de Cr$ 1,00 (hum cruzeiro) por cada ação subscrita; c) Pagamento em moeda corrente nacional, no ato da subscrição; d) O direito de preferência poderá ser exercido até o dia 30 de setembro de 1981.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

VESTIBULAR 82

(PROF. COSTA)

(O seu sucesso no vestibular 82 é a razão do meu esforço)

Com larga experiência no ensino para o vestibular, o prof. Costa estará realizando o seu famoso e. já conhecido curso de comunicação e expressão e estudos sociais, para o vestibular 82 com as seguintes matérias:

Comunicação e Expressão: GRAMÁTICA, LITERATURA, TÉCNICA DE REDAÇÃO, ESTUDO DE TEXTO, SÍNTESE DE TEXTO, INGLÊS, FRANCÊS

Estudos Sociais: GEOGRAFIA, HISTÓRIA, O. S. P. B.

O curso funcionará nos três expedientes.

Inicio: 10 de Setembro
Término: 30 de Novembro. com uma grande bizurada
Taxa Única Cr$ 2.000 (Todo curso com direito as apostilas)
MATRÍCULAS: Já estão abertas. no Colégio União - Parque Solon de Lucena. nos três expedientes.

COMPANHIA DE [illegible] RIO TINTO

C.G.C./MF. Nº [illegible]

AVISO

Comunicamos aos acionistas que se encontram à disposição, na sede da Companhia, a rua da [illegible], s/n, os documentos a que se refere o artigo 133 da Lei nº 6.404/[illegible], relativos ao exercício [illegible] em 30 de junho de 1981.

Rio Tinto (PB), [illegible] de agosto de 1981

Carlos Nogueira [illegible] - Diretor Presidente
Wilson Nogueira [illegible] - Diretor Vice-Presidente

Policial rende um dos terroristas árabes

Terroristas árabes explodem Sinagoga, matam 2 e ferem 19

Viena - Três terroristas árabes armados de metralhadoras atacaram ontem a Sinagoga da Comunidade Judaica na área central de Viena durante as cerimônias do Saba, matando duas pessoas e ferindo 19, segundo informações policiais.

O ataque ocorreu quando 200 judeus participavam da cerimônia especial de Bar-Mizvah, nas primeiras horas da manhã. Dois terroristas foram presos e um terceiro escapou.

A policia informou que as vitimas do atentado são Ulrike Khout, de 25 anos, e Lotan Fried, de 68 anos. Ulrike foi morta quando tentava proteger o filho de sua amiga com seu próprio corpo e foi atingida por uma granada de mão.

Os terroristas armados de metralhadoras e granadas de mão tentaram invadir a Sinagoga onde duas centenas de judeus participavam da cerimônia especial do Bar-Mitzvah.

"Eles nos fizeram o sinal da vitória e gritaram OLP (Organização para a Libertação da Palestina) antes de lançarem as granadas de mão", contou uma testemunha.

"Um dos terroristas disse chamar-se Hesham Mohammed Rajeh, o outro foi ferido no ataque e ainda não pudemos levantar sua identidade", informou um porta-voz policial.

Uma testemunha ocular contou que "os terroristas vieram com metralhadoras e granadas de mão à Sinagoga da Seitenstettengasse. Eles queriam obviamente penetrar mas foram barrados por dois policiais que guardavam as instalações."

Conforme seu testemunho, um terrorista lançou uma granada de mão contra um dos policiais enquanto o outro era atingido no quadril. Apesar de feridos, os policiais conseguiram dominar dois dos terroristas, mas um terceiro fugiu.

A Sinagoga da área central de Viena é protegida ininterruptamente por policiais, especialmente depois do recente atentado à bomba contra a embaixada israelense na capital austriaca.

O ataque ocorre duas semanas após a partida do representante da Organização para a Libertação da Palestina, Ghazi Hussein, convocado pela chefia da OLP depois do misterioso papel que desempenhou na detenção de dois de seus membros no aeroporto de Viena em julho passado.

Figueiredo vê proposta de Maciel

Recife - A destinação de 30 por cento do orçamento global do Fundo de Participação PIS-PASEP para aplicações exclusivas no Nordeste proposta pelo governador Marco Maciel, será encaminhada à Presidência da República e ministérios econômicos pela Sudene.

Como este fundo tem como objetivo a redução das disparidades regionais, melhoria da distribuição da renda e redução dos níveis de pobreza absoluta, considera Maciel importante esta mudança." A correção das distorções na renda está umblicalmente ligada a uma politica espacial de dispêndios, já que a pobreza brasileira, antes de ser um atributo das categorias, é, primeiramente, um acidente geográfico".

O PIS-PASEP está em operação há 10 anos, e esta é uma época adequada, salienta o Governador, para que se reflita sobre as funções e se ajuste a instituição às suas finalidades. "O PIS-PASEP é um patrimônio que vem acumulando relevante ativo para o desenvolvimento brasileiro e que constitui instrumento da maior valia social, ao integrar a força de trabalho na vida e nos destinos das empresas".

Pilotos vão falar sobre o Proálcool

Belo Horizonte - A partir de novembro, quando estiverem encerrados todos os campeonatos automobilisticos disputados no Brasil, o Programa Nacional do Álcool deverá contar com fortes aliados: os principais pilotos do país estarão testemunhando, em anúncios de televisão e em jornais, os êxitos obtidos pelo álcool nos carros de fórmula nacionais.

A informação foi dada nesta Capital, pelo presidente da CBA, Carlos Cavalcanti, que levará a reunião da FISA - Federação Internacional de Esportes Automobilísticos, em outubro, em Paris, farta documentação, para reforçar a tentativa de homologação do álcool como combustível de corrida.

Brizola não faz coligação com Pedro Simon encabeçando chapa

Porto Alegre – O presidente nacional do PDT, sr. Leonel Brizola, considerou que para ocorrer uma coligação entre o seu Partido e o PMDB para as eleições de 1982, será necessário que um participe com o candidato a governador e o outro partido, com o candidato ao Senado, acrescentando, porém, que nessa única possibilidade de composição deve ficar descartado a candidatura do senador Pedro Simon por ser "um nome que não une".

O ex-governador gaúcho considera que a insistência do PMDB em disputar o Governo e o Senado com candidatos próprios, "colocando os outros partidos como simples caudatários, representa o grande obstáculo ao entendimento. Mas na hipótese de coligação, terá que ocorrer a aceitação mútua de nomes pelas diversas correntes. E o nome do senador Simon não une, como também o mesmo poderia ocorrer comigo, em relação a outras situações".

Para o sr. Leonel Brizola, a situação no Rio Grande do Sul, em relação as eleições, "parece ser a de que as oposições se alinham para disputar cada qual com seus candidatos". Depois de observar ser um dever de todos, "principalmente meu", lutar pela construção de uma unidade das oposições, o que corresponde "as aspirações de maioria do povo gaúcho", o presidente nacional do PDT afirmou: seria lastimável que as oposições, sendo a imensa maioria, não venham oferecer ao nosso povo essa chance, que representaria as aspirações gerais".

Brossard quer acordo com Governo

Porto Alegre - Ao admitir a possibilidade de um acordo entre as oposições e o Governo, após as eleições de 82, com vistas a convocação de uma constituinte, o senador Paulo Brossard (PMDB-RS) afirmou que "basta um pouco de boa vontade do Presidente da República para que isto aconteça, porque, da nossa parte, não vejo obstáculos para que haja tal acerto".

Na sua opinião, as sucessivas alterações constitucionais, no decorrer dos últimos 15 anos, provocaram "um grau tão grande de desordem institucional que, agora, é difícil, ou quase impossível, um caminho normalizador da vida nacional que não seja a constituinte". Depois de criticar o modelo econômico brasileiro, o senador gaúcho, disse que as oposições "não têm nada para sugerir como solução da crise, pois o caos foi criado pelo doutor Delfim e seus seguidores, eles que resolvam as dificuldades, ou entreguem o Governo, então faremos o que é preciso".

Tancredo comenta reforma eleitoral

São João Del Rei - "Todas as vezes que se preocupa sofisticar desnecessariamente o processo eleitoral, há sempre uma segunda intenção, qual eu não sei", desabafou ante-ontem, nesta cidade, o senador Tancredo Neves, ao afirmar que a proposta de eleições em duas etapas, "deixa transparecer propósitos subalternos".

O presidente do PP, que participou da inauguração do Museu Ferroviário e das comemorações do centenário da estrada de ferro Oeste de Minas, numa festa, segundo ele, não do PDS mas do povo de São João Del Rei, acha que as eleições do próximo ano devem ser realizadas no mesmo dia: "basta que o eleitor entre na cabine e vote duas vezes, primeiro nas eleições municipais e depois nas estaduais".

Para o senador mineiro, a eleição em duas etapas "e proposta de quem nunca se habilitou na política". Disse que o país tem condições de suportar o desdobramento de eleições em duas fases e que não vê nenhum inconveniente para a realização das eleições no mesmo dia.

Lerner condena modelo econômico

Curitiba - "O maior desafio da década de 80 é a erradicação da miséria de nosso povo, causada pelo modelo econômico voltada para a grande escala e para fora, com a progressiva concentração da propriedade e renda", afirmou ante-ontem o prefeito Jaime Lerner, durante o IV Seminário Paranaense de Desenvolvimento, em Curitiba.

Ele ressaltou que o Paraná, tido como o "celeiro do Brasil", é exemplo típico deste fenômeno, porque "seus campos exportam grãos para todo o mundo, mas não alimentam seus lavradores". Lembrou que o Paraná importa máquinas para mecanizar a agricultura e exportamos gente para outros estados, dando como exemplo o êxodo de 1 milhão 500 pessoas do meio rural paranaense, nos últimos dez anos.

Flagelados invadem armazéns

Recife - Cerca de 4 mil flagelados, maltrapilhos e famintos, saquearam dois armazéns e a feira da cidade de sertaneja de Sertânia, a 312 quilômetros da capital, após serem fracassadas as perspectivas de contato com o prefeito Arlindo Ferreira dos Santos (PDS), que sem condições de atender às suas reivindicações, se refugiou na fazenda Carualina, localizada a 80 quilômetros do centro do município.

Com o feijão e o milho que plantaram totalmente devorados pela seca, eles se encontram sem trabalho, e foram pedir à autoridade que providenciasse - junto ao governo do Estado o alistamento dos camponeses no plano de obras públicas, destinado a minorar os efeitos da seca, eles exigiram aos gritos, na porta da Prefeitura, que lhes fornecessem alimentos mas como não foram atendidos, se dirigiram aos empórios localizados na área. Os 22 soldados do destacamento de Sertânia preferiram não intervir.

A informação não chegou à Secretaria de Agricultura, que reconheceu, no entanto que a situação das regiões do Moxotó (onde fica a cidade) e Floresta é muito grave.

Celebrada missa para Glauber

Salvador - Cerca de 100 pessoas, na maioria amigos e admiradores, estiveram presentes à missa de sétimo dia da morte do cineasta baiano Glauber Rocha, celebrada ontem, em Salvador, na Igreja do São Bento, a pedido do círculo de Estudo, pensamento e Ação-Cepa-Fundação Cultural do Estado da Bahia, Clube de Cinema da Bahia, Pólo Cinematográfico e Bahiatursa.

O ato religioso foi celebrado por Dom Timóteo Amoroso, que lembrou ter conhecido Glauber nas filmagens de "Idade da Terra", último longametragem do cineasta, que teve algumas cenas tomadas no Mosteiro de São Bento e disse: "Glauber viveu a serviço da dignidade humana, da paz, da justiça e procurou com sua arte denunciar os males da sociedade em que vivia".

Dom Timóteo pediu paz e harmonia para Glauber, para o Brasil e para o mundo, "para que o dragão da maldade não consiga morder o calcanhar de ninguém". O ex-abade do São Bento confiou ao Pai Eterno a alma do cineasta baiano". Glauber Rocha é universal e sertanejo, continuou Dom Timóteo Amoroso, sul-americano e brasileiro e jamais duvidou da bondade do Salvador, concluiu.

No final do sermão foi lembrada também a mãe de Glauber Rocha, por ela ter afirmado no dia do enterro do filho que ele não estava descendo, pelo contrário, estava subindo.

General faz críticas à violência

Recife - Ao desembarcar no Aeroporto dos Guararapes, para assumir, amanhã, o comando do IV Exército, o General Ênio Gouveia dos Santos advertiu que "a violência não leva a nada", numa clara referência aos conflitos registrados ultimamente em Salvador, os quais, segundo o militar, "provavelmente" contam com infiltração de partidos de extrema esquerda.

Ele fez as considerações no seu primeiro e rápido contato com a imprensa local, quando encarou os incidentes da capital baiana como "uma forma exacerbada de alguns menos esclarecidos demonstrarem insastifação com uma determinada situação".

O general Ênio Gouveia assegurou que não recebeu nenhuma instrução especial para desenvolver na região, "mesmo porque não haveria motivo nenhum para receber essas recomendações. A posse de comando é uma coisa normal, e encontro a área na mais completa paz".

CHEGAMOS A JOÃO PESSOA

Manhattan school

A mais avançada metodologia de ensino do idioma inglês. baseada em exercícios escritos e intensiva conversação.

CURSOS DE DURAÇÃO NORMAL, CURSOS PARA SECRETÁRIAS EXECUTIVAS, CURSOS PARA EXECUTIVOS E PARA VESTIBULANDOS, EM HORÁRIOS PELA MANHÃ, À TARDE E À NOITE.

Manhattan school

RESERVE SUA VAGA IMEDIATAMENTE

Rua João Machado, 603 - Fone 224-4603

JOÃO PESSOA - PARAÍBA

Dr. MANOEL CARNEIRO DA CUNHA

Dentista

AVISO

Mudança de Endereço

O Dr. Manoel Carneiro da Cunha avisa aos seus clientes e amigos que seus serviços odontológicos já se encontram funcionando em novo endereço, no Conjunto Residencial Pedro II, nº 15 Parque Solon de Lucena (Lagoa) - Fone: 222-0345, com entrada também pela Av. D Pedro II frente ao KIPREÇO.

SHOW DO SÉCULO

DOMINGO 30 DE AGOSTO ÀS 14 HORAS, NO ALMEIDÃO

4- chevettes. 2- opalas comodoro.

3- mercedes benz 1113, c/carroceria

1- carreta 1519 c/cavalo, completa

CARTELA CR$ 1.000,00

EM BENEFÍCIO DA EQUIPE FAMILIAR DO VARJÃO

A irritação do pequeno Mitchel...!

Eis que de repente me vem meu pequeno Mitchel Wagner, curtindo a sua minimotoca, insistindo para levá-lo ao campo. Claro, como pai coruja que sou, quero logo livrá-lo das pancadas do tempo. Afinal, entre os perdidos do deserto de cimento armado do monstro das curvas do Cristo, em seus dois anos e poucos meses, a única boa coisa que lhe poderia proporcionar neste amarelado campeonato, seria um tremendo resfriado.

– Calma garotão, dá um tempo aí! Deixa engrossar mais as panturrilhas que haverá tempo que pedirás para ficar assistindo ao desenho animado e te farei cortar asfaltos ao meu lado.

Cúmplice do papai, a pequena Mitchela Wanessa – por uma questão de essência, em seus quatro aninhos –, vai logo mostrando cartão amarelo para o irmão:

– Vai crescer Tchel. Ainda és muito pequeno...!

Soubesse ele na sua inocência, que o futebol paraibano está desorquestrado, com um jurugassu à frente da Federação Paraibana de Futebol, com o Botafogo desajustado; o Auto cambaleando; o Campinense só reclamando e o Treze travestido de melhor, com certeza, não me pediria – como não iria – e, naturalmente optaria pelas gargalháticas de Tom e Jerry – a ter que sair do estádio soltando elogios às pobres e heroínas mães dos atletas e do árbitro.

E lá me vou numa tremenda sugesta, caminhando em passos irresolutos a caminho do Almeidão, a fim de documentar mais um engodo futebolístico. Sabe lá, se se pudesse continuar bailando na fantasia da infância, seria talvez, o melhor prêmio que a natureza poderia dar ao homem. Só pra quem o futebol – embora desalinhado e curtindo uma carraspana – ainda não perdeu o seu feitiço – porque na magnitude de ser criança – pouco importa o que se passa nas cinzas deste circo que algum dia brilhou.

Saber que os clubes abrem mão da tarde dominical, a fim de ganhar alguns trocados – chorados e discutidos – por causa dos bingos – que a Sudepar somente agora está tendo algum lucro – porque o futebol só proporciona prejuízo – é concordar em todos os aspectos, com as profecias de Nostradamus – porque estão sendo cumpridas não apenas no extra-futebol. Se ele esqueceu, foi porque Jules Rimet ainda não havia nascido para inventá-lo.

Chegasse ele, sim – O Mitchel Wagner – no estádio Almeidão, com um radinho de pilha, ficaria logo irritado, ao saber que numa capital como João Pessoa existe apenas uma emissora transmitindo futebol:

– Mas como é? – Ih, papai, somente a Tabajara!, assim não dá...

– É isso aí, filho, o torcedor não tem culpa da falência das empresas – embora ele também não seja lá de proporcionar boas arrecadações. O fato é que nosso comércio – claro, claro, em pleno século XX, morre de fome – e não tem condições para anunciar. Pelo menos é o que dizem os donos das rádios, que em sua maioria só pensa em encher os seus bolsos.

– Sendo assim, papai, prefiro ficar em casa curtindo minha motoquinha – embora ouvindo alguns gritos da mamãe, quando atropelo algumas cadeirinhas...

Ah, e o que é que eu poderia contar?!

Auto vai a Campina tentar sua 1ª vitória no quadrangular decisivo

Automobilistas jogarão pela primeira vez fora de casa neste quadrangular

O Auto Esporte vai hoje a Campina Grande, a fim de enfrentar o Campinense em mais um compromisso pelo quadrangular decisivo do segundo turno e, o encontro está sendo aguardado com muita expectativa, pelo fato das duas equipes estarem empatadas no número de pontos (dois), sendo que o Auto obteve dois empates e o rubro-negro uma vitória, sobre o Botafogo.

Embora sem ter ainda uma vitória no quadrangular decisivo do segundo turno, o treinador José Lima admite que sua equipe subiu de produção desde que garantiu a classificação para a atual fase do campeonato. - O que tem ocorrido no entanto - diz Zé Lima - é que nosso ataque tem disperdiçado diversas chances de gols, como aconteceu nos empates com Botafogo e Treze. Acredito na equipe, mesmo sabendo que se trata de um jogo difícil.

Sem poder contar ainda com o ponta-de-lança Matinha, contratado desde a semana passada, o Campinense tenta hoje a sua segunda vitória no quadrangular e o presidente José Aurino solicita o apoio da torcida. - Conseguimos a primeira vitória e caso o time saia vitorioso diante do Auto, daremos um grande passo para a conquista do segundo turno - garante o dirigente.

Cláudio Pereira, Jair Pereira e Antonio Toscano são os árbitros que hoje vão para sorteio a fim de apitar o jogo.

Equipes:

Auto - Américo, Edvaldo Morais, Da Silva, Nascimento e Valdeci; Vavá, Pedrinho e Neto; Alberto, Carlos Brasília e Vandinho.

Campinense - Carlos Augusto, Zé Carlos, Paulinho, Timbó e Sérgio; Joel Maneca, Marcos e Mário; Gabriel, Guedes e Berg.

Equipe automobilista definida por Zé Lima

José Lima não faz segredo do time do Auto Esporte para a partida de hoje, em Campina Grande, diante do Campinense, pois pretende manter a mesma formação que empatou com o Treze, quarta-feira última, no Estádio José Américo de Almeida Filho.

Desta forma, o alvirubro pessoense enfrentará o Campinense pelo quadrangular com Américo, Edvaldo Morais, Da Silva, Nascimento e Valdeci; Vavá, Pedrinho e Neto; Alberto, Carlos Brasília e Vandinho, ficando no banco de reservas os jogadores Valdemar, Marcos Pipoco, Edilson, Buzica e Ramos.

Apesar de não ter vencido nenhum jogo neste quadrangular, o ambiente no Auto Esporte é de otimismo e todos os jogadores acreditam que o time poderá dar um passo decisivo para a conquista do segundo turno, caso vença o Campinense, hoje à tarde, no Estádio Governador Ernani Sátyro (O Amigão). O treinador José Lima também está animado, sobretudo por causa da disposição demonstrada pelo elenco nos treinamentos:

- Condições de vencer o Campinense nós temos. Só espero que o nosso ataque não perca tantas oportunidades, como nos jogos anteriores.

Paulinho será o zagueiro do Campinense

Gabriel diz que está voltando à sua forma

Campina Grande, (Sucursal) - O elenco do Campinense está motivado para o jogo de hoje contra o Auto Esporte, sobretudo pelo fato de nos últimos jogos o rubro-negro ter obtido bons resultados sobre os clubes da capital. E o mais eufórico dos atletas é o ponta-direita Gabriel, que está voltando a sua antiga forma.

Na verdade eu não vinha jogando um bom futebol e isso é normal na carreira de todo jogador. Ultimamente tenho me empenhado mais nos treinamentos e aos poucos estou voltando aos meus melhores dias, inclusive me reencontrando com o gol. Contra o Auto, espero voltar a marcar, "disse,

O treinador Edvaldo Araújo disse que não vai alterar o sistema de jogo da equipe porque precisamos vencer este jogo para melhorar nossa posição no quadrangular, principalmente que o objetivo é a conquista do turno".

Se Hilton não acertar com o Bota, Moreira tentará Félix

O Santa Cruz de Recife ainda não liberou o treinador Hilton Chaves, apesar de já ter contratado José Poy para dirigir sua equipe no Campeonato Pernambucano, pois quer que os dois tenham um encontro para que o novo contratado seja informado da situação do elenco.

Este foi o principal motivo que impediu a contratação de Hilton Chaves pelo Botafogo esta semana, mas o presidente José Moreira assegura que existe um compromisso do treinador mineiro para dirigir o time pessoense, tão logo a sua situação seja resolvida em Recife.

– Hilton ainda é funcionário do Santa Cruz – explicou Moreira – e só poderá definir sua vinda na próxima semana. De qualquer forma, existe um compromisso firmado para que o Botafogo tenha prioridade.

OUTROS NOMES

Mas a diretoria do Botafogo está pensando em outros nomes para substituir Zezinho Ibiapino, caso Hilton Chaves não chegue a um acordo. O ex-goleiro Félix, campeão da Copa 70, é um deles e já foi até sondado por um empresário carioca. Aureliano Beltrão e Caiçara também estão na agenda do presidente José Moreira de Andrade.

Fernando Lira já foi devolvido ao Sport

Decisão adiada e o Atlético quer novo jogo com o Mengo

Lima - A Confederação Sul-Americana de Futebol informou que foi adiada para o dia 5 de setembro a solução da controvérsia entre os clubes brasileiros Atlético Mineiro e Flamengo pela participação na Copa Libertadores da América.

Um porta-voz da Confederação disse que no dia 5 se reunirão os membros do Comitê Executivo para estudar a situação criada quando a partida disputada por esses dois clubes para definir o ganhador do grupo 3 da copa foi suspensa antes do tempo regulamentar.

O informante adiantou que em princípio a Confederação convocou os representantes de Flamengo e Atlético para se reunirem em Lima e definir a situação ontem, mas depois marcou uma nova data.

Indicou-se também que o Comitê Executivo, formado por delegados do Perú, Uruguai, Paraguai, Bolívia e Venezuela, se reunirá no dia 4 para fixar as novas séries, cujos campeões disputarão os dois primeiros lugares.

No caso de Flamengo e Atlético, o Flamengo, que tem melhor saldo de gols, reclama a classificação, enquanto o Atlético pede uma nova partida.

O Comitê é formado por Teófilo Salinas, Presidente da Confederação; Álvaro Valdívia, Secretário, ambos do Perú; Eduardo Roca, do Uruguai, Nicolas Leo, do Paraguai, Edgar Fena, da Bolívia, e Renê Hemmer, da Venezuela.

Atlético espera disputar novo jogo

Botafogo dispensou o ponteiro João Carlos e o goleiro Fernando

O ponta esquerda João Carlos II foi afastado do time do Botafogo pelo presidente José Moreira de Andrade, ante-ontem à noite, estando autorizado a procurar clube para negociar o seu passe na próxima semana.

João Carlos, segundo o presidente, fazia parte do chamado "grupinho" do elenco botafoguense, juntamente com o goleiro Fernando Lira, este, inclusive, já foi devolvido ao Sport Club Recife.

- Vamos acabar - prometeu Moreira - de uma vez por todas com os "grupinhos no elenco do Botafogo. Vou me reunir com os jogadores e saber quem quer sair, pois não temos interesse de manter profissionais insatisfeitos dentro do clube".

Tanto Fernando Lira quanto João Carlos foram conversados pela diretoria do clube e aceitaram a decisão do presidente José Moreira. Comenta-se, inclusive, que Fernando reagiu assim: "O senhor quer que eu assine aonde, presidente?".

Treze manda buscar o atacante João Paulo para reforçar o time

Campina Grande, (Sucursal) - Os dirigentes do Treze devem enviar esta semana o Supervisor José Santos ao Paraná, a fim de acertar a contratação do centro-avante João Paulo ou Anselmo, a fim de fortalecer o ataque do alvi-negro já que Joãozinho Paulista, sozinho, não vem correspondendo às expectativas mesmo ostentando a condição de artilheiro do campeonato.

Mesmo após a tentativa frustrada do Campinense no início do mês, em contratar João Paulo, os dirigentes do Treze acreditam que não haverá problemas porque já conversaram com o jogador ele mostrou interesse em voltar a defender o time do Galo, sobretudo pelo fato de saber que desde que deixou o clube ainda não foi substituído à altura.

Petrônio Gadelha disse que o fato de contratar João Paulo ou outro centro-avante, não significa dizer que o Treze está interessado em se desfazer de Joãozinho Paulista. "Afinal, ele é o artilheiro do Campeonato. Ultimamente não vem atravessando uma boa fase, mas todos conhecem a sua capacidade de atacante".

Jornada de Ginecologia é concluída

Foi encerrada ontem a III Jornada de Ginecologia e Obstetrícia, sendo promovida pela Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia da Paraíba, com o apoio da Associação Médica do Estado. A Jornada teve como convidado de honra o governador Tarcísio Burity; Patrono, o reitor Berilo Ramos Borba, da UFPb, e como presidente, o dirigente daquela entidade no Estado, professor Geraldez Tomaz.

Todas as conferências foram realizadas no auditório do Hospital Universitário, sendo discutidos na oportunidade diversos temas, entre eles "emprego de antibióticos em obstetrícia", pelo professor Josvaldo Ataíde; "galactorréia Patológica", do professor pernambucano José Weydson Leal; "subsídios clínicos oferecidos pelo estudo da placenta", do professor carioca Francisco Carlos Grelle.

A III Femago abriu ainda espaço para a realização de debates sobre os temas "avaliação intrauterina do concepto"; "conduta nas amenorréias secundárias" e "complicações urológicas em cirurgia ginecológica e conduta atual no parto prematuro" e, além disso, realizou cursos sobre Distopias Genitais, Latrogenia em Obstetrícia, Obstetrícia-toxemia hipertensiva e Sexologia Clínica.

Guarany faz festa de 24º aniversário

O Gaurany Esporte Clube Recreativo realizou ontem, a partir das 17h30m, as festividades de seu 24º aniversário de fundação, contando, de acordo com a programação elaborada, com a aposição dos retratos da secretária de Educação e Cultura do Estado, Giselda Navarro Dutra, e o secretário de Segurança Pública, coronel Geraldo Amorim Navarro.

A aposição dos retratos foi feita no Salão Nobre da agremiação, segundo informou o presidente daquele clube, Waldomiro Ferreira dos Santos. As festividades foram iniciadas com uma Missa em ação de graças, na Capela Santa Rita, localizada no baixo Roger, rezada pelo padre João Félix. Às 18h30m, foi feito o hasteamento dos pavilhões nacional e do Guarany, na sede do clube.

Às 19 horas houve a aposição dos retratos daqueles secretários de Estado e, às 19h30m, a entrega, pelo presidente da Federação Paraibana de Futebol, do troféu de Campeão amador de 1980, além da entrega de Título de Sócios Beneméritos a várias personalidades. Finalmente, às 20h30m, as festividades culminaram com um coquetel dançante, promovido pela diretoria do clube.

PM encerra certame de tiro ao alvo

A Polícia Militar da Paraíba estará realizando nos dias 7, 13, 15 e 21 de outubro em João Pessoa e Campina Grande, simultaneamente, o II Campeonato de Tiro ao Alvo entre oficiais, subtenentes, cabos e soldados. O campeonato, realizado em comemoração aos 150 anos de fundação daquela unidade, será disputado por todas as unidades da PM localizadas em João Pessoa e nas demais cidades do interior do Estado.

Em João Pessoa as disputas serão realizadas no stand do 15º Batalhão de Infantaria Motorizada e ainda no DNER. Já em Campina Grande, as disputas acontecerão no stand do Clube dos Caçadores. As unidades que tomarão parte da competição são: I, II, III e IV Batalhões, Corpo de Bombeiros, Comando Geral da Polícia Militar e Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças.

O encontro, em Sousa, reuniu ainda políticos, técnicos e líderes sindicais

Baracuhy debate efeitos da seca com prefeitos

A estiagem, seus efeitos, suas consequências e as medidas adotadas foi o tema do encontro mantido entre o secretário da Agricultura, Marcos Baracuhy, com prefeitos, deputados, vereadores, técnicos, lideranças sindicais, proprietários e agricultores da região polarizada por Sousa, sexta-feira, pela manhã, no Centro de Treinamento de Professores.

Foi o terceiro Encontro promovido pela Secretaria da Agricultura - os dois anteriores foram em Bananairas e Brejo das Freiras - que já reuniu 121 prefeitos paraibanos, objetivando contactar com todos os que, direta e indiretamente, convivem com a estiagem que assola o Nordeste.

O Secretário Marcos Baracuhy ouviu dos prefeitos relatos, até certo ponto, dramáticos, da situação que atravessam os municípios sertanejos, com as finanças arrasadas pela ausência total de safras e a ameaça da perda do gado. Aumento do número de alistados, acesso ao crédito agrícola para todos os proprietários, incrementação dos projetos hídricos, emergência para as populações urbanas, alistamento de mulheres e menores de 14 anos foram as principais reivindicações dos participantes.

Três deputados estaduais, todos do PDS, compareceram aos debates: Gilberto Sarmento, Antônio Quirino e Eilzo Matos, que lamentaram o estado de penúria das populações sertanejas e criticaram a insensibilidade dos técnicos federais que não levam em consideração os seus pleitos. Ressaltaram a atuação do Governador Tarcísio Burity e do Presidente Figueiredo, alertando entretanto para a urgências de "medidas concretas que restabeleçam a confiança do povo".

Um dos pontos mais discutidos do encontro foi o alistamento de mulheres e de menores de 14 anos, como também um plano de Emergência para as populações urbanas das cidades sertanejas, que sofrem com a situação calamitosa, completamente desassistidas. Ainda discutiu-se o aproveitamento das águas dos grandes rios da região, desperdiçadas em direção ao mar.

O Secretário Marcos Baracuhy descaracterizou o conteúdo político do Encontro, convidando o presidente do Diretório de Sousa, Doca Gadelha para pronunciar-se sobre os problemas da região, afirmando que o interesse público estava acima do interesse partidário. O PMDB, através de Doca Gadelha, reivindicou maiores atenções para a pecuária "ou corre-se o risco de ver dizimada a metade do rebanho bovino". E que para sorte de todos, apesar das aflições, o sertanejo ainda alimenta "a doce ilusão de esperar".

Todas as reivindicações foram anotadas pelo Secretário Marcos Baracuhy e as reivindicações urgentes foram determinadas de imediato, tais como aumento de alistados e construções de açudes, além de diversos esclarecimentos sobre forma correta de se recorrer à ajuda governamental prestada através da Emater.

Encerradas comemorações da Semana do Deficiente

Uma missa de Ação de Graça, rezada pelo padre Juarez Benício na Catedral Metropolitana, encerrou ante-ontem a comemoração da Semana do Excepcional, promovida pela primeira Dama do Estado, Glauce Burity, em alusão ao Ano Internacional da Pessoa Deficiente. O coral da Universidade Federal da Paraíba cantou hinos sacros, antes do sermão sobre a luta dos deficientes para conviverem na sociedade.

A missa, assistida por dezenas de deficientes físicos, foi coordenada pelo Instituto dos Cegos Adalgisa Cunha e pela Legião Brasileira de Assistência. A Semana iniciou-se na última segunda feira com a entrega de veículos e gabinetes de assistência médico-odontológica a entidades e realização de palestras sobre problemas enfrentados pelos deficientes.

SERMÃO

No sermão, o padre Juarez Benício lembrou que "na Alemanha nazista os deficientes físicos foram eliminados sob o pretexto de deformar uma raça superior", antes de citar que hoje, ao contrário "temos o compromisso de lutar contra os preconceitos que são impostos aos deficientes", facilitando seus esforços de participarem da sociedade como pessoas que, como todos nós, tem, além de corpo, um espírito pedindo liberdade.

Van Damme faz palestra para Adesg

Um quadro geral da atual situação das Telecomunicações no Brasil, a partir da estrutura que o país conta hoje para interligar-se com o resto do mundo, através de satélites ou cabos marítimos, além de um posicionamento conclusivo sobre o sistema telefônico implantado e em implantação no Estado, foram itens integrantes da palestra que o presidente da Telpa, Joost Van Damme, fez na última quinta feira à noite, para diplomados da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra.

A exposição de Joost, que depois respondeu perguntas feitas pelos diplomados sobre diversos assuntos envolvendo as atividades da empresa que dirige na Paraíba, foi feita no auditório do Inamps, na Rua Barão do Abiaí. A palestra contou com exposições de slides mostrando em gráficos e mapas e atual situação do país e do Estado no setor das telecomunicações. Também foi exibido o audiovisual "Telecomunicações na Paraíba", montagem contando a história evolução do setor desde o início do século até a criação da Telpa.

Van Damme lembrou, por exemplo, o programa que a Telpa, juntamente com o Governo do Estado e Prefeituras do interior, vêm desenvolvimento para dotar, até o final do próximo semestre, todo o Estado de um sistema telefônico que permita a todos os municípios se interligarem com o país e com o mundo. Atualmente, 114 cidades já contam com serviços telefônicos, estando previsto, segundo o presidente da Telpa, a inclusão de mais 65 localidades à rede nacional de telecomunicações.

Planejamento discute a reurbanização de favela

A Secretaria de Planejamento enviará representante, através da Coordenadoria de Desenvolvimento Local, para participar do Seminário Sobre Intervenção Estatal em Reurbanização de Favelas, que se realizará em São Paulo, a partir de amanhã, dia 31, até 4 de setembro.

O seminário tem por objetivo apresentar e discutir as principais experiências de intervenção estatal em núcleos urbanos de sub-habitações, destacando-se as formas de cooperação estabelecidas pelos diferentes órgãos que atuam junto às famílias moradoras de favelas e loteamentos precários da periferia.

As temáticas: Solo Urbano: parcelamento propriedade e uso; urbanização: equipamentos de infra-estrutura e serviços públicos; apoio, melhoria e produção de moradia, e participação dos moradores e sistemas de organização serão discutidas e analisadas durante o encontro.

O Seminário sobre Intervenção Estatal em Reurbanização de Favelas está incluindo entre as atividades do Programa de Cooperação e Intercâmbio Técnico da Fundação de Desenvolvimento Administrativo.

Participarão do encontro os dirigentes e técnicos de programas de urbanização de favelas e recuperação de sub-habitação de Estados e Municípios da Federação.

O representante da Paraíba apresentará em São Paulo, o projeto do Programa de Apoio às populações Carentes da Periferia Urbana, elaborado pela Codel, que entrará em execução no próximo mês.

O encontro sera baseado nos resultados da avaliação de diversos programas de sub-habitação realizado pelo Centro de Estudos e Pesquisas Municipais, em diversas capitais brasileiras, na experiência da Empresa Municipal de Urbanização na área de São Paulo, e de outros participantes dos diversos estados, e ainda na prática de consultores especialmente convidados para o evento.

Política do BNH na área - Programas, financiamentos, será apresentado pelo diretor da Carteira de Erradicação de Subhabitação do BNH, Gustavo Heck, e a temática O Cepam, os municípios e o convênio com o BNH; objetivos e resultados finais da pesquisa será a exposição da urbanista e superintendente de Estudos e Pesquisas do Cepam, Clementina de Ambrosis, no dia 31, pela manhã.

À tarde, a técnica do Cepam, Bona de Villa falará sobre Aspectos Urbanísticos em projetos de recuperação de favelas, e no dia 1º, pela manhã, Antonio Cláudio Moreira Lima e Moreira, consultor da Cepam apresentará o tema: Aspectos Edilícios em Projetos de Recuperação de Favelas, à tarde a temática: Regularização de Questão fundiciária; áreas de domínio particular, áreas de domínio público será apresentado pelo promotor público e assessor da presidência da Cepam, Gilberto Passos de Freitas, e o jurista José Osório.

Na quarta-feira, pela manhã a Coordenadoria dos Programas Sociais da Emurb, apresentará o Profavela, Promorar e Properiferia: Estágio e Avaliação dos Programas, sendo à tarde feita uma visita às obras da Emurb.

Na quinta-feira durante todo o dia será feita apresentação de relatos de experiências pelos participantes, e no dia 4, pela manhã, Relações Intergovernamentais - Administração de Programas Complexos, será o tema da exposição do professor da EAESP/FGV, prof. Peter K. Spink.

Comissão do Vestibular faz apelo a candidatos

A Comissão Permanente de Vestibular faz um apelo aos candidatos no sentido de que se inscrevam de imediato, para que se evite transtornos nos últimos dias, como ocorre todos os anos.

As inscrições para o exame vestibular terminam na próxima sexta-feira, dia 4, às 18 horas, no andar térreo do prédio da Reitoria, no Campus Universitário, onde estão sendo efetuadas as matrículas para o concurso.

As informações, foram prestadas pelo vice-presidente da Coperve, prof. Samuel Henriques Hardman Norat. Ele explicou que o pagamento da taxa é feito após o candidato ter preenchido o formulário de inscrição, e este sido conferido pelo pessoal da Coperve no posto de matrícula, que dar visto e carimba o documento.

O pagamento é feito nos bancos Real e Econômico, no Centro da Cidade, ficando o comprovante com o candidato para que este receba o seu cartão de identificação.

Paraibanos em encontro de cinema

Dois cineastas paraibanos - Linduarte Noronha e Willis Leal - são alguns dos convidados especiais do ciclo de debates sobre o cinema nordestino, denominado "Panorama do Cinema no Ceará", promovido pelo Cinema de Arte Universitário (Casa Amarela), em conjunto com a Associação de Cineastas do Ceará, de 11 a 20 de setembro.

Segundo o coordenador da Casa Amarela, Eusélio Oliveira, os filmes em 16 milímetros e Super 8 serão exibidos durante o "Panorama" para dar ao analista ou espectador "uma visão detalhada da realização cinematográfica, em termos de linguagem, conteúdo e ideologia".

"Unidos teremos oportunidade de questionar, debater e avaliar todas as etapas de produção em nosso meio", garantiu Eusélio Oliveira ao informar que os cineastas interessados em participar do evento devem solicitar a ficha de inscrição, endereçando correspondência ao Cinema de Arte Universitário (Casa Amarela), na avenida da Universidade, 2591/97, em Fortaleza. Os participantes de outros Estados, segundo ele, poderão despachar seus filmes via Transbrasil, com frete a pagar.

Servidor é dispensado de ponto para ir a congresso

O secretário de Administração, Osvaldo Trigueiro do Vale, assinou ontem a portaria número 072/81, facultando ponto, nas repartições e autarquias onde servem funcionários estaduais e autárquicos que comprovadamente comparecerem ao III Congresso Latino-Americano de Direito do Trabalho, que vai de 14 a 19 de setembro, em João Pessoa.

O seminário - cujas inscrições são feitas no Centro de Ciências Sociais Aplicadas e na Faculdade de Direito da praça João Pessoa - começará efetivamente no dia 15, terça-feira, com exposições sobre o tema "Limites do Poder Disciplinar do Empresário", tendo como relatores o uruguaio Hugo Barbagelata, o mexicano Guilliermo Hori Robaina e o brasileiro Hugo Gueiros Bernardes.

Na quarta-feira, dia 16, o argentino Horácio Ferro, o panamenho Artur Hoyos e o brasileiro José Martins Catharino serão os relatores do tema "Perspectivas da Negociação Coletiva na América Latina", enquanto na sexta-feira o "Seguro Desemprego" estará em debate, tendo como relatores o colombiano Rafael Forero, o mexicano José Dávalos e o brasileiro João Regis Fassbender Teixeira.

Os "Sistemas de Recursos no Processo Trabalhista" estarão em debate na sexta-feira, dia 18, tendo como relatores o brasileiro Mozart Victor Russomano, o paraguaio Nicolas Sanches y Soto e o brasileiro Geraldo Teixeira de Carvalho. O sábado, dia 19, será reservado para apresentação dos relatórios das comissões, publicações das conclusões do congresso e sessão solene de encerramento.

Em construção os prédios do Instituto de Polícia

A Secretaria de Segurança Pública está construindo dois prédios onde deverão funcionar o Instituto de Polícia Científica, em João Pessoa e Campina Grande, que abrigarão os setores de Medicina Legal, Identificação, Criminalística e Administração que, ao serem concluídos, possibilitarão melhores condições de trabalho.

O Instituto de Polícia Científica será integrado por quatro blocos, sendo que igual empreendimento será também construído na cidade de Campina Grande. Entretanto, a conclusão da obra de João Pessoa acontecerá em dezembro, prazo em que tambem para as edificações campinenses.

Em João Pessoa o Instituto será construído nas proximidades do Estádio O Almeidão e cada bloco mede cerca de dois mil metros quadrados e contará com laboratórios de texicologia, balística e criminalística, além de um museu ósseo, salas de estudos e autopsia.

O setor de Medicina Legal contará, entre outros equipamentos, câmara de frigoríficos para 18 cadáveres normais e outra de baixa temperatura que abrigará até quatro corpos em estado de putrefação.

O custo das obras de João Pessoa e Campina Grande representam um investimento de Cr$ 166, milhões, além de Cr$ 89 milhões para o custo de manutenção previsto para o exercício do próximo ano.

Agrônomos querem salário igual ao de veterinários

Deputados estaduais e federais da Paraíba, de todos os partidos políticos, já estão recebendo ofício da Associação dos Engenheiros Agrônomos da Paraíba, no qual mostra as defasagens existentes, hoje, no Ministério da Agricultura, entre as categorias profissionais do engenheiro agrônomo e do médico veterinário.

No ofício enviado aos parlamentares paraibanos, segundo o presidente da entidade, agrônomo Abdon Miranda Júnior, demonstramos claramente que nada temos contra as conquistas dos médicos veterinários, mas sim que o Governo Federal conduza os engenheiros agrônomos ao mesmo lugar onde já se encontram nossos colegas veterinários do serviço público federal quanto aos níveis salariais.

Para que todos tenham uma idéia concreta da reivindicação, o presidente da Associação que congrega a classe agronômica paraibana faz um comparativo dos níveis salariais das duas classes. O médico veterinário do serviço público federal percebe Cr$ 81.885,00 (salário inicial) - classe A; Cr$ 94.792,00 - classe B; Cr$ 118.346,00 - classe C; Cr$ 140.630,00 - especial e Cr$ 161. 851,00 (final de carreira). Vale ressaltar que sobre este salário, os veterinários têm direito a mais 40%, 50% ou 60% de gratificação de interiorização.

Quanto aos engenheiros agrônomos, diz Abdon Miranda Junior que a desvantagem é de 50 por cento, praticamente. O engenheiro agrônomo do serviço público federal percebe Cr$ 42.998,00 (salário inicial) - classe A; Cr$ 59.173,00 - classe B; Cr$ 73.406,00 - classe C Cr$ 93.691,00 - classe especial e Cr$ 108.450,00 final de carreira. Além disso, o agrônomo não tem direito a gratificação de interiorização.

jornaldedomingo
A UNIÃO
João Pessoa, 30 de agosto de 1980

APRENDENDO A LIBERDADE

Numa escola especial, a integração de crianças deficientes à comunidade

Texto de José Carlos dos Anjos — *Fotos: Ortilo Antonio*

Integração do deficiente físico à vida em companhia das pessoas consideradas normais, através de ensinamentos práticos e nada radicais, assim como demonstrar aos excepcionais o porque do tratamento especial que ele está recebendo. Essa é a filosofia principal do trabalho que está sendo desenvolvido no Parque de Arte e Recreação para Crianças Deficientes, que funciona integradamente à Escola de Teatro Piolin.

A idéia nasceu logo no início do ano, quando um grupo de pessoas interessadas no assunto, procurou levar avante a intenção de se criar uma entidade que cuidasse dos menores deficientes, mas de uma maneira diferente das propostas até então apresentadas. As condições de funcionamento do Parque de Arte e Recreação para Crianças Deficientes, só foram conseguidas após a associação com a Escola de Teatro Piolin, que atualmente está funcionando no Horto Simões Lopes, onde antes estava sediada a Cidagro.

Em 31 de maio passado o trabalho com deficientes físicos foi iniciado, inaugurando o Parque com uma exposição da pintora e artista plástica Leonor Lemos Nunes do Rego, também integrante do corpo de deficientes atualmente na Escola.

SEM MÉTODOS

Segundo explica Maria das Dores, a coordenadora dos trabalhos com os deficientes, que também é artista plástica e arte-terapista, no Parque de Arte e Recreação para Crianças Deficientes, não existem métodos seguidos ao pé-da-letra. Para ela o mais importante é manter a criança excepcional numa condição de igualdade com as demais, colocando-a num ambiente especial, onde a sua deficiência não seja tão limitadora, como o está sendo através dos atuais trabalhos desenvolvidos.

"É mais que necessário que se atente para o problema do deficiente. O próprio nome já está dizendo que aquela pessoa é incompleta e não tem as mesmas possibilidades que as pessoas consideradas normais. Partindo desse princípio é que temos que dar ao excepcional, condições para que possa vencer essas limitações. Atualmente isto não vem ocorrendo. Como todo mundo sabe, as pessoas deficientes são obrigadas a conviver com coisas, que para as outras pessoas são coisas normais mas, no entanto, para elas são obstáculos".

Fazendo críticas aos ambientes onde é flagrante a ausência de linhas arquitetônicas que beneficiem os deficientes físicos, a professora Maria das Dores, denuncia que até os parques de diversões das cidades são desprovidos de brinquedos para os excepcionais. "Existe a necessidade da criança deficiente brincar. Apesar dela não ser igual às outras, não difere nesse sentido e com a ausência de alguma simple modificação nos brinquedos lhes abrandes as limitações, ela será uma criança marginalizada".

Apesar de ter apenas pouco mais de dois meses de existência, o Parque de Arte e Recreação para Crianças Deficientes já conta com oito pessoas matriculadas, inclusive, adultos, que recebem aulas de dança, teatro, artes plásticas e recreação. Além de Maria das Dores, outra artista plástica, Carmem Falcone, também participa do grupo de quase 12 pessoas que trabalham no programa de reintegração dos excepcionais. Algumas dessas pessoas, todas elas voluntárias, são pertencentes ao curso de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba.

ADAPTAÇÃO

Diferenciado de qualquer outro trabalho já desenvolvido ou em desenvolvimento nessa especialidade, o Parque de Arte e Recreação para Crianças Deficientes mantém também um trabalho de educação

de pessoas normais, que funciona concomitante aos eventos de reintegração dos excepcionais. Segundo a professora Maria das Dores, esse tipo de confrontação vai adaptando o deficiente físico às pessoas normais e tornando mais fácil a sua integração na comunidade.

Durante as aulas, as crianças normais são incentivadas a manter um relacionamento afetivo com os deficientes. "Esse trabalho também provoca a educação das pessoas sem problemas. Elas passam a ter consciência de que precisam tratar melhor o deficiente físico e de que estes necessitam de uma maior compreensão".

Ainda dentro do item adaptação, a intenção dos organizadores do trabalho, segundo Maria das Dores, é o de implantar um parque de recreação em área já estabelecida. Esse parque teria brinquedos exclusivamente desenhados para os deficientes que estão impossibilitados de desfrutar dos brinquedos existentes nos parques de diversão comuns. Também será feita uma pequena criação de animais domésticos, isto com a finalidade de manter os excepcionais sempre em contato com a natureza.

Esse parque de diversões será instalado em ambiente arborizado, oferecendo também um maior contato com as plantas. "Nosso trabalho aqui não tem regras, pois lidamos com exceções. A maioria das aulas é dada ao ar livre e não são forçadas. Nós seguimos as necessidades das crianças. Dentro das brincadeiras são introduzidas certas doses de atividades com conteúdo educacional e produtivo. Eu me preocupo mais com o crescimento do deficiente que com a sua recuperação, pois trabalho principalmente com a insegurança da deficiência, procurando não ir a fundo e sem a exigência de obter resultados das atividades por eles desenvolvidas. Nós trabalhamos aqui de uma maneira saudável e sem regras que forcem os resultados positivos".

ABERTO A TODOS

O Parque de Arte e Recreação está aberto a todas as pessoas excepcionais, pois não impõe limite de idade. Até o momento, as atividades já iniciadas para o trabalho com adultos são apenas cursos de teatro e dança. Mesmo as crianças pertencentes a outras escolas de expcionais têm livre acesso a entidade.

Explica Maria das Dores que a escola não está pretendendo contradizer ou se contrapor aos métodos utilizados nas demais entidades que lidam com os deficientes físicos. "O parque pode ser tido como um complemento das atividades de reintegração dos excepcionais. Nós aqui apenas não damos importância a certas restrições ou regras, porque desenvolvemos um trabalho espontâneo".

Todos os que participam do trabalho com os deficientes físicos já sentem a necessidade de levar a idéia às autoridades com a finalidade de que ela seja implantada em escolas mantidas pelo Governo. Atualmente, o Parque de Arte e Recreação para Deficientes não conta com nenhuma ajuda econômica apesar de já merecer a maior credibilidade dos especialistas no assunto.

Esse tipo de trabalho, explicam os voluntários, é mantido através das arrecadações conseguidas nas atividades externas da Escola de Teatro Piolin. O Teatrinho Mágico, por exemplo, funciona com apresentações para a comunidade e há uma semana fez uma apresentação de aproximadamente cinco horas para a criançada no Mercado de Artesanato de Tambaú.

Dessa maneira, os integrantes das atividades teatrais

da Escola, ao mesmo tempo que ajudam a manutenção do Parque de Arte e Recreação para Crianças Deficientes, através do repasse de tudo aquilo que arrecadam em dinheiro, também mantém uma programação de apresentações capaz de divulgar infinitamente os seus trabalhos. Já existe a intenção de se levar as apresentações teatrais, principalmente de peças infantis, para as comunidades dos bairros, assim como expandir o corpo de artistas, colocando os deficientes para participarem das peças. Isso, no entanto, só será conseguido quando começar a aprendizagem teatral com os excepcionais, que está prevista no programa da Escola.

"Para o futuro, o Teatro Piolin será uma entidade capaz de sediar eventos teatrais com a participação de grupos de todo o interior do Estado" - dizem os participantes da Escola, anunciando também o êxito da abertura semestral da programação da Piolin, com sete pessoas que coordenaram as atividades infantis, com pinturas nas ruas próximas ao parque da entidade, e promoção de pequenos jogos recreativos.

DOAÇÃO

Logo quando o antigo Teatro Piolin foi fechado, os artistas receberam do Governo do Estado a doação das antigas instalações da Cidagro, no Horto Simões Lopes, na parte posterior do Parque Arruda Câmara. "Nós recebemos três imóveis dos quatro que formam o complexo arquitetônico tombado pelo Patrimônio Histórico" - explica Luis Carlos Vasconcelos, diretor da escola.

Daquilo que antes era uma fazenda, foram doados à atual Escola de Teatro Piolin - Casa Grande e mais dois imóveis, todos compondo uma área de aproximadamente um hectare e meio de terra muito fértil. O imóvel que restou, onde estava instalado o antigo moinho da fazenda, deveria ser ocupado por uma concessionária, talvez a Prefeitura Municipal, para a instalação de um restaurante ou qualquer coisa desse tipo.

Como isso não ocorreu, os antigos funcionários da Cidagro mantém nesse galpão muitas máquinas para consertos de automóveis. O movimento de entrada e saída de pessoas, segundo os dirigentes da Escola chegam a perturbar todas as atividades em andamento, inclusive a aprendizagem com os menores deficientes físicos. Anteriormente, existia realmente uma oficina de automóveis no local, no entanto, só para o conserto e restauração das viaturas oficiais da Secretaria de Agricultura do Estado.

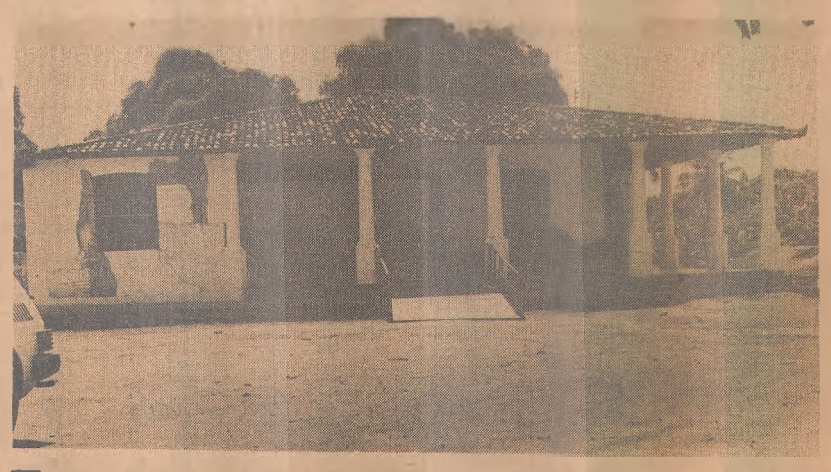
Diz Luis Carlos Vasconcelos que toda a maquinaria da oficina já havia sido retirada. Porém, "por teimosia dos funcionários da Cidagro, ela foi trazida de volta ao local". Isso se explica pelo fato de, quando a empresa ainda funcionava no Horto Simões Lopes, os seus empregados estabeleceram uma área onde faziam sua própria plantação de legumes e fruteiras, partindo dessa razão a dificuldade de retirá-los do local.

"Se fosse somente o movimento de entrada e saída de veículos e pessoas poderíamos aguentar por mais algum tempo. No entanto, existe também o preconceito dos funcionários da oficina com as atividades que são desenvolvidas na Escola. Eles acham que por existirem rapazes cabeludos e barbudos, aqui se torna um local frequentado só por homessexuais".

TEATRO

Os recursos para a construção do teatro estão com as liberações atrasadas. Segundo Luiz Carlos, diretor da escola, somente a primeira parcela do dinheiro foi liberada. A construção foi iniciada em abril passado e, no momento, está com trabalhos paralisados por falta de verbas para a compra de material.

Todo o dinheiro, segundo ficou acertado, seria liberado pela Secretaria de Educação e Cultura, através da Fundação Cultural do Estado da Paraíba - *Funcep*. No entanto, como a obra era de pequeno vulto, não interessou-se pela sua conclusão largando a administração dos trabalhos.



Em novas instalações, a Piolin abre espaço para crianças deficientes com parque de recreação dedicado a elas

LETRAS

MAIS CEDO OU MAIS TARDE AS ESTRELAS SE APAGARÃO

Parece o começo de um poema, mas não é. Trata-se do tópico de uma profecia. Uma profecia científica. E tal profecia está prevista nesse livro que acaba de ser lançado pela FRANCISCO ALVES: O Fim do Mundo, *de Richard Morris.*

Vejamos esta conclusão pessimista do Autor: Quando o fim do mundo se aproximar, não parece provável que haja qualquer solução tecnológica para impedí-lo. As forças da natureza são mais poderosas do que tudo que o homem inventou, e possivelmente permanecerão assim num futuro previsível. Na verdade será a nossa própria tecnologia que irrevogavelmente nos destruirá. Já existem indicações de que ela esteja rapidamente ficando fora de controle, e que devamos aprender a prosseguir de uma maneira muito mais moderada se quisermos manter uma esperança de sobrevivência.

O Fim do Mundo - *é uma séria advertência científica. Ilustrado com fotografias de eventos astronômicos, o livro descreve, numa linguagem clara e simples, a conjectura científica atual concernente ao destino final do nosso planeta e do nosso Universo.*

OS LIVROS MAIS VENDIDOS

Quem informa é a Cultural Livros Paraibana, *sito na Galeria "Augusto dos Anjos", a Livraria do Luis. Alí, os livros mais vendidos, na última semana, foram:*

1 - A Roleta Chilena - *Alfredo Sirkis*
2 - O Desafio Mundial - *Jean-Jaques*
3 - Longe é um lugar que não existe - *Richard Bach*
4 - Sempreviva - *Antonio Calado*
5 - Grande e Estranho é o mundo - *Ciro Alegria*
6 - Passagem para a Índia - *E. M. Forster*
7 - Leilão de mim - *Artur de Favero*
8 - Entradas e bandeiras - *Fernando Gabeira*
9 - Tempo do silêncio - *Neumar de Barros*
10 - O Moleque Ricardo - *José Lins do Rego*
11 - O Maior vendedor do mundo - *Og Mandino*
12 - Tess - *Thomas Hardy.*

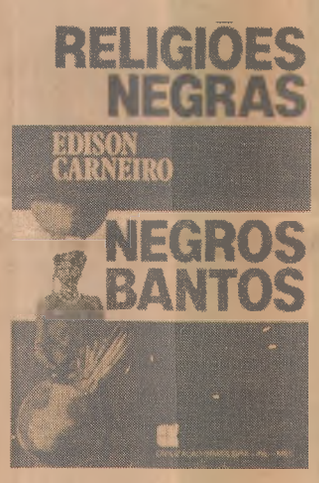
CORRESPONDÊNCIA: *Carlos Romero Av. N. S. dos Navegantes, 792 - Tambaú João Pessoa-Paraíba Telefone: 226.1061*

Literatura Infantil

Lançamentos da Melhoramentos:

A Editora *Melhoramentos* está lançando os seguintes livros infantis: - *Quebra-Cabeça,* de Mirna Pinsky, com ilustrações de Maria José Boaventura; *Zé Diferente,* de Lúcia Pimentel de Sampaio Goes, com ilustrações de Alberto Lopes Filho.

Está, ainda, a Melhoramentos, lançando *Verde era o coração da Montanha,* de Francisco Marins, destinado ao leitor juvenil. O livro em foco procura despertar na juventude o interesse pela natureza, pela preservação da fauna, da cobertura vegetal e dos costumes da vida rural".



AS NOVIDADES DAS LIVRARIAS

Nivaldo e Gerônimo - É um lançamento da *Codecri.* O autor é Darcy Penteado. Trata-se do seu primeiro romance. "Sem pretender à priori defender teses de homossexualismo, o que no livro é circunstancial, ele mostra principalmente os descaminhos de um grande amor em que o trágico, o sentimental e o patético estão lado a lado a uma ação angustiada, intensa e envolvente".

• • •

Confidências do viúvo **- Livro de contos de Orlando Bastos. Trata-se de um lançamento da *Civilização Brasileira.* O autor dá-nos exemplar amostra duma prosa densa e instigante, em que se aliam bom gosto e verdade humana, aproximando-se, assim, dos melhores cultores do gênero, no Brasil e em qualquer outra parte do mundo.**

A Ressurreição do general Sanchez - Outro grande lançamento da *Civilização Brasileira.* "Neste romance insólito, cujo autor é Cristovam Buarque, - narra-se a triste realidade de uma sociedade explorada e humilhada. O autor é economista e professor universitário.

• • •

Um Crime Entre Cavalheiros **- Um romance de arrepiar os cabelos. O autor é John LeCarré. Lançamento da *Record,* o livro narra a história de um homem de idade perseguido pelo segredo que seu passado escondia... uma mulher sem consciência, tão perigosa quanto encantadora...**

• • •

Prática da Administração de Empresas - A Editora *Pioneira* está lançando *Prática da Administração de Empresas,* de Peter F. Drucker, integrando a "Coleção Biblioteca Pioneira de Administração e Negócios".

A respeito dessa obra, escreveu *Times Education Of Suplement:* "É um dos melhores e seguramente o mais provocante livro já escrito sobre a ciência da administração. Os administradores devem ler e os professores devem indicar"...

LITERATURA MÉDICA:

"Dicionário de Genética

A *Editora Masson do Brasil* está lançando *Dicionário de Genética,* de Philippe L'Heritier. O livro foi traduzido por Paulo Armando Motta, do Instituto de Biologia da UFRJ,. Instituto Biomédico da UFF, Escola de Medicina Souza Marques e Faculdade de Medicina de Petrópolis.

Trata-se de um dicionário que, sem pretender esgotar todos os termos das inúmeras especialidades da genética, apresenta 842 termos fundamentais para nossos estudantes da área biomédica.

A Notícia:

O escritor Gabeira vai fundar uma comunidade, na cidade de Alcântara.

A informação nos veio da *Editora Codecri,* segundo a qual, o escritor e jornalista Fernando Gabeira, autor do *best-seller Entradas e Bandeiras,* acaba de fixar residência na cidade de Alcântara, no litoral maranhense. Alí o escritor pretende criar uma comunidade voltada para a vida e a alimentação naturais e a defesa do meio ambiente.

Semiótica enquanto metodologia da arte

Francisco Ivan da Silva (*)

Deveria iniciar por interrogar-me acerca do título deste trabalho e, principalmente, acerca dos termos, "Semiótica", "Metodologia" e "Arte". Mas, aqui, não tenho outra preocupação, a não ser a de sonhar alto a pesquisa da arte através da Semiótica. Eu diria: prazerosamente pensar a arte do e no nosso tempo. Desde já, faço minhas restrinções, não à metodologia para a compreensão da obra de arte, mas aos que acreditam na eficácia do método e esquecem de fruir a obra esteticamente. Para muitos isso pode parecer privilégio. Se assim o for ficaremos com R. Barthes quando diz: privilégio enorme, quase injusto, num momento em que o ensimo das letras está dilacerado até o cansaço, entre as pressões da demanda tecnocrática e o desejo revolucionário de seus estudantes.

É, com efeito, de arte que se tratará diretamente neste trabalho e indiretamente de poder, visto que, o momento presente é institucional, ou seja, trata-se do problema do ensino ou de uma discussão artística em salas de universidade. E o poder aí está, emboscado em todo e qualquer discurso, mesmo quando este parte de um lugar fora do poder.

A pesquisa dos fenômenos culturais com a aplicação de recursos da Semiótica constitui uma das tarefas mais atuais e, ao mesmo tempo, mais complexas, na esfera dos problemas contemporâneos do ciclo das Ciências da linguagem. Para a maioria dos intérpretes do pensamento de Peirce, criador da Semiótica, suas mais importantes contribuições foram o pragmatismo e a teoria dos signos.

Sem termos por objetivo uma descrição completa do conceito de Semiótica e de Signo, podemos definir funcionalmente da seguinte maneira: Semiótica é uma teoria da linguagem, é uma concepção científica da linguagem e, como tal, se funda nas origens mesmas da própria linguagem humana. Enquanto teoria, a Semiótica constitui, com efeito, um complexo estável de conhecimentos, bem como, um instrumental para uma possível metodologia. Para não ficarmos presos demais às definições, tomaríamos entre muitas, a seguinte definição de Signo formulada por Peirce: signo é *algo* que equivale a *alguma coisa* para *alguém,* sob certo aspecto.

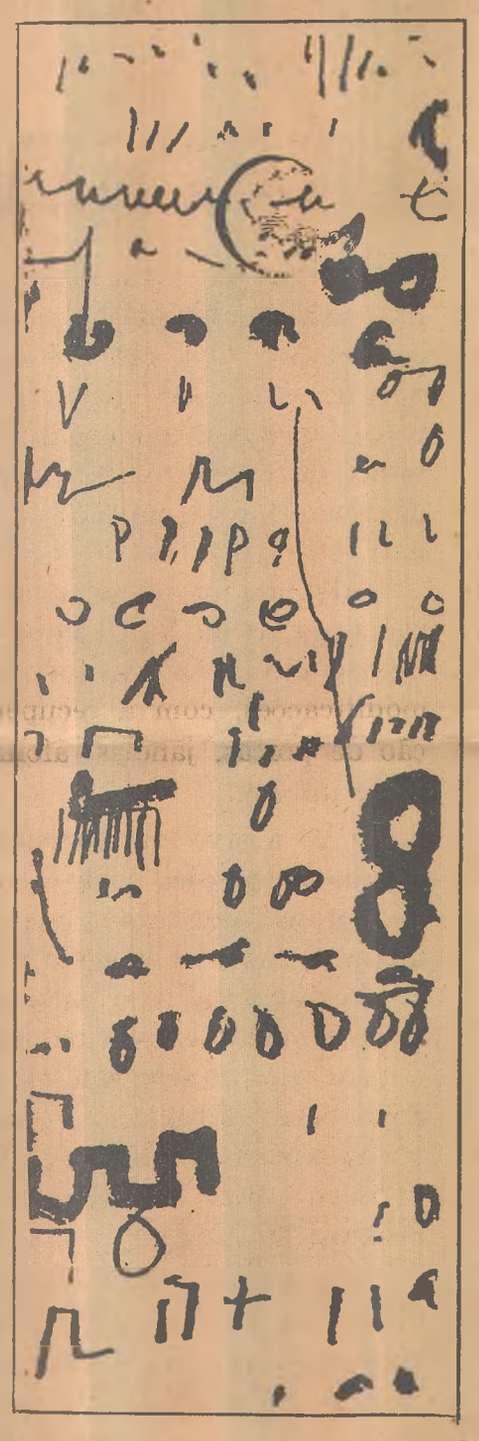
Não estamos perante uma ciência nova nem uma nova ciência. É preciso evitar os modismos e esteriótipos. A pesquisa artística exige, antes de mais nada, de seu pesquisador consciência da criação artística. O que pode ser novo aqui é tão somente os recursos da Semiótica para a abordagem do objeto poético. Se o objeto de investigação da Semiótica é a linguagem, isto é, o Signo, fica mais do que comprovado que a Semiótica é uma ciência muito antiga. Pergunta-se então: e por que só a partir dessas últimas décadas é que se faz notar a sua aplicação junto aos fenômenos culturais?

Ao que parece esta questão está basicamente ligada à questão do discurso da arte hoje, ao problema da comunicação. No passado isso não se constituia como problema, pois a comunicação já era vivenciada. O objeto de reflexões, por exemplo, do pesquisador medieval era a relação entre o significante e o significado, ou seja, sua reflexão se dava entre o material e o conteúdo desse material, o que constituía por assim dizer o signo. Assim, os objetos sagrados possuíam valor pela sua participação com a divindade, na mesma medida em que o homem era participante de qualquer corporação social. (Quanto a isto leia-se de Boris Schneiderman, Semiótica Russa, nº 162, da Coleção Debates, Perspectiva).

Curiosamente, contemporâneo de Saussure, Peirce faz a seguinte observação a respeito do Signo: "Um signo "representa" algo para a idéia que provoca ou modifica. Ou assim - é um veículo que comunica à mente algo do exterior. O "representado" é o seu objeto; o comunicado, a significação; a idéia que provoca, o seu *interpretante.* (...) A significação de uma representação é outra representação. Consiste, de fato, na representação despida de roupagens irrelevantes; mas nunca se conseguirá despí-la por completo; muda-se apenas para roupa mais diáfana. Lidamos então com uma regressão infinita. Finalmente, o interpretante é outra representação a cujas mãos passa o facho da verdade; e como representação também possui interpretante. Aí está uma nova série infinita".

Pode-se ver pelas observações acima que uma série de problemas se nos apresentam. Apontaria como um dos principais a desconstrução do próprio objeto da linguística. Essa desconstrução (da linguística), Barthes chama de Semiologia. Aponta o semiólogo francês para a seguinte questão: "Chegou um tampo em que, como atingido por uma surdez progressiva, não ouvi senão um único som, o da língua e do discurso misturador. A linguística me pareceu, então, estar trabalhando sobre um imenso engano, sobre um objeto que ela tornava abusivamente próprio e puro, enxugando os dedos na meada do discurso, como Trimalcião nos cabelos de seus escravos". E continua: "A semiologia nasceu de uma intolerância para com essa mistura de má fé e de boa consciência que caracteriza a moralidade geral, e que Brecht chamou atacando, de Grande Uso. A língua trabalhada pelo poder: tal foi o objeto dessa primeira semiologia".

Outro problema que se desvela a partir da noção de *interpretante,* diz respeito a conseciência de linguagem do pesquisador semiótico ou mais precisamente da consciência da criação poética. Essa chamada consciência de linguagem implica um enorme complexo de relações estruturais para compreender o próprio sentido do signo do mesmo modo que conhecer o *Interpretante,* que é o que o signo ele próprio expressa, pode requerer o mais alto poder de abstração.



Essa questão merece ser discutida, re-pensada, pois, trata-se do problema da arte mesma. E o problema da arte é a linguagem enquanto invenção e criação. O problema da arte é o signo em estado de Primeiridade numa permanente tensão com os símbolos, os valores sociais, os emblemas, ou seja, com a consciência dominante. Na antiguidade isso não era problema, pois tudo se explicava a partir de Deus, isto é, a partir de uma consciência do divino. Num certo momento a morte de Deus dificultou imensamente a explicação do objeto-arte. A arte hoje é muito mais um problema, ou melhor, ela é o problema, já que não pode ser mais satisfação etética do homem. Cria-se um estado de tensão. O pesquisador de arte fica assim perante um espetáculo imaginário do qual ele também participa como imaginador, como criador de signos. Saboreando a beleza do espetáculo, o semiótico sabe das suas condições de produção.

Há um princípio de erro da parte dos que pensam poder segurar o repouso-movimento da obra de arte em esquemas conceituais ou em categorias metodológicas. São as obras de artes que criam seus métodos, as suas linguagem e metalinguagens. Não é o método que cria a obra de arte. A arte possui um repouso - movimento, isto é, ela tem suas raízes e seus caminhos. E nestas condições a obra de arte é completamente irredutível. Nesta irredutibilidade ela diz o mundo. É preciso então buscar compreender melhor a arte, pois empreendendo-se melhor a arte compreender-se-á melhor aos problemas do tempo, o problema de uma metodologia para a obra de arte não deve ficar ao nível da constatação da validade e cientificidade do método. A atividade artística feita desta maneira implica o condicionamento da própria obra de arte. E o condicionamento da obra de arte é uma questão que deveria ser colocada, ou, pelo menos pensada. Para isto traria uma citação de R. Barthes: quando pensando a literatura em sua *aula* de 1977, no Colégio de França: "As forças de liberdade que residem na literatura não dependem da pessoa civil, do engajamento político do escritor que, afinal, é apenas um "senhor" entre outros, nem mesmo do conteúdo doutrinal de sua obra, mas do trabalho de deslocamento que ele exerce sobre a língua..."

O problema de uma metodologia para análise da obra de arte deve ser enfrentado artisticamente. O pesquisador deve ter a coragem de enfrentar a linguagem da arte em suas encruzilhadas. O pesquisar a arte é também um ato criador: do ponto de vista da literatura, o que se chama de consciência poética, se dá do seguinte modo: Camões cria a Eneida de Virgílio; Pessoa cria os Lusíadas de Camões; como diz Jorge Luis Borges, Kafka inventa precursores.

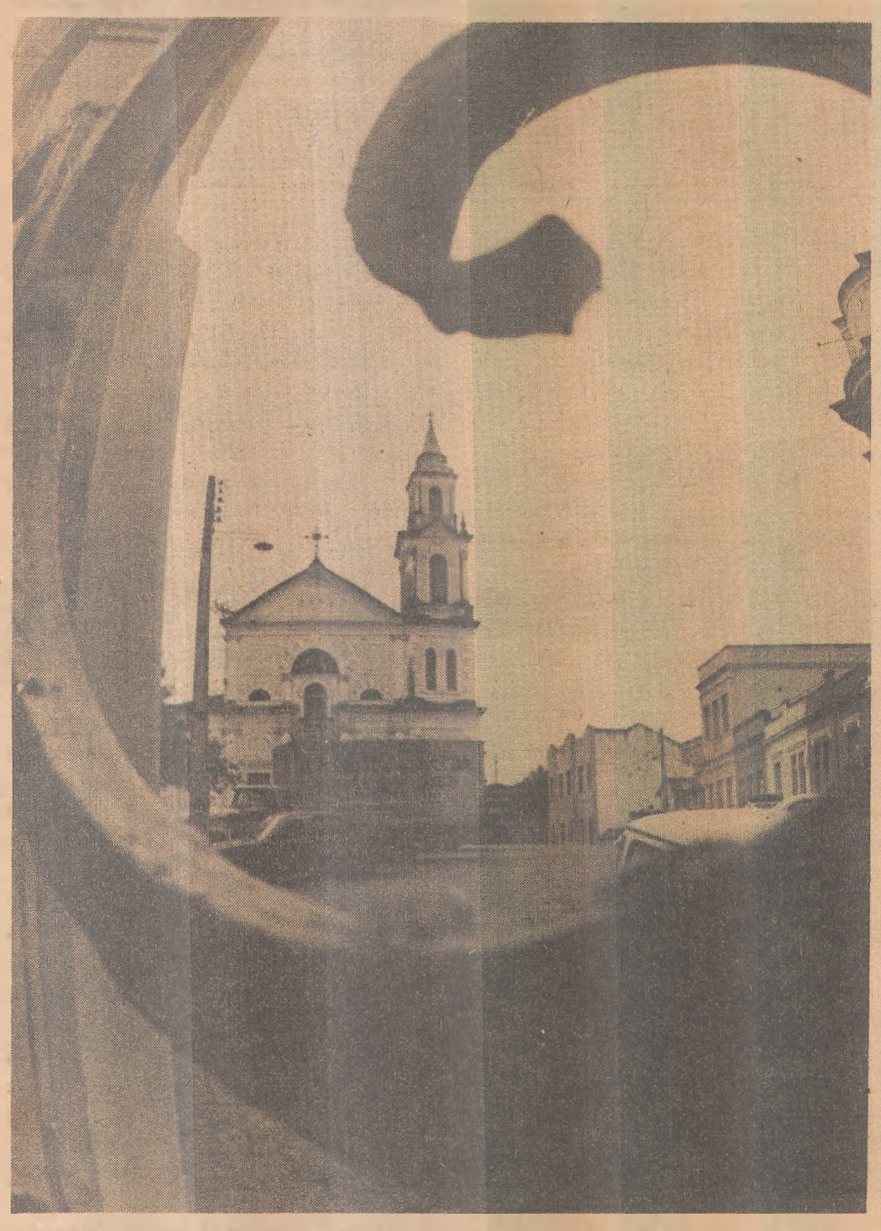
Trata-se, por conseguinte, de se pensar o signo artístico na sua presnetidade, na sua materialidade e fisicidade. Esta é justamente, segundo creio ter compreendido, a atitude cientiica da Semiótica enquanto teoria dos signos. Pensando a questão do *intellectus,* Peirce cita Aristóteles: "Nihil est in intellectus quod non prius fuerit in zensu". Segundo Peirce, o intellectus é o significado da representação em qualquer espécie de cognição, virtual, simbólica ou outra. Parece que nesse aspecto, Peirce procura diálogo com a metáfisica de Hegel e, principalmente quando vai sistematizar as chamadas categorias universais de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade.

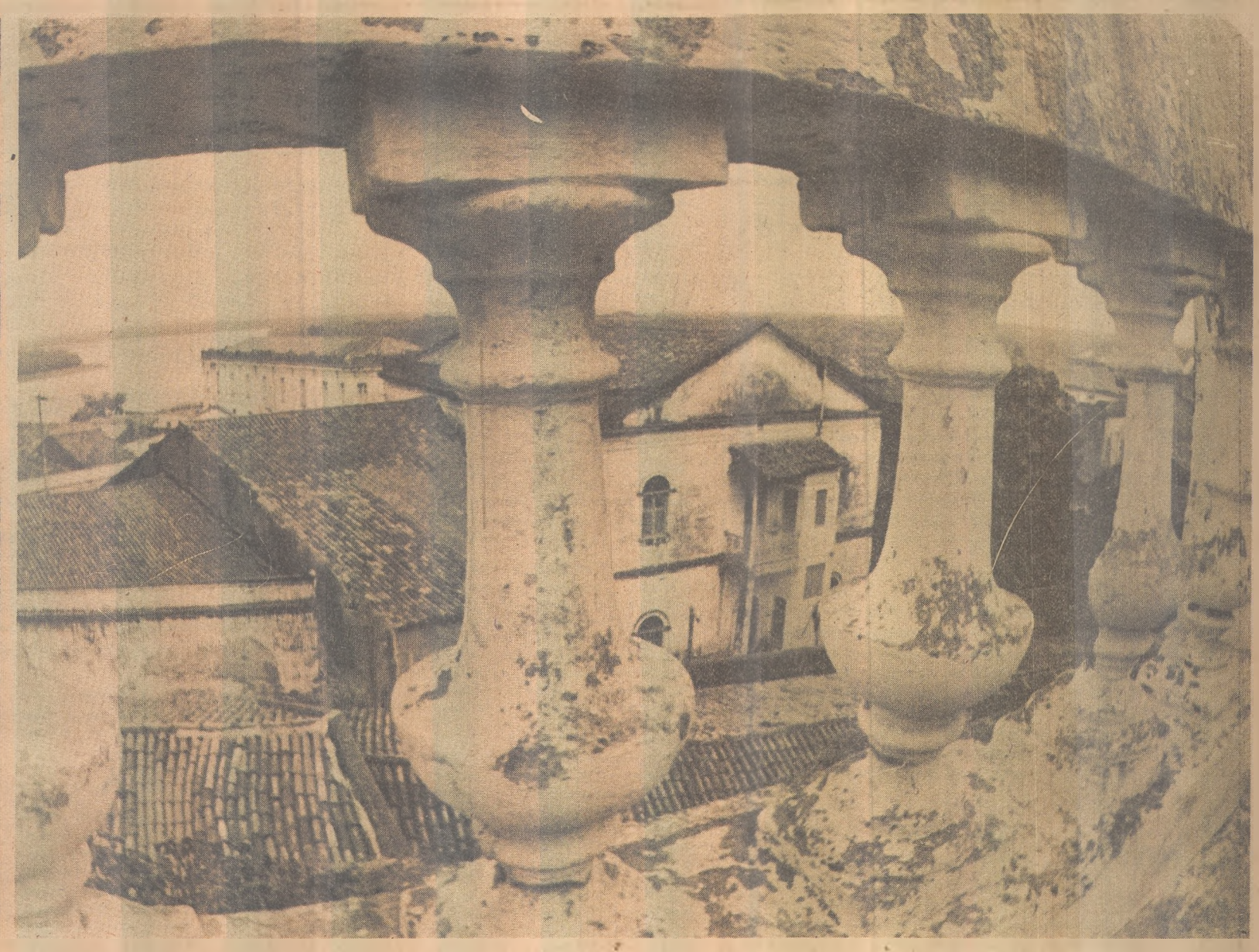
Diz ele: "Fique entendido que o que temos a fazer enquanto estudantes de fenomenologia é simplesmente abrir os olhos do espírito e olhar bem os fenômenos e dizer quais suas características quer fenômeno seja externo, quer pertença a um sonho, ou uma idéia geral e abstrata da ciência.

De posse de uma profunda consciência de linguagem e como um artista, Sartre em seu texto, "Imaginação", abre uma severa discussão com Descartes, Leibnitz e Hume apontando para a importância do pensamento imagético, de resto, o pensamento artístico, sem negar inclusive a necessidade da abstração para a própria compreensão da arte enquanto um processo de produção de significantes. "Eis por que não se rejeita o associacionismo: é preciso apenas integrá-lo. O associacionismo é o corpo, é a fraqueza do homem. O pensamento é sua dignidade. Mas nunca a dignidade sem fraqueza, nunca o pensamento sem imagens". E acrescenta: "Para concluir, a hipótese de um pensamento puro sem imagens e sem palavras é muito pouco provável e, em todo caso, não está provada".

Talvez, no que diz respeito à questão da Semiótica enquanto metodologia da arte, o próprio Peirce queiria atentar para o fato de que é necessário um procedimento também artístico e, em assim sendo, o método não seria um complexo fixo e inalterável de regras de trabalho, mas, acima de tudo, um procedimento. "São três as faculdades com que devemos minirnos para esta tarefa. (fala Peirce) A primeira e principal é a qualidade rara de ver o que está diante dos olhos, como se apresenta, não substituído por algumas interpretações. (...) É esta a faculdade do artista que vê as cores aparentes da natureza como elas realmente são (...) O poder observacional do artista é altamente desejável na fenomenologia". Neste sentido, se poderia afirmar que, a obra de arte espera de ser receptor muito mais um procedimento estético do que sua simples adaptação a um conjunto de regras metodológicas. Procedimento estético este, que implicaria sem dúvidas, uma metalinguagem artística. Ao decifrar um certo digno o pesquisador estaria criando um outoro sistema significante, estaria de uma certa maneira criando marcas e marcando a sua época através de sua linguagem artística.

(*) Trabalho apresentado no I Seminário de Semiótica e Arte, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 17 de julho de 1981.





Estão alterando a história da cidade

Texto de Wellington Farias
Fotos de Antonio David

Dos prédios tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba em João Pessoa, - pelo valor histórico de cada um - visando preservar a memória da cidade, são as residências os que mais sofrem alterações na parte arquitetônica. Mesmo assim, a maioria dessas casas ainda se mantém praticamente original nas respectivas fachadas.

A maioria dessas residências antigas, tombadas pelo IPHAEP, já sofreu profundas alterações em suas dependências internas, apenas por conveniência dos seus moradores que se limitam a manter intacta somente a parte externa, por imposição do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico.

Outros prédios, usados mais para outras finalidades, senão para moradia, estão bem conservados e mantém a originalidade em todas as suas dependências, como a grande maioria dos que estão situados na cidade baixa. Estes, embora ocupados por estabelecimentos comerciais, em sua maioria, estão praticamente originais e conservados.

Há residências, como algumas situadas na Rua da Areia, por exemplo, que nunca tiveram, sequer, substituídas as suas portas, desde quando foram construídas, embora o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico, permite alterações desse tipo, desde que lhe seja comunicado antecipadamente.

As Igrejas, estão entre os patrimônios históricos mais bem conservados, embora algumas delas estejam em situação precária, como, por exemplo a Igreja do Carmo, cujas dependências estão carentes de reformas.

Algumas residências antigas situadas na Rua Duque de Caxias, são as que mais sofreram modificações, com a recuperação de portas, janelas, afora a parte interna.

Um acervo relativamente grande de prédios antigos, que pela preservação de sua originalidade, refletem a imagem mais nítida da capital paraibana, nos tempos mais próximos das suas origens, está concentrado na cidade baixa, sobretudo na área que compreende o chamado Varadouro, onde começou-se a construir a cidade.

Em outros pontos de João Pessoa, há também alguns desses prédios, erguidos em arquitetura antiga, mas que, por terem a sua originalidade mais ameaçada com alterações em suas dependências, não se constituem tanto numa memória fiel do que foi a cidade de João Pessoa em tempos passados.

Os prédios mais conservados situam-se entre o Varadouro até a Rua da Areia, quase todos tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba. As antigas residências, são os patrimônios que estão mais passíveis de perderem a sua originalidade, porque sofrem alterações internas nas dependências.

Na Rua da Areia, por exemplo, as antigas casas foram preservadas apenas na fachada, porque o Instituto do Patrimônio Histórico não permite alterações. Na parte interna, a grande maioria delas, já não tem mais nada de original.

No centro da cidade, a área que concentra o maior número de prédios antigos, é a Rua Duque de Caxias. Mesmo assim, gradativamente os prédios vão perdendo a sua originalidade, embora, por serem tombados, o IPHAEP imponha algumas limitações para casos de reformas.

Prédios antigos, com mais de cem anos de construídos, como o do tradicional Hotel Globo, e o da sede da Associação Comercial do Estado da Paraíba, que nunca sofreram nenhuma alteração em suas dependências, são muito comuns na área que compreende o antigo Varadouro.

Construído em 1710, o prédio do Hotel Globo pelo menos até agora não sofreu nenhuma mudança na sua arquitetura. Até mesmo a velha pintura das instalações foi preservada até poucos meses atrás e só agora, depois do estabelecimento ter sido arrendado para voltar a funcionar, a fixação de uma nova pintura foi a única alteração na parte interna do prédio.

O Hotel Globo, inclusive, é, talvez, de todos eles, o que preserva melhor a memória da antiga cidade: não somente a conservação de sua arquitetura original, mas a manutenção de toda uma mobília antiga adquirida para o tradicional hotel desde quando foi fundado.

Existem outros prédios que, apesar de não mostrar muito do que foi nos tempos de muita utilidade, tem mais um caráter turístico do que propriamente histórico. A Casa da Pólvora, por exemplo é um desses. Em 1979, a Prefeitura Municipal, a quem está vinculado, lhe introduziu uma reforma profunda em suas instalações, acoplando também o Museu de Fotografia Walfredo Rodrigues.

Na parte inferior, a Prefeitura Municipal construiu um bar que tornou-se bem frequentado, tanto pelos próprios pessoenses, como pelos turistas que vêm de outras regiões.

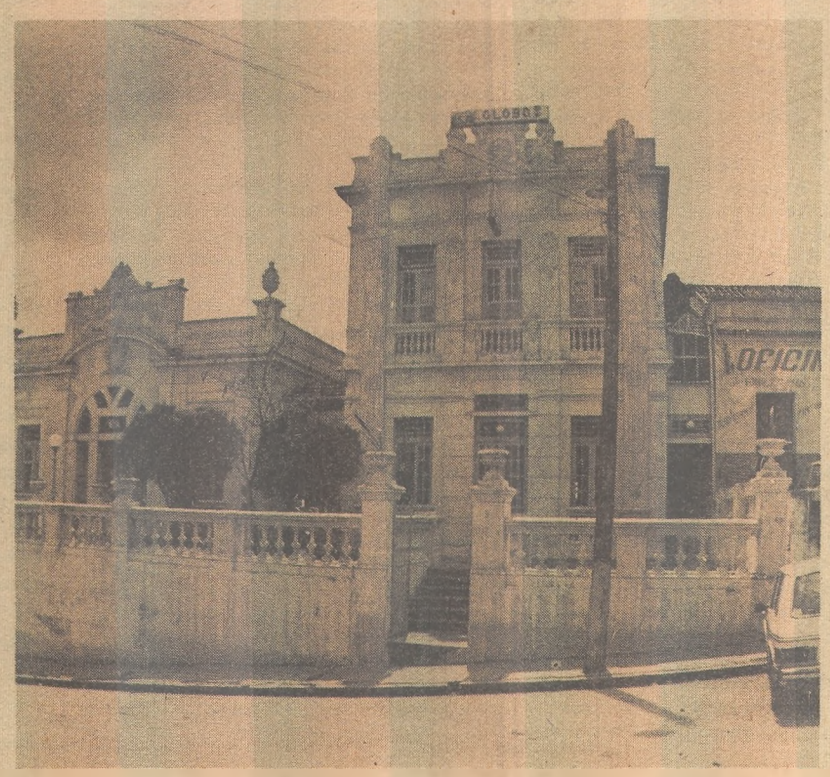
Na parte interna do prédio, estão instaladas 144 fotografias da cidade de João Pessoa em tempos passados. Embora não reflita muito do que foi no passado, a Casa da Pólvora é um dos patrimônios Históricos de João Pessoa mais visitados pelos turistas.

Diariamente, uma média de 30 a 35 pessoas vão a Casa da Pólvora, em sua maioria turistas brasileiros e de outros países. A frequência maior é, geralmente, nos períodos de férias, quando a média de visitantes chega a 80 pessoas, diariamente.

O complexo da Igreja de São Francisco compreende um museu, três capelas e duas sacristias. Numa delas, continua havendo missas aos domingos. O museu mantém-se fechado desde 1979, para os trabalhos de reforma, e somente será reaberto dentro de mais alguns dias.

As reformas são feitas através do Programa de Cidades Históricas, adotado pelo Governo Federal, que participa com 80 por cento dos recursos. Até agora foram investidos Cr$ 20 milhões e, até o final das obras, terão sido investidos pelo menos Cr$ 60 milhões, segundo o presidente da Fundação Cultural, Hidelbrando Assis.

O acervo sacro foi totalmente restaurado. O restante das peças está encaixotado, embalado com material especial, para evitar estragos. O convento foi construído a partir de 1591, e somente foi concluído quase 200 anos depois.



HORÓSCOPO

MAX KLIM

ÁRIES

21 de março a 20 de abril - *Semana de neutras indicações para o ariano, com apenas dois dias em que as condições astrológicas se alteram. Na quarta-feira você deve buscar maior cuidado em atitudes ligadas a suas finanças e investimentos. Nesse aspecto há a possibilidade de alguns problemas. No sábado você terá um dia extraordinariamente positivo. Clima de boa vivência social e pessoal. Disposição muito harmônica para a vida doméstica e o trato amoroso. Saúde regular.*

TOURO

21 de abril a 20 de maio - *O taurino terá, neste período, aspectos predominantemente positivos, com destaque para a terça-feira quando poderão ocorrer promoções e vantagens ligadas ao seu trabalho. Presença vantajosa de amigo muito próximo. Clima de insegurança pessoal após quinta-feira. Arrufos e, pequenos dissabores no relacionamentp com parentes mais próximos. Procure agir com cautela em relação a pessoa amada, mormente entre quarta e sexta-feira. Saúde boa.*

GÊMEOS

21 de maio a 20 de junho - *Um aspecto de grande favorabilidade deverá marcar o início da semana para o geminiano. O posicionamento astrológico lhe trará condições de acerto em negócios novos e nas associações de caráter mercantil. Trânsito positivo da Lua por sua casa astrológica na segunda-feira. Agradáveis surpresas por parte de amigos próximos.*

CÂNCER

21 de junho a 21 de julho - *Esta semana traz ao canceriano dois aspectos bem distintos. Em seu início, até terça-feira, você viverá aspectos de grande favorabilidade em termos pessoais, com sucesso e êxito em todas as iniciativas que vier a empreender. De quarta-feira em diante, você viverá momentos críticos em seu trabalho e na condução de assuntos financeiros.*

LEÃO

22 de julho a 22 de agosto - *Os próximos dias reservam ao leonino aspectos de gratificante atuação social e pessoal, com notáveis reflexos sobre seu comportamento rotineiro. Um clima de boa disposição marcará seus dias, ainda que não tenham eles maior destaque de uma influência astrológica. Condução tranquila de assuntos profissionais e financeiros. Vivência de grande dedicação e confiança em família. Momento aconselhado para o amor. Novas conquistas. Saúde regular.*

VIRGEM

23 de agosto a 22 de setembro - *O virginiano terá aspectos de marcante favorabilidade nesta segunda-feira em relação a sua profissão, especialmente os que a tenham ligada ao comércio. De quarta-feira em diante deberão ocorrer alguns problemas de natureza financeira o que lhe recomenda cautela em gastos e dispêndios. Durante todo o pwríodo você obterá êxito em atividades de natureza judiciária em em ações. Clima de boa disposição para a vivência íntima.*

LIBRA

23 de setembro a 22 de outubro - *Esta semana se revestirá, para o libriano, de bons momentos em todos os aspectos, com a presença de sei notável equilíbrio realçado pela entrada da Lua em sua casa astrológica na segunda-feira, trazendo-lhe êxito em atividades ligadas a jóias, viagens, artes, casamento e compromissos. Clima de intensa atividade pessoal. Boa fase para suas finanças.*

ESCORPIÃO

23 de outubro a 21 de novembro - *O nativo de Escorpião terá uma semana marcada pela presença da Lua em seu domicílio astrológico, a partir dos primeiros minutos de quarta-feira, trazendo-lhe, para todo o período, notável favorabilidade no trato com a química, fogo, ferro, pesca e empreendimentos que exijam coragem e persistência. Esse aspecto o motivará beneficamente para todos os assuntos que lhe digam respeito, levando-o a uma vida tranquila e de ternura entre os mais íntimos. Saúde boa.*

SAGITÁRIO

22 de novembro a 21 de dezembro - *Em sua casa astrológica para esta semana o sagitariano terá dois posicionamentos destacados. Na terça-feira lhe são reservadas indicações muito favoráveis para a profissão e ganhos rotimeiros. No final do período, com a proximidade da entrada da Lua em seu domicílio astral há destaque para diversos aspectos, sobressaindo-sobressaindo-se o trato financeiro. Clima de certa intranquilidade no trato em família. Neutro momento para o amor e sua saúde.*

CAPRICÓRNIO

22 de dezembro a 20 de janeiro - Atravessando um período de aspectos neutros o capricorniano terá, nos próximos dias, indicações de ligeira favorabilidade para seu relacionamento com superiores e colegas de trabalho. Cautela, na terça-feira, com valores e guardados. Evite, de quarta-feira em diante, negócios com objetos de metal. Clima positivo para seu relacionamento social e pessoal. Vivência agradável em família. Aspectos adversos quanto ao amor. Saúde em período estável.

AQUÁRIO

21 de janeiro a 19 de fevereiro - *Todo um condicionamento astrológico que o favorece nas iniciativas arrojadas e na condução firme de negócios pendentes fará de sua semana um período de muitos acertos e grande lucratividade em relação ao trabalho e suas finanças. Fragilidade no trato pessoal mormente o que envolva nativos de Áries ou de Leão. Oposição de parente próximo a algumas de suas decisões. Cautela no trato amoroso após quarta-feira. Saúde em fase ainda deliciada.*

PEIXES

20 de fevereiro a 20 de março - *Superando um condicionamento adverso que marca este seu início de semana, você terá momentos afirmativos na condução de assuntos profissionais. Procure se organizar em relação a suas finanças, ordenando equilibradamente seu orçamento. Aspectos muito favoráveis para o trato íntimo. Procure demonstrar seus sentimentos e imponha sua vontade. Receptividade e muito carinho por parte da pessoa amada. Saúde em fase de notável vitalidade.*

O QUE HÁ DE NOVO

* Ruim
** Regular
*** Bom
**** Ótimo
***** Excelente

NA TV

GRANDE PRÊMIO DA HOLANDA – A entrada de Jacques Lafitte na briga direta, ao lado de Carlos Reutemann e Nelson Piquet, pelo título de campeão mundial de fórmula 1 deste ano torna o GP da Holanda uma prova de maior importância para o resultado final do campeonato de 1981. Antepenúltima corrida da temporada, o GP holandês será disputado no autódromo de Zandvoort e terá transmissão direta da Globo, com narração de Luciano do Valle e comentários de Reginaldo Leme. No Canal 10. 10h.

GERAÇÃO 80 – Nádia Lippi e Kadu Moliterno apresentam, entre outras atrações, Pepeu Gomes com *Eu Também Quero Beijar*, Marina com *Corações a Mil*, Kleiton e Kledir com *Navega Coração* e Gilberto Gil com *A Gente Precisa Ver o Luar*. No Canal 10. 17h.

PLANETA DOS HOMENS – Milton Carneiro, o homem que só consegue pensar em uma boa resposta, quando é ofendido, três horas depois, decide descobrir uma maneira de evitar as situações embaraçosas que cria, com suas explosões de mal humor retardadas. Por sua vez, Agildo Ribeiro tenta, de todas as maneiras, mudar a história de Roma, impedindo a ida de Júlio César ao Senado. No Canal 10. 18h.

OS TRAPALHÕES – Os Trapalhões organizam um grande safári à África e acabam sendo obrigados a se casar com quatro moças de uma misteriosa tribo. Vanusa e suas filhas serão as convidadas especiais do programa esta semana, participando de um humorístico-musical. No Canal 10. 19h.

FANTÁSTICO – Um incrível erro judiciário: um homem foi condenado à prisão e depois sé descobriu que o verdadeiro assassino era o irmão gêmeo dele. O programa apresenta, em sua parte musical, um número com o sambista Jorginho do Império, e a cantora Elizete Cardoso. No Canal 10. 20h.

UM GOLPE EM BERLIM – Produção anglo-alemã. Direção de Peter Dufell. O ex-major do exército americano Henry Morgan vem a saber por intermédio do campo de concentração onde estivera prisioneiro da existência de barras de ouro cujo paradeiro só é conhecido por Reinhard Holtz, que se encontra preso. Com o auxílio de velhos amigos, Morgan forma um grupo para tirar Holtz da prisão e obrigá-lo a revelar onde está o ouro. Com Telly Savalas e James Mason. A cores. No Canal 10. 22h15m.

UM DE NÓS MORRERÁ (*****) – Produção americana. Direção de Arthur Penn, o cineasta de *Bonnie e Clyde, Uma Rajada de Balas. Western* biográfico baseado na peça de George Vidal sobre a vida de Billy The Kid, o jovem que se transformou numa das grandes figuras do Oeste selvagem. Com Paul Newman e Lita Milan. Preto e branco. No Canal 10. 0h15m.

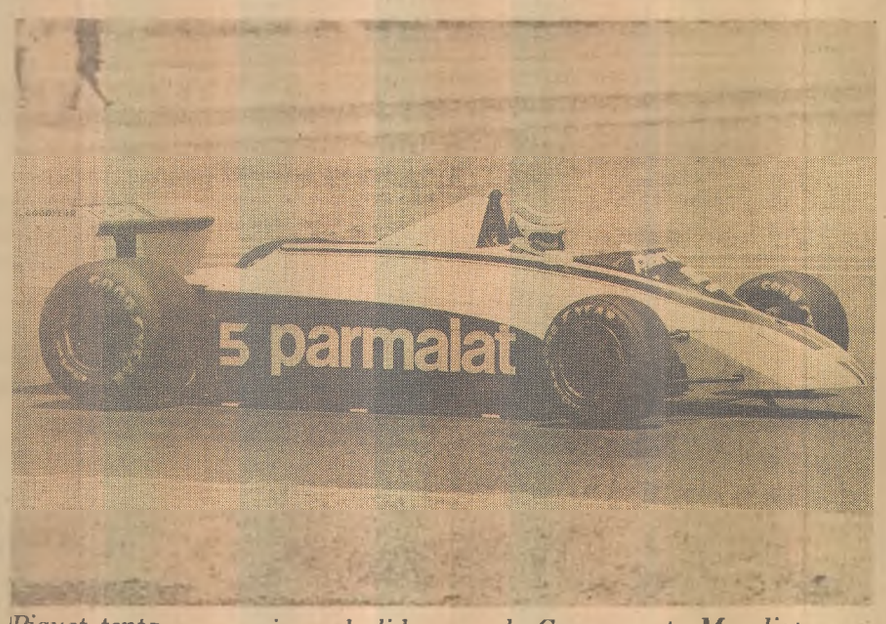
Amanhã

A PRAIA DE ZUMA – Produção americana. Direção de Lee H. Katzin. Uma cantora e compositora americana enfrenta dificuldades em sua carreira após seu primeiro disco ter sido sucesso e os seguintes terem fracassado nas paradas. Após ser liberada pela gravadora, ela decide passar um dia na praia de Zuma, onde conhece um grupo de pessoas que irão influenciar suas decisões. Com Suzanne Sommers e Steven Keats. A cores. No Canal 10. 14h30m.

VIVA O GORDO – Descobrir os grandes descobridores, aqueles que investigam coisas que normalmente não chamam a atenção dos cientistas. Este é o tema do programa esta semana. Nele, o Reizinho tem um sério problema para resolver: a taxa de natalidade está aumentando assustadoramente no pequeno reino. E Bo Francineide acaba de preparar um show para cursinho de pré-Vestibular. No Canal 10. 21h10m.

OBRIGADO DOUTOR – Um cão da fazenda de Isabel morde um desconhecido. Suspeitando que o animal está com raiva, ela não quer que o fato seja divulgado para evitar pânico na população de Andorinhas. Dr. Rodrigo acha que a população deve ser avisada, para ajudar na busca da vítima. Escrito por Bráulio Pedroso e Walter Campos. Com Francisco Cuoco e Nicete Bruno, e participação especial de Stênio Garcia. No Canal 10. 22h10m.

NA TRILHA DA VINGANÇA – Produção americana. Direção de Vincent McEveety. Em Santa Fé, um grupo de bandoleiros intimida a população e a impede de colaborar com a lei. O xerife Cutter decide enfrentar a quadrilha. Com John Gavin e Marisa Pavan. A cores. No Canal 10. 0h30m.



Piquet tenta se aproximar da lideranca do Campeonato Mundial

NO CINEMA

BRINDEMOS A NÓS DOIS (**) – Produção francesa. Direção de Claude Lelouch, o cineasta de *Toda Uma Vida*. O filme narra o relacionamento entre um membro de uma família de vigaristas e uma farmacêutica que serve de isca para flagrantes de adultério. Juntos, vivem uma dupla moderna no estilo de Bonnie e Clyde. Com Chaterine Deneuve e Jacques Dutronc. A cores. 18 anos. No Tambaú. 18h30m e 20h30m.

PARCEIROS DA NOITE (***) – Produção americana. Direção de William Friedkin, o cineasta de *O Exorcista*. Um policial é destacado para servir de isca homossexual e atrair um perigoso assassino. Relutante em aceitar a missão, ele termina convencido de que é o único membro do destacamento com as características físicas preferidas pelo assassino. Com Al Pacino, Paolo Sorvino e Richard Cox. A cores. 18 anos. No Plaza. 14h 30m, 16h30m, 18h30m e 20h30m.

VANESSA – Direção de Hubert Frank. A cores. 18 anos. No Municipal. 14h30m, 16h30m, 18h30m e 20h30m.

AS MÃOS VIOLENTAS DO KARATÊ – A cores. 18 anos. No Rex. 14h30m. 16h30m, 18h30m e 20h30m.

O baiano Elomar

EM DISCOS

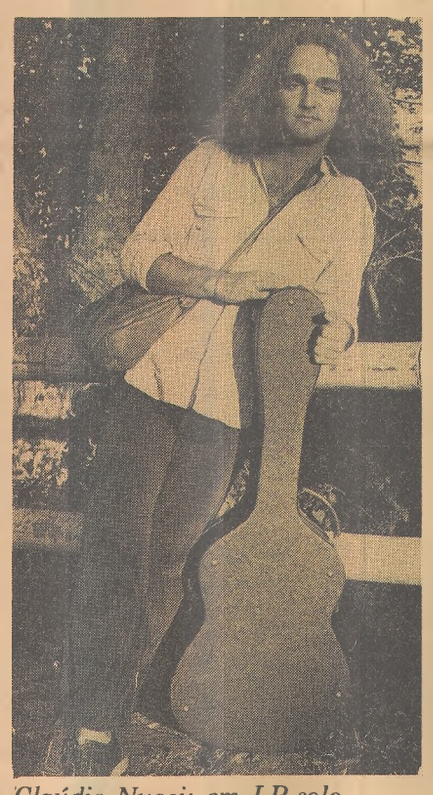
FANTASIA LEIGA PARA UM RIO SECO (*****) – O melhor disco brasileiro do ano. Em quarenta minutos, o baiano Elomar Figueira apresenta uma peça semi-erudita sobre a fome do Noventinha, que no final do século passado atingiu o sertão da Bahia. Neste novo trabalho, Elomar utiliza arranjos sinfônicos, escritos por Lindembergue Cardoso para a Orquestra Sinfônica da Bahia, que se adaptam perfeitamente à sua proposta musical, tornando-a ainda mais grandiosa. Produção independente.

GET YER YA-YAS OUT (*****) – Gravado em 1969, o disco registra duas apresentações ao vivo dos Rolling Stones em Nova Iorque. Um dos show contém músicas da trilha sonora original do filme *Gimme Shelter*, entre as quais se destacam o *blues* tradicional *Love in Vain* e o rock *Jumpin Jack Flash*. Disco obrigatório para os colecionadores de música pop. Lançamento Polygram.

GEASONS OF GLASS (***) – Primeiro disco de Yoko Ono depois do assassinato de John Lennon. Desta feita, ela deixa de lado o experimentalismo revelado nos discos da Plastic Ono Band para cantar melancólicas baladas, acompanhada por um equilibrado grupo de base que realça os solos de guitarra e sax. O grande destaque do disco é sua bela capa. Lançamento WEA.

CLAUDIO NUCCI - Com direção de produção de Renato Corrêa, é lançado o primeiro LP-solo de Claudio Nucci. Entre as faixas, destaques para *Levizinho, Luz do Dia, Gosto de Mim* e *Valsa dos Casais*, classificada para a final do *MPB-Shell-81*. Lançamento EMI-Odeon.

WANTED DREAD & ALIVE, Peter Tosh - O novo LP *Wanted Dread & Alive* continua a odisséia musical de Peter Tosh, e, mais uma vez, suas preocupações sociais e políticas estão acima de tudo, fortalecidas pela sua crença religiosa restafari. A gravação de *Wanted Dread & Alive* começou em janeiro passado com o Word Sound & Power e com mais um guitarrista líder - Darryl Thompson. Tosh compôs sete das nove faixas, fez os arranjos e produziu o LP. Lançamento Odeon.



Claúdio Nucci: em LP-solo

Guima: o brilho fugaz de uma grande estrela

Na manhã de 7 de março de 1981, um sábado, contrariando um desinteresse antigo, Roberto Guima entrou no mar da Praia Grande em Arrarial do Cabo, Rio de Janeiro. A displicência dos feriados de carnaval ainda resistia no país e Guima, na terça-feira, deveria estar de volta ao estúdio Transamérica para terminar o que seria o empurrão inicial de uma carreira, de um sonho, de um desejo escancarado: o disco de estréia.

Esta seria também, com toda a certeza, a estréia mais esperada do ano. O clarinete perfeito, suavemente intrigante e irresistível daquele negro bonito e carismático havia soado forte demais nos palcos por onde passaram Gilberto Gil e Jimmy Cliff para ser apenas um instrumento de peso na banda especialmente formada para a temporada nacional das duas estrelas. Ficara em todos a sensação de que o som e a presença deste músico anônimo estavam destinados a um brilho próprio e único no universo "soul" brasileiro.

Guima já tinha algum tempo de estrada. Em 76, era uma atração à parte da Rio Jazz Orchestra e chamava atenção de críticos como Tárik de Souza, que passava a segui-lo por todos os shows da banda. Dois anos depois liderava a Samba-Jazz, onde dominava o clarinete, o violão e a voz predestinada, de múltiplas possibilidades, que ele usava como um instrumento de novos e fortes sentimentos. No primeiro Festival de Jazz de São Paulo, brilhou ao lado de seu mestre Paulo Moura; e sacramentou o destino de solista de grandes promessas no LP "Asfalto", do amigo João de Aquino; é de Guima a excelente faixa de abertura de "Hora do Rush", onde os metais que domina desenham a tensão desenfreada de um fim de dia de trabalho.

José Roberto Guimarães tinha vinte e um anos e era carioca da Ilha do Governador. Aos oito já dominava a gaita de boca, acompanhando os ensaios do obscuro conjunto de rock que o irmão liderava no bairro. Só largava a gaita para colar os olhos na tevê em dias das velhas chanchadas da Atlântida como os ídolos Oscarito e Grande Otelo. Um dia, viu um filme com Louis Armstrong. Cismou que haveria de tocar um sax igual ao deste monstro sagrado do jazz, mas acabou se ligando para sempre no clarinete: Guima tinha então 12 anos, e foi apresentado ao instrumento que nunca mais deixaria pelo professor de música da escola. Com ele começou a ganhar a vida como músico, na velha Gafieira Minerva da Ilha do Governador. Foi lá que Paulo Moura o descobriu. "Agora vamos transar teu futuro", disse o mestre. E assim tudo começou.

Paulo Moura foi professor intensivo de Guima durante três anos e uma espécie de sombra protetora que o acompanhou até o fim da vida. Aluno aplicado, curioso, incansável, Guima não se limitou ao clarinete: estudou composição e regência, com Alceu Boquinho, música com José Carlos da Sinfônica e aperfeiçoou sua bela voz com Marcos Louzada. Supersticioso, amarrava sempre um lenço branco no pulso com displicência. Um toque. Em janeiro deste ano, fez delirar o público ao por de sol de um domingo no Parque da Catacumba onde, ao lado de grandes nomes da música instrumental, participou do espetáculo "Bom de Tocar". Guima costumava dizer que seu objetivo era a verdade na música. Tocava o que sentia. E continuava abrindo caminho.

Roberto Guima não sabia nadar, e morreu afogado naquela manhã do dia sete, com tudo ainda por realizar. Não subirá mais no palco para roubar as atenções; não passará mais dias seguidos inspirando-se em revistas em quadrinhos para exercitar seu clarinete; não deixará todos estonteados com sua formidável vontade de vencer. Por esses, e por muitos outros motivos, a WEA terminou por José Roberto Guimarães o registro de uma música que não tem seguidores. Nesse trabalho nada foi tão fundamental quanto a fé e persistência de Chico Neves, que assina com Laminha a produção deste disco. Foi Chico Neves quem gravou a primeira fita de Guima nos estúdios da Odeon e que afinal acabaria sendo utilizada para o término do LP. Foi Chico Neves quem apresentou Roberto Guima à WEA e esteve com ele em todos os momentos importantes dessa carreira subitamente interrompida. Foi Chico Neves, um grande amigo, quem trabalhou sem desânimos para que o disco mostrasse hoje o artista de futuro que estava dentro de Roberto Guima.

O LP ROBERTO GUIMA reúne, em seu lado A, uma semana de trabalho em estúdio ao lado do mestre Paulo Moura e dos músicos que o acompanharam nos últimos tempos: Marco Veríssimo na bateria, Ricardo Feijão no baixo, Celso Fonseca na guitarra, Zezinho Moura no piano, Armando Marçal e Paulão, na percussão. Reúne composições recentes de um músico que orgulhosamente reconhecia o direito de "jazzear cantando", de quem ousou colorir o samba e suas raízes culturais com harmonias de vanguarda. "Eu acho que aqui dentro tem um canto livre, de uma pessoa que se julga e quer sempre ser sincera", dizia Guima. "A casa é minha, e quero ter o direito de trocar os móveis de lugar". O lado B do disco foi gravado nos estúdios da Odeon em março de 80, onde ele pela primeira vez mostrou seu trabalho a uma gravadora. Revela, em algumas faixas, um Guima mais romântico, de voz irresistivelmente bonita, "o cara lupisciniano" que ele sempre reconheceu guardar no fundo do peito. É, em suma, um disco de grande importância para a história da música popular brasileira. A síntese do excelente músico, cantor e compositor que se afogou na arrancada de uma formidável carreira, mas que deixa uma presença viva e intensa nos que ficaram do lado de cá da praia.

Suzana Goretti D'almeida

A UNIÃO

HÁ 50 ANOS

Ivan Lucena

Café que seria queimado será distribuído

No dia 30 de agosto de 1931 A União publicou

Rio, 28 - Attendendo aos appelos que lhe fôram feitos, o Conselho Nacional do Café, resolveu distribuir com as populações pobres do pais 50 mil saccos de café, que se destinavam a ser destruídos.

Serão destinados 20 mil saccos para os flagellados do Nordeste e 20 mil para as diversas casas de caridade existentes em todo o pais.

A quota reservada para amparar os flagellados será entregue ao ministro José Américo, que providenciará a fim de ser distribuida pelos Estados da zona nordestina, sendo transportada gratuitamente pelo Lloyd Brasileiro.

Quanto á quota de consummo, na impossibilidade de fazer elle próprio a distribuição, o sr. José Américo escreveu ao sr. chefe do Governo Provisorio, pedindo licença para convidar a senhora Getulio Vargas para presidir uma commissão de senhoras para aquelle fim.

Suppõe-se que a commissão ficará encarregada de receber dos Estados os pedidos das associações beneficentes e das casas de caridade que se julguem com o direito de receber o café gratuitamente.

Depois de examinar taes pedidos, a commissão os encaminhará ao Conselho Nacional, que se limitará a cumprir as determinações que receber.

Será esse, ou processo idêntico, o que vae ser usado no caso.

*****

ASSISTENCIA AOS NECESSITADOS

O sr. Interventor Anthenor Navarro, no intuito de amparar os necessitados, e ao mesmo tempo combater a falsa mendicancia, entrou em entendimento com a directoria do Asylo de Mendicidade, ficando resolvido o internamento naquelle estabelecimento pio, dos indigentes reconhecidamente incapazes para o trabalho.

Ficou decidido também que o Estado dotaria o Asylo com uma verba especial para aquelle fim.

O sr. Interventor, constatando a existencia de um saldo de verba aberta para socorros publicos, delliberou empregal-o em beneficio dos pobres em geral, mandando fornecer diariamente uma refeição aos mesmos.

Essa refeição será distribuida em hora previamente fixada, no proprio Asylo.

Para evitar possiveis explorações, a policia fornecerá aos indigentes, um cartão, sem o qual não poderão os mesmos receber a boia.

Os cartões só serão entegues após rigorosa syndicancia sobre as condições de vida daquelles que vão ser benficiados.

É provavel que na proxima semana seja posta em pratica essa humanitaria providencia, a partir da qual será prohibida a mendicancia publica.

*****

DO GRANDE PRESIDENTE

Brochura de alto valor, contendo todos os actos, discursos e telegramas do Grande Presidente João Pessoa, desde os primordios de sua candidatura até dias antes de sua morte.

À venda na Secretaria do Lyceu Parahybano, na Assistência Municipal a cargo de dr. Lauro Wanderley, na Rainha da Moda, a cargo do sr. Avelino Cunha, na residencia do dr. Jayme Lima, a cargo do mesmo e no Opphanato D. Ulrico.

Preço por exemplar 5$000 (cinco mil réis)

Na televisão, show com o cantor que atrai platéias de todas as idades

Ney Matogrosso sem Censura

"Ney Matogrosso para milhões" - em 1981, este bem poderia ser o slogan do cantor, senão o melhor - opinião compartilhada por um grande número de pessoas -, seguramente um dos mais controversos da Música Popular Brasileira. Após o grande estouro do *Secos e Molhados*, em 1973, quando apareceu com a sua voz aguda e instigante, foram oito anos em busca de um trabalho de sucesso, mas com características absolutamente pessoais, sem concessões. E isso está acontecendo agora, quando Ney Matogrosso ganha o primeiro disco de ouro, e com seu mais novo show, vem conquistando milhares de pessoas diariamente, tanto no Rio de Janeiro, onde se apresentou na Cervejaria Canecão, como em São Paulo, onde lota o Anhembi, há várias semanas. E mais, nesta sexta-feira, dia 4 de setembro, ele estará em *Grandes Nomes - Ney Souza Pereira* - a partir das 9 da noite, mostrando um apanhado deste trabalho, e que é, de certa forma, a consagração de uma trajetória tão bem conduzida.

- Tudo o que está acontecendo acho uma consequência natural do meu trabalho nesses últimos anos. Comecei no Teatro Ipanema, para 200 pessoas e, pouco a pouco, isso foi se ampliando. Os meus espetáculos, em geral, são bastante representativos de como me sinto naquele determinado momento. Durante dois anos fiz *Bandido*, uma coisa vigorosa; depois, *Feitiço*, um show de bolso, pequenininho, miudinho, onde coloquei tudo que aprendi; *Seu Tipo*, da minha época introspectiva. Nessas fases todas, eu percebia uma grande tendência de aumentar o público, ampliar a faixa etária. Este novo espetáculo fiz especialmente para grandes locais. Daí ter colocado mais gente na banda e três bailarinos, para ter um visual bonito e grandioso, e poder ser visto à distância. Estou conseguindo o meu objetivo, o que me deixa bastante satisfeito.

Este show - *Ney Matogrosso* - de certa forma é a base de *Ney Souza Pereira*, o espetáculo televisivo. Apesar de não ser igual, "o que não faria o menor sentido, pois depois das apresentações no Rio e em São Paulo, vou partir para um circuito pelo Brasil inteiro", ele serviu de ponto de partida para o trabalho desenvolvido em conjunto pelo artista e pelo diretor José Carlos Pieri. A abertura continuou a mesma, com *Mulher Barriguda e Três Caravelas*. Daí em diante, a sequência foi toda desordenada, usando idéias isoladas do show, mas em momentos absolutamente diferentes, e mantendo, evidentemente, outro tipo de sequência. A participação dos bailarinos se reduziu. E, entre os números inéditos, tem-se Ney cantando de forma bastante intimista *Carinhoso*, de Pixinguinha, e em alegre dueto com Marília Pera, sua convidada especial. Sobre o *Ney Souza Pereira* ele fala.

- Logo que comecei a carreira, quando ia a um programa de TV, me diziam para não olhar para as câmeras. Como não? - eu pensava. Se eu queria olhar para as pessoas que estavam em casa, isso só seria possível através das câmeras. E foi desobedecendo essa ordem absurda que consegui uma relação boa com a TV. Eu não faço um espetáculo para as máquinas, mas para além delas, dirigindo o meu olhar e a minha tensão para quem está em casa. Mesmo assim, nunca me senti satisfeito com o que já apresentei em televisão, porque sempre me pareceu que ela me restringia muito, não deixava mostrar o que faço na verdade. Nesse programa - *Ney Souza Pereira* - foi diferente. Passou toda a emoção de um show ao vivo, com o público muito participante de tudo. A sensação que me deu foi de uma coisa brilhante, fulgurante. Enquanto durou, foi tudo - eu, os músicos, público - muito bonito e vibrante.

- Por que Marília Pêra como convidada? Foi o Pieri que sugeriu e achei ótimo, porque, até então, eu só pensava em em cantores. Caetano, por exemplo, mas que não poderia fazer, porque já havia participado de outros. Quando pintou o nome da Marília, me pareceu fantástico, porque ela é de teatro - e o meu trabalho tem uma transação teatral muito forte - e canta. De repente, ficou bonito. A gente criou um quadro de teatro de revista, que está bem ligado ao meu estilo e que Marília faz divinamente.

Com Marília, cantando *Taí e Eu Dei*, Ney Matogrosso encerra o espetáculo, que tem ainda *Bandido Carazón, Bandoleiro, Folia no Matagal, Amor Objeto, Deixe a Menina, Ribeirão, Carinhoso, Viajante, Planeta Sonho, Morena de Angola, Homem com H e Tic Tac do Meu Coração*, divididos entre os cinco blocos. Sem dúvida, um espetáculo vibrante, extrovertido, uma retomada do trabalho inicial de Ney, onde predominam cores, roupas ousadas e muita sensualidade.

- Fiz um espetáculo sem censura, como se estivesse no teatro. Aliás, acho que não cabe a mim esse tipo de preocupação. Não vejo nada demais em mostrar o meu corpo. Quem acha, precisa voltar à realidade. Que reprima a própria sexualidade, tudo bem, só não tem o direito de tentar reprimir a dos outros.

Existem diferenças fundamentais entre Ney Souza Pereira - que dá nome ao programa - e Ney Matogrosso. Na entrevista, por exemplo, quem aparece é o Souza Pereira, calmo, sem maquiagem, roupa discreta, voz pausada, pensamentos curtos e claros, Quem estará no vídeo no dia 4 de setembro é o outro: livre, solto, com requebros marcando as frases, esbanjando sensualidade.

- Realmente, o meu nome não tem nada a ver com o programa. Mas é uma regra. Então, vá lá. Tudo o que será visto não é próprio do Souza Pereira, mas do Matogrosso, que, na verdade, é uma manifestação de um outro lado da minha personalidade. Eu procuro, na minha vida, me comportar livremente, mas o Matogrosso leva isso às últimas consequências em seu comportamento cênico. Não digo que ele seja um personagem, já que faz parte de mim. Talvez a melhor definição é que ele é o Souza Pereira acintosamente solto, liberto.

Apesar desta vitalidade ser a tônica do seu show e do espetáculo da televisão, nas duas situações os números mais aplaudidos são, respectivamente, *Viajante e Carinhoso*, cantados introspectivamente, somente com um violão como acompanhamento.

- Eu acho ótimo que isso aconteça. As pessoas estão começando a perceber que, independente de me sacudir, me rebolar, eu canto. Esses são números que só dependem da minha voz. Sei que, pra muita gente, eu não canto, faço papagaiada. Poucos prestam atenção que, por trás de tudo - ou melhor, antes de tudo -, o que me mobiliza é o ato de cantar, que adoro. Minha voz tem que estar sempre em primeiro plano, embora muitos achem que eu sou simplesmente uma alegoria.

Muita gente ainda se mostra absolutamente surpreendida com o timbre, o registro vocal de Ney, que, apesar de alguns acharem que canta em falsete, na verdade é um contratenor legítimo. Ou seja, é dono de um tipo de voz rara e valorizada no mundo, o que garantiria uma carreira no exterior, sem dúvida, para Ney Matogrosso. E isso ele tem naturalmente, sem impostação.

- Eu trabalho a minha voz cantando. Cheguei a fazer algumas aulas com D. Fernanda Gianetti, para conseguir render nos graves e médios, porque estava muito acostumado a cantar no agudo, e assim chegar a uma voz completa. Não sou uma avis rara, sou um cantor, embora somente há um ano, após sete de carreira, tenha ganho um prêmio. Imaginem que, na Renascença, castravam as crianças para elas não perderem o tipo de voz que tenho. Deus me livre.

Ney Matogrosso: especial na Globo sexta-feira às nove da noite

Ney Matogrosso começou a sua carreira aos 32 anos, estourando com o *Secos e Molhados*. "Ainda bem que tinha essa idade, já com uma cabeça assentada, que não permitia deslumbres". Hoje, aos 40 ele encara com mais tranquilidade o sucesso.

- Eu não me aflijo, porque foi algo que veio paulatinamente. Realmente, com o *Secos e Molhados*, de repente, sai da margem, onde vivia por opção, por não concordar com a sociedade estabelecida, e fui jogado no centro de milhares de acontecimentos. Se fosse adolescente, teria pirado. O *Secos e Molhados* foi um grande acontecimento na minha vida, mas não tenho saudades. Hoje, de certa forma, acho que o sucesso é quase o mesmo, mas como veio com calma, me deu tempo para digerir. Além do mais, a minha idade me permite encarar com mais tranquilidade ainda tudo isso. Sou grato por ter 40 anos. As pessoas, quando falam em idade, ficam muito preocupadas com o que o tempo tira delas, sem parar para pensar que ele enriquece também. Sou daqueles que acreditam que o tempo traz sabedoria e conhecimentos da vida. E isso estou sempre procurando.

Talvez essa capacidade de entender o que está acontecendo ao seu redor com muita clareza seja a responsável por duas decisões de Ney Matogrosso. Uma, a curto prazo: "este ano, não faço mais televisão".

- A minha relação com a TV é de eterno namoro, jamais casamento. Não quero ter uma relação mais aprofundada com ela. Nós somos úteis um ano outro. Este ano, por exemplo, eu acho que não devo mais fazer TV. De certa forma, *Ney Souza Pereira* é o ponto que marca uma parada por alguns meses.

A outra decisão é mais drástica, envolvendo propostas radicais. Ney não se imagina cantando daqui a 10 anos.

- Antes disso, tiro o meu time. Pode ser que continue ligado à arte, mas não fazendo esse tipo de coisa. Não quero ficar velhinho cantando. A voz, com o tempo, perde o vigor, e, quando pressentir que isso está acontecendo, eu saio. Não quero que as pessoas percebam isso, quero que todos se lembrem de mim em plenovigor, com toda a força. Quero deixar na memória das pessoas uma imagem bonita e alegre.

Quem é Dirceu Borboleta?

As respostas de Emiliano de Queirós

É com um tom de orgulho que Emiliano Queirós fala de seu personagem, Dirceu Borboleta, na série. O Bem Amado, *de Dias Gomes, um trabalho que, há anos, tem continuidade, com sucesso de público e crítica, unanimemente concordando com a originalidade e importância do seriado. Essa intimidade do ator com o personagem vem de longa data, do elenco original da novela, que, por sua vez, teve ainda um antecedente de grande valia: a montagem da peça do mesmo Dias,* Odorico, o Bem Amado. *Por isso, Emiliano disseca Dirceu de trás para frente, e também toda a evolução do projeto, até a forma atual de seriado.*

Emiliano Queirós, o Dirceu Borboleta da série O Bem Amado

Quando nos reunimos, no princípio da novela - conta Emiliano -, que foi a primeira a cores, já tínhamos a estrutura dos personagens, por causa da peça. Acho que, inconscientemente, buscávamos uma nova linguagem para a televisão. Aparecíamos no vídeo em gestos considerados loucos, comportamentos exagerados, o que, na época, provocou uma certa intolerância por parte dos jornalistas especializados. Achavam tudo muito exacerbado, pois estavam acostumados com os closes. Era a época da nouvelle vague na TV. Dois anos depois, a novela reprisou e a receptividade foi tão grande que o projeto de exibí-la sob forma de compacto acabou se modificando e *O Bem Amado* passou na íntegra. Aconteceu que aquele tipo de representação já tinha seguidores. A mesma linguagem havia evoluído para *Saramandaia*, também de Dias Gomes, por exemplo. Era o realismo fantástico chegando à TV, uma representação brasileira, com humor em cima do trágico. Desde então, os anos se passaram e aconteceu de tudo na minha vida. Fiz vários trabalhos em teatro, como *Ópera do Malandro, Equus*, continuei na TV, dei a volta ao mundo e a minha cabeça deu uma guinada. Quando me chamaram para participar do seriado, relutei muito, porque a realidade do Dirceu, daquela pessoa submissa, acabada, estava muito distante de mim e me era penoso entrar naquela pele. No primeiro instante, recusei, mas o Dias Gomes me propôs que participasse apenas de um episódio, *O Julgamento de Dirceu Borboleta*, para solucionar o personagem. Em seguida, o Dias me cercou, dizendo que já havia escrito outros episódios e senti que era importante estar no seriado, na medida em que não havia outra coisa tão estimulante sendo feita na televisão brasileira.

Sucupira, no seriado, crescera a olhos vistos, no sentido de ter ganho uma dimensão microcósmica. Um pequeno Brasil incrustrado naquele pedaço de interior baiano, onde todos os assuntos do noticiário nacional são discutidos, da censura à inflação, da tecnologia ao sexo. E, dentro desta nova perspectiva, o respaldo de um passado muito próximo permitiu a evolução de todo o elenco.

- Cada tipo de *O Bem Amado* é recheado de verdade - continua Emiliano e, quando isso acontece, ele pode dar cambalhotas, pular janelas, fazer o que quiser, que será convincente. Cada um de nós detém todas as emoções de seu personagem, sabe controlá-las. Por isso podemos dar vida, agora, aos nossos conflitos mais internos.

As bases, porém, continuam as mesmas e, em Dirceu Borboleta, suas estruturas não são das mais saudáveis. Quase vítima fatal de beriberi na infância, sua mãe, D. Florzinha (Suzy Arruda), faz a promessa de que, se o filho se restabelecesse, permaneceria casto. Dirceu casa-se com Dulcinéia (Dorinha Duval), irmã da Cajazeira, que trai o marido, tendo um filho do prefeito Odorico. Enciumado, Dirceu assassina a esposa. Este homem religioso, reprimido, carente, feitichista, machão, servil, inseguro, filho de uma mentalidade castradora e rígida, para espanto de todos é capaz de matar.

- Não poupei pinceladas fortes no Dirceu - afirma Emiliano. Aliás, encaro todos os meus personagens como se estivessem além de mim. Eu é que tenho que alcançá-los. E quando cheguei ao Dirceu percebi que as minhas próprias origens eram semelhantes. Nasci no Ceará, e com 17 anos fui para São Paulo, tentar uma vaga na escola de teatro. Não fazia idéia de como era a cidade, e precisei da maior coragem para enfrentar aquele mundo novo e estranho. Isso tudo fez com que eu escondesse meu medo. Mas, enfim, pela própria informação de valores nordestinos - e, no caso, não faz diferença se é Bahia ou Ceará - senti que poderia ter me transformado naquela minhoca, naquele Dirceu enrolado, sofrido, emocionalmente descontrolado, com uma carência afetiva incrível, com um medo enorme de tudo, porque sem válvulas de escape. Essa era uma faceta da minha personalidade que emprestei ao Dirceu, mas que ele manipula de forma diferente da minha. Porque ele é muito mais louco do que eu. Eu não me permiti a clausura, enquanto Dirceu vive fechado em torno de si mesmo, aprisionando borboletas por não poder possuir as pessoas.

A riqueza do personagem é enorme, pois é como se Dirceu se explicasse através de sua relação com os outros. Essa característica é tão importante na constituição do perfil do personagem que o próprio Emiliano, quando fala do Dirceu, distingue suas relações. Ele é *Seu Dirceu* para o prefeito Odorico; *Dirceuzinho*, para a mãe: e Dirceu Borboleta para o resto da população de Sucupira, que nada mais é do que uma figuração na vida dele.

- O Seu Dirceu se encanta com esse grande brilho que todos os ditadores possuem - explica Emiliano. Ele vive um relação mítica com o Odorico, que é tudo na vida dele, se submentendo às maiores humilhações quase que com prazer, pois o prefeito é o seu modelo único de pai, de poder e de homem, no sentido da própria virilidade. Sempre que o Odorico arruma uma namorada bonita, Dirceu sente ciúmes, porque ele não é um assexuado! Pelo contrário, tem uma potência sexual incrível, nas não consegue descarregar. Então, se fecha. Explorei, inclusive, a própria doença que ele teve, o beriberi, que dá uma fragilidade nos joelhos e usei esse dado para mostrar a sua repressão sexual. É muito comum isso, ele fecha as virilhas, como se quisesse anular o próprio sexo...

A repressão sexual do personagem é tão decisiva na personalidade de Dirceu Borboleta, que seu próprio hábito de aprisionar borboletas é visto como mais uma manifestação.

- O Dirceu estoca as borboletas porque, só assim ele sente que as está possuindo - continua Emiliano. É como uma pessoa que não tem amor numa relação sexual. Ela não guarda a atenção com que foi distinguida pelo parceiro e só retém a revolta pelo abandono, porque seu desejo era manter a posse sobre ela. Foi isso que motivou Dirceu a matar sua mulher. Ele é um grande machista, e todo machão é altamente reprimido. Então, faço das borboletas verdadeiras namoradas do Dirceu, uma relação inteiramente fetichista.

Há bem pouco tempo atrás, inclusive, com a exibição do episódio *O Capeta em Sucupira*, toda a violência sexual da personalidade do Dirceu aflorou. O diabo tomou conta de seu corpo, transformando-o de servil em irreverente, de sério a debochado, e mesmo safado.

- Num determinado momento da série, acho que o próprio Dias percebeu que eu não era mais o Emiliano da época da novela e me permitiu extrapolar a imagem inicial, escrevendo o episódio do *Capeta...*, onde um outro lado transparece, como na história do médico e do monstro. Foi incrível, porque ele localizou a transfiguração dentro de uma cultura muito nossa, que é o candomblé, a macumba, e só aquele episódio já foi suficiente para mudar a visão das pessoas sobre o Dirceu. Começou toda uma excitação no relacionamento do público comigo, inclusive me cobrando aquela nova postura. Achei excelente tudo isso. Como o Dirceu é muito católico, no *Capeta...* ele coloca deus e o diabo nas mesmas condições. E a religião foi um dos agentes mais nocivos na estruturação de sua personalidade. Enquanto ele é o Dirceuzinho bonzinho e obediente, permanece aquele ser contido, que desconhece o prazer.

Desafogado o personagem, Dirceu inicia uma nova conquista na série. Não que o seu lado capeta vá se instalar com predominância, mas sua ousadia criou um espaço para o imprevisto e a contestação, cada vez mais presente, de forma sutil, em seu diálogo com o prefeito.

- O Dirceu, neste momento, é um personagem que me satisfaz inteiramente, no sentido de que ele já não me angustia tanto, porque houve uma liberação de suas contradições. Sua autoflagelação me fazia sofrer no início, tanto que eu trabalhei até com uma certa dificuldade no falar, no medo de me expressar. Mas eu não podia ficar sofrendo, nem era meu objetivo que as pessoas sentissem o Dirceu como um ser inteiramente fraco. Eu queria que tivessem um momento de semelhança com aquela parte oculta e frágil que todos temos. Acho que o personagem está aí, acima de tudo, é importante ter a compreensão de que o texto do Dias Gomes é a melhor coisa escrita, não tem aparecido nada comparável na dramaturgia de teatro, cinema e TV. Todos os dias acontecem coisas em Sucupira e pode-se ter certeza que, se explodir uma bomba atômica em Chinatown, explodirá outra em Sucupira.

Estórias que a história não conta

IRACEMA, A DOS LÁBIOS DE MEL, LEITÃO DE ABREU E O AGORA HOMEM GRÁVIDO

• Abmael MORAIS

A gente estava lá na API, em Assembléia Extraordinária no 1º andar - auditório e sede propriamente dita - e em Assembléia Permanente no andar térreo - o bar recôndito sagrado de nós todos. Papos os mais diversos abertura, meia abertura, não abertura, nova apertura. Coisa de descrentes e pessimistas, vocês entendem, né?

– Abmael, por favor, gostaria de levar um papo em particular com você.

Era Martinho Moreira Franco.

– Que é isso rapaz, você não é de conchavo! E qual é essa de papo particular?

Seria cobrança? Não, não era, graças a Deus. A minha balança comercial, em que pese os empréstimos no exterior - leia-se, meus irmãos e quejandos - já não tem mais a mínima estrutura no setor.

– Não, colega, por incrível que possa parecer, é sério mesmo.

Ai, minha gente, comecei a me preocupar: Martinho falando sério, justo comigo, é negócio prá Lei de Segurança Nacional.

– Então espera ai que eu vou tomar mais uma para equilibrar os nervos e me preparar para um hecatombe qualquer.

Já que gente não tem por aqui esse negócio de terremoto, tremor de terra, vulcão em extinção, querendo dar uma de volta oa passado, ou maremotos, qualquer coisa que viesse da parte de Martinho, até que tinha direito o trôco.

– vamos lá. Estou etílico-psicologicamente preparado para receber a notícia. Diz ai, qual é?

– Estou seriamente preocupado e precisando de sua ajuda a respeito de um assunto. Você está comigo ou abre?

Quem foi que inventou esse estória/história de abertura? Pô, depois disso, só fez complicar. E o verbo, então, está sendo conjugado em todos os tempos. Mas, vamos lá:

– Diga, meu irmão, em que lhe posso ser útil?

Fiz o máximo possível para viver aquele personagem de ante-sala que não tem o mínimo poder de influência e muito menos de decisão, mas dá de mais importantes do que o rei. Mas claro que Martinho não acreditou e foi fundo no assunto.

Aqui, pausa, para, depois dos nossos comerciais, dar seguimento,

O HOMEM GRÁVIDO

– Cara, que papo é esse de homem engravidar?

E o semblante não poderia ser mais compenetrado e sério, em se tratando, principalmente, de Martinho. Me preocupei, juro que tive uma recaida e me preocupei. Mas, logo, me posicionei e assumi aquele ar de psicólogo, aparentemente sem dar importância à importância do que eu havia ouvido:

– Escuta aqui, Martinho, você não está querendo me dizer que levou mais à frente aquele papo informale aprente profissional à orientação do jornal de Jô, não é?

É a tal história: amigos e amigos só vêm com problemas sérios quando se trata de uma proliferação não pretendida e somente acontecida por acidentes de trabalho, né? Dai a minha preocupação com o dele.

- Vai dar!

E saiu, estabanado, sem nem ouvir os meus apelos de "perai, perai". E como a coisa tinha acontecido tão extemporânea, somente depois de alguma meditação, é que fui - pelo menos prá mim - dar explicação:

– Mas precisava Martinho, somente por uma reles e popular operação de úlcera, ligar uma coisa com a outra. Afinal, entre úlcera e útero, apesar da proximidade geográfica, vai uma distância muito grande, em se tratando de quem sois.

Depois, consultando Wlater Galvão, é que vim a saber o porque da real preocupação de Martinho:

– Ele queria saber se poderia usar, na sua operação, a Rack, que é uma espécie de anestesia local em que você acompanha toda toda a operação.

E como essa é mais utilizada nos partos, estava desvendado o problema. Só que o grávido é outro. A dele, como a de Galvão, seria só prá úlcera.

– Garantia que, aqui prá nós, na elimina Jô do processo.

E por falar em processo, é aí que entra na questão o nosso novo Golbery: o ministro Leitão de Abreu. Mais um gaúcho no Poder, somando naquela pretensão sulista de que ou assumem ou a coisa muda:

– Se não aceitarem o Rio Grande do Sul como a locomotiva, em lugar de São Paulo, a gente se muda para o Uruguai.

A tese, no caso, foi levantada pelo, também candidato a estrangeiro, Pedro Moreira, que, com a licença da palavra, é cearense. E, por isso mesmo, o mais estrangeiro de todos os estrangeiros. Ou, em outras palavras: um cidadão do mundo. Fora do nosso, claro.

DOS LÁBIOS DE MEL

Já que ele entrou tão agressivo e partidário, fiz a pergunta que irrita todos os cearenses:

– Aqui prá nós: quem é que está morando no Ceará? Cearense é que não é, já que está todo mundo solto pelai à fora.

Naquele mecanismo de defesa, muito próprio, deles, fez que não ouvia. Mas, como eu estava a fim de bagunçar, depois de Hiroxima, joguei a bomba Yagazaki:

– Dizem que o maior homem de lá morreu de parto. E verdade?

A sorte é que Pedro, como todo cearense, domina o mundo e alhures, e por isso mesmo sua resposta foi ininteligível. A língua (como idioma) ou a sua próprio mesmo, fiz questão de não entender. Mesmo porque minha genitora não tinha nada a ver.

– Que é isso, cara? Estou falando de Iracena, a chamada virgem dos lábios de mel.

E, só prá nós, sem que ele saiba! a estória registra que nem no signo ela chegava lá - era Escorpião. Quanto ao lábios de mel, dizem também que ela era o chamado teste para diabete. Passou por ela e, nada, tudo bem.

– Tá certo - reagiu ele, mal humorado - em compensação, e vocês? Paraíba, mulher macho, sim senhor?

Ai, antes que Wellington Aguiar, Higino Brito e similares entrassem no chamado busilis da questão, resolvi dar um tiro na história. E ficou tudo por isso mesmo. Ou seja: nada no ar, além dos aviões de carreira.

TERMINAL DE CONTAINER

• LUIZ B. GUIMARÃES

O Presidente João Batista de Figueiredo põe oficialmente em operação, hoje, o primeiro terminal de container da América do Sul, localizado em Conceiçãozinha de Guarujá, próximo a Santos.

Seu projeto data de 1971. As obras só tiveram início em 76, na época, considerada a maior dotação para obras portuárias no Brasil. Segundo o engenheiro Masao Nassuno, coordenador da construção: "o Terminal, hoje, a preços reajustáveis, teria um custo de aproximadamente 6,5 bilhões de cruzeiros".

O Terminal ocupa uma área de 320 mil metros quadrados e podem operar simultaneamente dois navios com calados de treze metros, em seu cais de 510 metros de comprimento. Um terminal de container, com este, exige, além de pessoal altamente qualificado, uma moderníssima infra-estrutura de apoio, compreendendo acessos rodoviários e ferroviário (com duas bitolas), empilhadeiras especiais, com capacidade para quarenta toneladas, "portainers" (guindaste apropriado para operação de containers, carretas, semi-reboques, armazéns para serviços de inspeção, consolidação e desconsolidação de cargas, prédios para serviço administrativos, públicos e privados, bombeiros, oficinas de manutenção e um complexo sistema de comunicação. No caso específico de Santos deverá ser usado um "Ferry-Boat".

Tendo em vista o vultoso investimento, só há viabilidade econômica, que justifique sua implantação, quando existir no mínimo uma movimentação de 50/mil/unidades/ano. Em 1980, a movimentação de containers em Santos foi de 102.754 unidades, ou seja, quarenta e oito por cento superior ao do ano anterior, que alcançou a cifra de 69.103 containers. A movimentação de container nos portos do país, em 1980, foi de 188 mil unidades, cabendo a Santos 58,9% deste total.

Por necessidade econômica, foram realizados vários estudos objetivando diminuir os custos operacionais no transporte marítimo, tendo assim surgidas diversas alternativas, entre elas o sistema intermodal e a unitização de cargas através de pallets, prelingados e containers, com a finalidade de simplificar as operações portuárias estadias nos portos, ocupação racional dos porões dos navios e menor prêmio de seguro. Note-se que a Superintendência de Seguros Privados estabeleceu um desconto de vinte por cento na apólice de seguro para as cargas containizadas, em vista de menor índice de roubos e avarias.

MOVIMENTO DE CONTAINERS NO PORTO DE SANTOS

ANO	NÚMERO DE CONTAINERS	CARGA MOVIMENTADA EM TONELADAS	TAXA DE CRESCIMENTO DO Nº DE CONTAINERS (%)
1965	128	717	—
1966	314	1.758	145
1967	2.758	15.445	779
1968	2.582	14.459	– 6
1969	2.606	14.588	1
1970	3.809	21.330	46
1971	5.210	29.204	37
1972	11.309	63.113	117
1973	19.522	148.516	73
1974	26.348	209.698	35
1975	29.451	243.086	12
1976	37.412	378 660	27
1977	39.657	395.165	6
1978	51.338	522.909	30
1979	69.103	721.332	35
1980	102.754	1.021.921	49

FONTE: COMPANHIA DOCAS DO ESTADO DE SÃO PAULO CODESP

MOVIMENTAÇÃO DE CONTENTORES PORTOS BRASILEIROS – ANO 1980 QUADRO 1

Porto	Embarque		Desembarque		Total	
	Unidades	Peso	Unidades	Peso	Unidades	Peso
Manaus	5 128	11 310	5 342	45 465	10 470	[illegible]
Belém*	857	2.370	705	1 940	1 562	4 310
Itaqui	–	–	17	40	17	40
Fortaleza	477	4 610	348	1 340	825	5 950
Natal*	12	170	–	–	12	170
Cabedelo*	63	380	72	195	135	575
Recife	717	5 300	686	7 250	1 403	12 550
Salvador	2 028	34 475	1 957	14 007	3 985	48 482
Ilheus	685	9 860	780	1 340	1 465	11 200
Vitoria	820	9.380	748	2 840	1 568	12.220
Niteroi	1 233	14 140	1 195	18 703	2.428	32.843
Rio de Janeiro	14 035	99 200	12 717	84 690	26 752	183.890
São Sebastião	865	15 900	11	113	876	16 013
Santos	53.312	552 270	57 511	458 592	110 823	1 010 862
Paranaguá	3 496	37 160	3 486	10 604	6 982	47 764
São Francisco do Sul	1 299	9 065	144	1 066	1 443	10 131
Itajai	1 250	11 230	1 316	3 871	2 566	15 101
Rio Grande	7 726	54 085	7 097	18 891	14 823	72 976

[illegible]

PORTOS BRASILEIROS POSIÇÃO NO ANO DE 1980 QUADRO 2

Porto	Unidades em TEU	%
1. Santos	110.823	58,9
2. Rio de Janeiro	26.752	14,2
3. Rio Grande	14.823	7,9
4. Manaus	10.470	5,6
5. Paranaguá	6.982	3,8
6. Salvador	3.985	2,2
7. Itajaí	2.566	1,4
8. Niterói	2.428	1,3
9. Vitória	1.568	0,8
10. Belém	1.562	0,8
11. Ilhéus	1.465	0,7
12. São Francisco do Sul	1.443	0,7
13. Recife	1.403	0,7
14. São Sebastião	876	0,5
15. Fortaleza	825	0,4
16. Cabedelo	135	0,1
17. Itaqui	17	–
18. Natal	12	–
Total	188.135	100,0

Já em 1911, segundo o professor Antônio Galvão Novaes, da USP, o National Geographia Magazine, apresentava a fotografia de um container sendo embarcado. Entretanto, só em 1956 é que foi criado o serviço de container em travessias transoceânicas, pela Mc. Lena Truncking Co., operando através de sua subsidiária Pan-Atlantic Steamships Co., hoje coconhecida pela Sea-Land. Desta data em diante, inúmeras empresas aderiram ao sistema de containerização. Em 1957, a Matson Co. associou-se a duas companhias japonesas para operarem na linha do Japão. Empresas americanas, inglesas, japonesas e de outros países de tradição marítima, como norueguesas e holandesas, estão se associando para formação de *Cartéis*, para exploração de serviços de containers, em vista do empreendimento exigir alta concentração de capitais para aquisição de navios porta-containers e do próprio container. Estima-se que o número de container em operação no tráfego marítimo internacional alcance a cifra de quatro milhões de unidades.

Quanto a sua produção no país, esperamos fabricar este ano 26 mil container TEU (Twenty-fot Equivalente - unidade de vinte pés ou equivalente), entretanto, a indústria nacional vem encontrando dificuldades, em vista do preço interno custar aproximadamente US$ 4.500 e no mercado internacional girar em torno de US$ 3.100 - sendo a cotação do container coreano aproximadamente de US$ 2.000.

Para diminuir a imobilização de capital, várias empresas de navegação têm recorrido ao sistema de *Leasing*. Entre nós, as mais conhecidas são: Containers Leassing do Brasil e a Sea Containers Inc.. O Presidente desta última, sr. James Shewood, em declaração ao Jornal do Brasil, de 30 de outubro último, afirmou: "que o Brasil pode reduzir em até 50% os seus custos de transportes, elevando a competividade no mercado internacional, se adotar o sistema de aluguel de containers oferecido por sua empresa", considerada a maior do mundo no ramo, com 190 mil cofres de carga e quarente navios porta-containers e faturamento de 163 milhões de dólares em 1979".

Raríssimos portos brasileiros, mesmo em futuro muito remoto, terão condições e necessidades de instalarem terminais de containers. Existe o sistema *"feed service"*, ou seja centralização de containers dos diversos portos menores e que são reconduzidos para o terminal. Os *"containers feeders"* são pequenos navios alimentadores dos navios porta-containers e de terminais de containers que fazem viagem entre os portos secundários e os portos principais. Cabedelo poderá se tornar o porto secundário do nordeste para alimentar o de Santos, concentrando os containers da região e aproveitando o retorno dos navios "roll-on-roll-off" para complementação da carga no sentido norte-sul.

Para finalizar o presente artigo, informamos que, de conformidade com a Norma TB75 da ABNT, o termo em inglês CONTAINER foi traduzido para o português como CONTENTOR, entretanto, as revistas técnicas especializadas e as empresas brasileiras de nevegação continuam registrando em seus artigos e nos manifestos e conhecimentos de carga o termo CONTAINER.

Coqueiros anões da Bica, arrasados

Delmiro Maia

Há cinquenta e seis anos, precisamente foram plantados ao lado do prédio da antiga Fazenda Simões Lopes, 2 mudas de coqueiro anões. Estas serviram de expansão de pioneirismo desse vegetal maravilhoso.

O ecologista Lauro Pires Xavier, fez interessante trabalho sobre a História do Coqueiro Anão na Paraíba. Em síntese esclarece, que a Paraíba, foi dos Estados mais em evidência beneficiado em 1926, com a introdução de suas mudas trazidas da Índia, por intermédio do Ministro da Agricultura Miguel Calmon, que a pedido do naturalista Artur Neiva, pronunciou uma conferência na Sociedade de Agricultura, demonstrando a importância dessa cultura. Neste sentido, o Ministro Calmon, providenciou a compra das mudas na Índia, e foram plantadas em Deodoro.

Dessas o naturalista Artur Neiva, presenteou ao estencionista Diogenes Caldas, 2 mudas, que foram plantadas ao lado da Fazenda Simões Lopes, na Bica.

Diogenes tinha o ideal e o espírito da expansão da cultura do Coqueiro Anão. E realizou a produção abundante das mudas referidas. Naquela época São Rafael, era uma Estação Experimental da Secretaria da Agricultura que prestou relevantes serviços aos agricultores, tendo como Diretor o Agrônomo notável João Henrique, de grande capacidade de trabalho.

Nesta Estação foi iniciado o plantio do Coqueiro originário do Simões Lopes fomentado por Diogenes.

A cultura do Coqueiro anão, cresceu, se expandiu atingindo uma produção, que chegou atingir 50 milhões, caindo em decadência nestes últimos anos.

O coqueiro é uma cultura privilegiada pela natureza.

Tudo dele se aproveita, a sua água calmante, oxidante, diurético a até depurativo do sangue. A polpa é rica em proteínas, sais minerais e vitaminas A, B, B2 e C. O valor do coco, destaca-se sobressaindo óleo empregado na industrialização, na fabricação de biscoito, de sabonete, produtos de tocador para maquilagem, sorvete e alimentação humana.

É inacreditável, que o Governador Tarcísio Burity que tem demonstrado tanto interesse pela expansão da Agricultura, não foi bem assessorado, pelo Secretário da Agricultura, entregando o prédio da serraria alí na Bica, constante de vários materiais, torno mecânico, serras, arados, a Prefeitura, que não tem condições econômicas de mantê-los.

Por outro lado, até o viveiro de plantas e mudas que há 30 anos vinha servindo aos agricultores, foi entregue, bem como o prédio que a Cidagro vendia produtos agrícolas!!

Assim, a Prefeitura para facilitar o transporte das máquinas, tratores, mandou cortar as duas mudas de coqueiros anões, plantados ao lado do prédio Simões Lopes há 56 anos...

Foi essa milagrosa palmeira plantada, que constitui um patrimônio histórico e econômico, sendo arrasada pelo machado infeliz da Prefeitura!

Aliás, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico, o seu Presidente Noronha, ficou indiferente, não tomou conhecimento da preservação da defesa desse patrimônio!!

O coqueiro sempre foi um companheiro inseparável do homem.

Aliás até o folclore o imortalizou, basta citar a casinha branca da serra, onde tinha um coqueiro de lado, que coitado de saudades morreu...

Promoção Desfocada

Mauro Nunes Pereira

Dos debates em torno da política de industrialização do Nordeste e de cada Estado da região, obra um aspecto que nem sempre é mbrado. Talvez porque os principais teressados não tenham a voz sufi-entemente alta para se fazerem ouir. Talvez a despreocupação, resida a insensibilidade da tecnocracia, que nto se orgulha dos seus brilhantes e ficazes" instrumentos. É mais provável, porém, que o desprezo seja uma sultante da baixa ou nenhuma voz interessados aliada a pouca ou nema sensibilidade do tecnocrata.

A verdade é que os mecanismos, estímulo e de promoção ao processo industrialização, foram concebidos funcionam de forma a contemplar n prioridade os grandes empreendintos e a privilegiar predominantente grupos econômicos de fora da ião.

Talvez, poucas pessoas saibam, exemplo que a legislação da SUDE-E que trata dos recursos FINOR, ntém um dispositivo que fecha as rtas da Instituição para empreendintos cujo investimento total seja erior a setenta e três milhões de cruros, ou o equivalente a 70.000 Cs. Significa que projetos com instimento inferior a essa montante, em siquer chegam a ser apreciados la equipe técnica da SUDENE. Não porta a sua relevância social ou a a capacidade de gerar emprego ou stribuir renda. Ou seja, desestimula empresas de menor porte, geralente concebidas a partir da iniciati de empresários nativos da região, medida em que para esses fixa um so. Por outro lado, incentiva e estila acentuadamete os empreendintos de maior porte, geralmente ministrados por grandes grupos econicos de fora da região, na medida que para esses não estabelece nem limite de investimento. É bom brar, que este imperdoável procento, fruto do irrealismo da tecnocia, fere frontalmente, um das recondações básicas do GTDN, qual sea de incentivar a criação de um emsariado genuinamente regional.

Além da inflexibilidade de certos positivos como esse, que se contram aos verdadeiros interesses do presariado regional, a tecnoburocia tem se voltado para um autênticulto ao gigantismo. Observa-se nas es e nos discursos produstrialização, um claro desprezo a estrutura produtiva da região e na nítida desatenção às iniciativas empresariado de pequeno e médio rte. E por incrivel que possa parea esta comunidade constituida por presas genuinamente nordestina, resenta, em número de estabelecimento, cerca de noventa e oito por cento (98%) do setor industrial da região. A apologia aos grupos econômicos fortes oriundos dos centros mais desenvolvidos, tem determinado basicamente toda a atividade de promoção de investimentos, que cada um dos estados do Nordeste vem desenvolvendo. E a Paraíba não é exceção.

Existe uma verdadeira emulação entre os Estados, no sentido de apresentarem os mecanismos mais atrativos que possam fisgar qualquer grupo econômico do Sul-Sudeste. E todos entram no leilão de ofertas: terreno e custo reduzido, quando não doado; participação acionária (com recursos oriundos da contribuição também do empresariado regional); redução parcial ou isenção total de impostos, por vários anos; preparação do terreno e execução de obras de acesso, sem ônus nenhum para a empresa, além de algumas mordomias ofertadas ao grupo empreendedor, e que já fazem parte da rotina dos órgãos de promoção. Tudo isso em nome de investimentos, muitas vezes incompatíveis com a cultura do setor produtivo regional.

A gravidade maior está no fato de o processo emulativo ter gerado uma triste "visão de túnel". O objetivo único passou a ser o de atrair o investimento. Não importa o setor nem o grupo, desde que se disponham a vir para o Estado. Pouco importa também se é de capital intensivo e que gere pouco emprego. As considerações sobre o aproveitamento de recursos naturais locais passam a ser irrelevantes. Se vem competir no mesmo mercado de pequenas empresas em organização, estas últimas que se cuidem, pois o interesse é pelo investimento maior e protegido pelo Estado. Também não é levado em conta se os produtos a serem fabricados atenderão a necessidade do mercado local ou substituirão importações de outras áreas.

Enfim, com todos esses privilégios e a excessiva omissão de critérios sócio-econômicos, os estados correm o risco de, além de estarem subsidiado algumas incompetências gerenciais, estarem também contribuindo para uma deformação cultural da estrutura produtiva de região.

É chegada a hora dos Estado do Nordeste, e a Paraíba em particular, se voltarem para o seu genuino empresário. Deve-se incentivar, não só os pequenos empreendimentos existentes, dando-lhes condições para que cresçam até atingir a faixa de médios e grandes, como também apoiar mais efetivamente as atividades que promovam a geração de novos. Aí está um caminho que conduz a um processo de desenvolvimento compatível com a cultura regional.

INSTITUTO DA INELEGIBILIDADE EMENDA CONSTITUCIONAL Nº 19/81

André Lombardi

tendendo alterar os prazos, evistos na Constituição Fede-, em seu art. 151, parágrafo dlineas, sobre inelegibilidades idatos a cargos eletivos, os des federais Albérico Cordeiro, do Alagoas e Peixoto Filho do PP ado do Rio de Janeiro, como pri-s signatários, apresentaram as postas de Emendas à Constituição eral de números 11 e 13, de 1981, ndo em 12 meses, no mínimo, os zos para cessação dos casos de inepilidades e idêntico prazo para deompatibilização, quando candidatà eleições.

Submetidas à apreciação e exame Comissão Mista do Congresso Nal, designada para esse fim, foram ropostas de Emendas 11 e 13 rejeias pela Comissão, quando aprovou cer contrário do relator o senador rbal Jurema do PDS de Pernam-, com a apresentação de Emenda stitutiva, que aprovada em dois os regimentais no plenário do gresso Nacional, transformou-se Emenda Constitucional nº 19, de , promulgada em sessão solene e unta pelas Mesas da Câmara dos utados e do Senado Federal, em 12 gosto em curso.

Em seguida à promulgação foi a nda publicada na primeira pági-o "Diário Oficial da União", edição 4 de agosto corrente, de onde a adamos, na integra, a seguir, ta a ser utilizada nas eleições do de 1982. "Emenda Constitucional - Altera o art. 151 da Constitui-Federal. As Mesas da Câmara dos utados e do Senado Federal, nos s do art. 49 da Constituição Fe-, promulgam a seguinte Emenda, to constitucional: Art 1º, O parágúnico do art. 151 da Constitui-Federal passa a vigorar como § 1º, o-se às suas alíneas "c" e "d" a nte redação" c) a inelegibilidade tular efetivo ou interino de cargo nção cujo exercício possa influir perturbar a normalidade ou tornar duvidosa a legitimidade das eleições, salvo se afastar definitivamente de um ou de outra no prazo estabelecido pela lei, o qual não será maior de nove meses nem menor de dois meses anteriores ao pleito, exceto os seguintes para os quais fica assim estipulado: 1) Ministro de Estado, Governador e Prefeito - seis meses;

2) Secretário de Estado quando titular de mandato parlamentar e candidato à reeleição - seis meses;

3) Secretário de Estado, Presidente, Diretor, Superintendente de órgãos da Administração Pública Direta ou Indireta, inclusive de fundação e sociedade de economia mista - nove meses;

d) a inelegibilidade, no território de jurisdição do titular, do cônjuge e dos parentes consanguineos ou afins, até o terceiro grau ou por adoção, do Presidente da República, do Governador do Estado ou de Território, de Prefeito ou de quem os haja substituido dentro dos seis meses anteriores ao pleito, salvo se já titular de mandato eletivo e candidato à reeleição; e".

Art. 2º - É acrescentado ao art. 151 da Constituição Federal o seguinte parágrafo:

"§ 2º - É vedada a recondução, no mesmo período administrativo, dos que se desincompatibilizaram nos termos dos nºs. 2 e 3 da alínea "c" do parágrafo anterior". Brasília, em 12 de agosto de 1981.

A Mesa da Câmara dos Deputados e a Mesa do Senado Federal:

Nelson Marchezan, presidente; Haroldo Sanford, 1º Vice-presidente; Freitas Nobre, 2º Vice-presidente; Furtado Leite, 1º Secretário; Carlos Wilson, 2º secretário; José Camargo, 3º secretário e Paes de Andrade, 4º secretário.

Jarbas Passarinho, presidente do Senado; Passos Pôrto, 1º vice-presidente; Gilvan Rocha, 2º vice-presidente; Cunha Lima, 1º secretário; Jorge Kalume, 2º secretário; Itamar Franco, 3º secretário e Jutahy Magalhães, 4º secretário".

Devido a suas atuações em Gaijin, Caminhos da Liberdade, *de Tizuka Yamasaki, e* O Homem que Virou Suco, *de João Batista de Andrade, o ator paraibano José Dumont passou a ser um dos mais focalizados (na área do cinema) pela imprensa do Sul do país. Na semana que passou, Dumont voltou a ser entrevistado, agora por Isa Cambará, da* Folha de São Paulo, *tendo como pretexto a Medalha de Ouro que* O Homem que Virou Suco *ganhou no Festival de Moscou, em matéria que o "Jornal de Domingo" transcreve a seguir. Enquanto isto, José Dumont prepara-se para atuar como um dos atores principais de* Parahyba Mulher Macho, *que Tizuka Yamasaki rodará aqui e em Recife; ele fará, possivelmente, o papel de João Dantas.*

JOSÉ DUMONT, UM ATOR COM A CARA DO POVO

Se não é um recorde, trata-se, pelo menos, de um caso raro: cinco anos de carreira, cinco prêmios de interpretação, o que dá uma média de um prêmio por ano. Isso, porém, não é suficiente para garantir a José Dumont - principal intérprete de *O Homem que Virou Suco*, de João Batista de Andrade, Medalha de Ouro no Festival de Moscou - a certeza de ser um bom ator.

"Às vezes duvido até se sou, realmente, um ator. Na verdade, como profissional, sou inseguro. Quando João Batista de Andrade me ofereceu o principal papel de seu filme, hesitei. Já acho complicado viver um personagem; imaginei logo o sofrimento que seria viver dois. Felizmente, deu tudo certo e o filme acabou me dando três prêmios: Melhor Ator no Festival de Brasília, no Gramado, e o Molière de Cinema. Isso, no entanto, não me garante nada. Ser premiado não significa dominar a arte de representar. Na vida, infelizmente, não vence só quem tem talento".

• • •

A insegurança de José Dumont tem origem na infância difícil na Paraíba, na vida "que sempre me foi pesada, violenta". Praticamente sem instrução, ele veio para São Paulo, em 1973, para trabalhar numa agência de Correios. Dois anos depois, entrou num grupo amador de teatro. Em 1976, começava sua carreira profissional, fazendo pequenos papéis no teatro. No mesmo ano, surgiria a oportunidade de ser lançado nacionalmente, através de um *Caso Especial* da TV-Globo, dirigido por Gianfrancesco Guarnieri, que abordava os problemas do migrante nordestino, em São Paulo. Sua atuação no programa lhe valeu críticas elogiosas e os primeiros convites para o cinema, área onde mais atua.

"Minha carreira foi rápida. Não me deu tempo de aprender nada. Sou ignorante, como o povo brasileiro. A cultura, naturalmente, me faz falta. Às vezes, me sinto um idiota. Toda vez que atuo, sinto que estou saltando no escuro. Daí, minha insegurança. Mas, também, não tenho outra opção; minha única profissão é a de ator. Por isso, tento vencer minhas limitações, quero aprender novas técnicas para ver se consigo superar o fato de não conviver harmoniosamente com a câmara e com o palco. Atuar, para mim, é sempre um trabalho árduo. Eu sempre me envolvo demais com os personagens, visto a camisa deles. Não consigo elaborar o personagem, manter um certo distanciamento, como os outros. Por isso, às vezes penso que não sou, realmente, um ator".

Até hoje, Dumont tem interpretado personagens bem populares e ele sabe que isso se deve ao seu tipo físico, o nordestino típico. E reconhece que ter um tipo popular pode ser, também, uma desvantagem, já que o preconceito contra a estética do homem do povo ainda é muito grande.

"O próprio povo não gosta de sua cara porque ainda não se acostumou a vê-la. Ele gosta dos mitos da televisão. Meu trabalho é aceito por uma classe intelectualizada, gente que, no Rio, mora na Zona Sul. A própria crítica facilitou minha carreira, já que com seus elogios mostrou sua aceitação na estética do homem brasileiro comum. Mas, apesar do meu tipo físico, não acho que represento somente o povo brasileiro. O *Paraíba*, que vivi em *Gaijin*, por exemplo, foi aplaudido pelo público em Nova Iorque. *O Homem que Virou Suco* foi aplaudido em Moscou. Quer dizer, no fundo, o homem do povo é universal".

Paraíba, foi, na opinião de Dumont, o seu personagem mais poético, o que mais o comoveu. Agora, ele se prepara para tomar parte no próximo filme de Tizuka Yamasaki, *Parahyba Mulher Macho*. Um nordestino, novamente, vivido sem qualquer problema.

"Adoro meu tipo físico, gosto de ser nordestino. Não gosto de ser visto como folclore. Se quisesse mudar, poderia aprender códigos consagrados, como empostação de voz, por exemplo. Mas, isso significaria, para mim, uma troca de valores. Para começar, teria que abandonar o sotaque, algo com que sempre convivi. Isso criaria um distanciamento muito grande com a minha cara, com a cultura nordestina, que consumiu minha vida toda. A solução, a meu ver, só virá quando os intelectuais aprenderem a trabalhar, a conviver artisticamente com a cultura popular brasileira. Muita gente não entende que tipo é uma coisa, personagem outra. O tipo sozinho não significa nada. Senão, qualquer operário poderia ser um excelente ator".

O rosto de Dumont não combina com seu sobrenome, que muita gente pensa ser artístico. O nome, real, porém, é José Dumont, mesmo, e a explicação é simples.

"Meu pai é Severino e nasceu num pé-de-serra. Para diferenciar dos outros Severinos, ele era chamado *Severino do monte*. Quando foi para o quartel, teve que ser registrado; e ao lhe perguntarem o nome ele disse o apelido. O oficial, que devia ser alguém metido a besta, escreveu, então, *Dumont*, que acabou virando sobrenome".

Sociedade
IVONALDO CORREA

Verão alvirubro

☐ *O conjunto "Esquema Novo", de Fernando Borges, do Recife, vem a João Pessoa no dia 12 de setembro, tocar na Festa de Abertura de Verão do Cabo Branco. As mesas já podem ser reservadas na secretaria da sede central, aos preços de Cr$ 2.500 (primeira fila) e Cr$ 2.000 para as demais espalhadas por todo o térreo do Ginásio "Manoel Ribeiro de Morais".*

Adesg escutará Governadores

☐ **O tema "A Universidade Face à Violência" será o principal enfoque da conferência que o Reitor Berilo Ramos Borba, da UFPb, vai pronunciar para os estagiários do VIII Ciclo de Estudos da Adesg/Pb.**

☐ **A palestra de Berilo Borba será pronunciada às 8 horas da noite de amanhã, com o conferencista sendo apresentado pelo professor Cleanto Câmara Torres.**

☐ **Terça-feira, será a vez do Governador Virgílio Távora, do Ceará, que falará sobre "Viabilidade Econômica".**

Elke Maravilha

☐ Está confirmada notícia saída aqui no *colunão*, domingo passado, sobre a realização de uma grande festa-desfile. A promoção terá como título "Uma Tarde de Verão Com Margarida Vasconcelos", quando ela mostrará as coleções de sua boutique carioca "Mardelle".

☐ Naquele dia (2 ou 16 de outubro), no Jangada, estará também a atriz de cinema Elke Maravilha e, possivelmente, Miss Brasília-81. A promoção é do Centro Social do Rangel da Fundação "Coriolano de Medeiros".

Foto Mário Jácome

VERÔNICA HOLANDA

Tiro e tênis do CB no sul

☐ **Também esportivamente - e não só socialmente -, o Cabo Branco irá arrancar agora no mês de setembro, coroando a excelente administração do seu presidente Ozáes Barros Mangueira. O clube vai participar de duas importantes competições nacionais, segundo adiantou Remo Germóglio.**

☐ **No início de setembro, daqui partirá a equipe de Tiro ao Alvo do Cabo Branco, para disputar o Campeonato Brasileiro na Vila Militar, no Rio. No grupo vão os "pistoleiros" Zenildo Padilha, Jorge Ribeiro Filho, José Dantas Correia de Góes, Roberto Neves e Paulo Dantas.**

☐ **Também no mesmo período, mas para Campinas (São Paulo), seguem os tenistas Emílio Romero (custeado pelo Cabo Branco) e José do Patrocínio de Oliveira Lima (por conta própria). Eles disputarão o Campeonato Brasileiro de Tênis para Veteranos.**

Foto Mário Jácome

SENHORA MARIA DE FÁTIMA WANDERLEY CASADO

Petrúcio vai em frente

☐ ***Após marcante atuação como cronista social em Recife, o jornalista Petrúcio Melo foi tentar a sorte no sul e tem se saído muito bem, graças ao seu reconhecido talento. Depois de fazer parte dos juris televisivos de Flávio Cavalcanti e de Chacrinha, o criador do termo "spcizê" está em São Paulo.***

☐ ***Agora, Petrúcio está comandando programa radiofônico. Esteve na Rádio de São Bernardo do Campo e acabou contratado pela Rádio Jornal de São Paulo, da Rede Bandeirantes, para apresentar o programa "Petrúcio Melo Via Brasil".***

☐ ***Para quem não sabe, Petrúcio Melo é irmão de Socorro Escorel, da boutique "Ginga 80".***

Rápidas

SELMA Ferreira de Melo (foto), está se preparando para instalar clínica de psicologia infantil à rua Universitário Carlos Marcelo Pinto. ☐☐☐ MANDO daqui o meu abraço para o médico Geraldo Garcia, que está aniversariando neste domingo. ☐☐☐ CAMPINHO de peladas do Cabo Branco será reinaugurado no começo de outubro. Dia 20 chegam lâmpadas e postes. Os refletores já estão em Miramar. ☐☐☐ CLUBE Astréa vai recomeçar com suas matinês dançantes todos os domingos. A primeira será no dia 6. ☐☐☐ LUIZ Bronzeado ainda sensibilizado com a homenagem que recebeu dos que fazem o Clube dos Magistrados, no dia de sua posse como desembargador. ☐☐☐ TERÇA-FEIRA vindoura o prof. José Pedro Nicodemus receberá a cidadania paraibana na Assembléia Legislativa. ☐☐☐ MÉDICO Edmundo Vasconcelos ainda no Rio participando de congresso Angiologia.

IATE ANUNCIA SEU VERÃO-81

☐ *O verão já chegou e a diretoria do Iate Clube da Paraíba, através de seu Departamento Social já iniciou entendimentos para a contratação de um artista do sul do país, a fim de participar da grande festa de abertura da temporada na agremiação maruja do Bessa. O próprio Comodoro Carneiro Braga é um dos mais interessados em fazer voltar o Iate Clube às suas atividades normais.*

☐ *Na parte administrativa, de realizações de obras, o Iate Clube não parou. Esta semana, sua diretoria entregará pronto o trapiche flutuante da sub-sede náutica de Jacaré e inicia as obras de construção da sua sauna, na sede social do Bessa. Já prontos, alí, estão o salão de jogos e a quadra esportiva, oferecendo maior participação do quadro social iatista.*

☐ *Sobre a abertura de verão, assegura o Comodoro Carneiro Braga que a festa será agora em setembro. A maior dificuldade - confessa ele - tem sido encontrar um artista do sul em disponibilidade e que excursione pelo Nordeste, para que o seu contrato não saia muito oneroso*

Foto de Saulo

MARLENE COSTA, MARLENE FIALHO E LOURDINHA MILANEZ

DESFILE NO JANGADA CLUBE

☐ ***Pelo número de modelos que Norma Pedrosa, da "La Femme Chic" esta pretendendo colocar na passarela, talvez seja o desfile do dia 10 de setembro um dos maiores já realizados este ano em João Pessoa. A promoção, que tem cunho filantrópico, é da sra. Ana Lúcia Ribeiro Coutinho, primeira dama da cidade de Santa Rita.***

☐ ***Na comissão organizadora do desfile, marcado para os salões do Jangada Clube, estão figurando Auxiliadora Borba, Deisy Nogueira Cunha, Diana Porto, Doris Minervino, Hortência Brito, Marlene Costa, Sirley Costa, Socorro Luna Soares, Suely Rolim Barreto, Tereza Cittadino e Valmira Cartaxo Queiroga.***

☐ ***Os ingressos-convites estão sendo vendidos a Cr$ 1.000 pelas patronesses, onde destacamos: Criselide Costa Bronzeado, Cléa Luna, Carmem Novais Teixeira, Cleide Brito, Conceição Cavalcanti, Carminha Viana, Clotilde Cabral, Dalila Ribeiro Gonçalves, Diene Camelo e outras.***

O Grupo Skene faz despedida

☐ **Levada à cena, pela primeira vez, sexta-feira passada, o público amante do bom teatro poderá assistir hoje a última exibição da peça "Muito Pelo Contrário", interpretada pelo Grupo "Skene", do Recife.**

☐ **Na próxima sexta-feira, no "Lima Penante" será apresentada a peça "Beiço de Estrada". Os ingressos custam 100 cruzeiros, preço único.**

Contrato

☐ ***Apontado pela crítica como um dos melhores conjuntos do país, o "Quinteto Violado" poderá vir novamente a João Pessoa, já que entrou nos planos do Cabo Branco, que quer contratá-lo para um "show" no dia 10 de outubro, reabrindo a buate alvirubra.***

☐ ***Terça-feira, aqui, está sendo esperado o empresário do "Quinteto" para abrir as negociações com o presidente Ozáes Barros Mangueira e o diretor social Océlio Antônio Queiroga Cartaxo.***

Foto Mário Jácome

SELMA FERREIRA, PSICÓLOGA

Bancária

☐ ***A sede social do Treze Esporte Clube, de Campina Grande, foi escolhida pelo cronista social Josildo Albuquerque para servir de cenário da sua Festa Bancária da Paraíba, marcada para o dia 3 de outubro.***

☐ ***Considerado como a figura que mais movimenta a sociedade serrana, Josildo anuncia ainda a contratação da Orquestra Super O'Hara para aquela promoção, que terá júri organizado para escolha da "Mais Bela Bancária do Estado"***

Viana encerra Curso na AEP

☐ O professor Ozires Viana encerrou, sexta-feira última, a disciplina "Relações Públicas e Humanas", ministrada aos futuros delegados, que estão sendo preparados pela Academia Estadual de Polícia.

☐ A matéria constou de um programa abrangente, focalizando com destaque especial os pontos que se relacionam com a instituição policial.

☐ Esse curso tem a finalidade de enquadrar a nossa polícia civil aos modernos princípios de segurança que norteiam a administração do Governo Burity e, particularmente, o trabalho eficiente do Secretário Geraldo Navarro.

Horóscopo de Sumé

Evaldo Gonçalves

As cidades têm muito das pessoas. Isto é, umas aparecem com mais inclinações para determinadas coisas do que outras. Quase diria: se há horóscopos destinados às pessoas, também existem as influências astrais para as cidades. Essa reflexão vem a propósito da cidade de Sumé, a que me sinto ligado por inúmeros compromissos afetivos e políticos. Desde que me entendo de gente – e já vai longe e foi alí mesmo em Sumé – Bancária. Há trinta anos que é cidade e tem tido uma sorte muito grande com seus Prefeitos, todos sem exceção. Não houve um só que não acrescentasse algo de substancial na obra do seu desenvolvimento. Agora mesmo, lá temos um fanático do serviço público. Quanto aos equipamentos urbanos, nada deve às outras cidades do seu porte. Ganhou um açude que foi o primeiro do Carirí, e é modelo quanto ao seu arrojado Projeto de Irrigação. Os Governos do Estado e Federal têm lhe dado algum apoio em obras de infraestrutura social e econômica. Nesse particular, melhor dizendo, dentro dessa perspectiva do interesse público, o seu horóscopo é de todo favorável. Sumé nascera sob os

Faltava a Sumé, todavia, uma Agência Bancária. Serra Branca, de um lado, e Monteiro, do outro, tinham abiscoitado todas. Nada sobrava em termos de estabelecimentos de crédito e, convenhamos, não se poderia subestimar tão importante instrumento de progresso.

Daí a luta constante e tenaz de todos para a quebra desse quase "tabu". Incorporei-me, desde a primeira hora, dentre os combatentes desse extraordinário combate. A princípio, alí instalou-se o Bradesco, há cerca de uns quatro anos. Foi um sucesso de operações, suplantando as melhores expectativas. Fizemos gestões junto ao Banco do Brasil, para uma Agência em Sumé. Estudos foram feitos e,

tral a preferência para se instalar. Outras Cidades, até menores do que Sumé, ganharam sua cobiçada Agência do Banco do Brasil. Sumé ficou na expectativa. Novos memoriais foram levados à Direção Geral do BNB, em Fortaleza, e subsistia sempre a esperança: ou mais cedo ou mais tarde a Agência do Banco do Nordeste viria. Já os incrédulos – e como os há – proclamavam que Sumé não nascera para ter Agência de Banco Oficial. O que significava dizer, no seu horóscopo não dava Banco do Governo.

O trabalho, malgrado os percalços, persistia e tudo está a indicar que vamos ter, até novembro próximo, sim, este ano da graça de N. S. Jesus

tos da casa onde ela funcionará, de início, até a construção definitiva da Sede, já foram remetidas à Fortaleza e, conforme contatos mantidos com sua direção, novembro será mês do Banco do Nordeste em Sumé. Está no horóscopo e termina mais uma batalha, sem que a guerra finde, pois, somos dos que entendem que quanto mais se faz, muito mais ainda há por fazer, sobretudo quando se trata de uma comunidade briosa como a Sumeense, de que participo como soldado, e que tem conseguido suas conquistas com muita raça e bravura. Isto sem se falar na proteção do Menino Jesus de Praga, cujas bençãos têm povoado densamente suas paisagens espirituais, nos últimos tempos, com